

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

MAYARA GODOY MENDES

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA “A GAROTA
DINAMARQUESA”, DE DAVID EBERSHOFF**

PONTA GROSSA
2024

MAYARA GODOY MENDES

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA “A GAROTA
DINAMARQUESA”, DE DAVID EBERSHOFF**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa junto ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Estudos da Linguagem como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profª Drª Marly Catarina Soares.

**PONTA GROSSA
2024**

M537 Mendes, Mayara Godoy
A construção da identidade feminina na obra "A garota dinamarquesa", de
David Ebershoff / Mayara Godoy Mendes. Ponta Grossa, 2024.
92 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração:
Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta
Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Marly Catarina Soares.

1. Feminismo. 2. Transfeminismo. 3. Identidade feminina. 4. Gênero. 5.
Sexualidade. I. Soares, Marly Catarina. II. Universidade Estadual de Ponta
Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 808

MAYARA GODOY MENDES

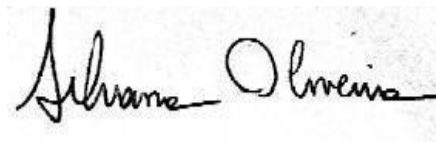
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA "A
GAROTA DINAMARQUESA", DE DAVID EBERSHOFF

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos
da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de
concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 21 de agosto de 2024



Prof.^a Dra Marly Catarina Soares – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.^a Dra Silvana Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.^a Dra Cleide Antônio Rapucci - Unesp - Faculdade de Ciências e Letras
- Campus de Assis

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei que chegaria até aqui, hoje posso afirmar que é possível sonhar, e melhor ainda, realizar, basta querer e se dedicar. Chego ao final de uma longa e árdua jornada, com muitos obstáculos e desafios, apenas sorrindo e pensando como Deus é bom, o tempo todo.

Meu primeiro agradecimento vai a uma das pessoas mais importantes da minha vida, que nunca desistiu de mim e me motivou a continuar mesmo quando eu achei que não seria capaz, minha mãe, Vera. Entre tantas lutas e tantas dores, dedico esse título e todo o tempo de estudo a você, transformando este trabalho em amor. Não sei se chegaria tão longe se você não estivesse comigo. Agradeço também ao nosso eterno passarinho (meu avô), que está junto de nós desde que se despediu do plano físico, chegar ao final dessa trajetória foi uma das últimas promessas que fiz a ele, antes do nosso último abraço, naquela cama de hospital. A cada dia que passa eu o amo ainda mais! Ao meu Pai, Wanderley, minha irmã Thaise e tia Neusa também, ao meu lado todo o tempo, cuidando de mim e me ajudando a atingir e realizar esse sonho de me tornar cada vez mais pesquisadora e defensora da ciência.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dra. Marly Catarina Soares, que aceitou entrar nessa jornada ao meu lado e que me ensinou o tamanho da importância de se estudar a respeito da nossa identidade, um tema que, às vezes, é deixado de lado até mesmo na sociedade atual, obrigada por me guiar, sanar minhas dúvidas e meus anseios e compartilhar comigo toda a sua caminhada ao lado do feminismo, gratidão pelo presente que recebi durante minha vida acadêmica.

Prof^a Dra. Silvana Oliveira, minha gratidão também vai a você, que aceitou nosso convite e contribuiu de maneira esplêndida com o desenvolvimento da pesquisa, que aborda um tema de tamanha importância para ser discutido, dentro e fora da academia. Prof^a Dra. Cleide Antonia Rapucci, dedico minha gratidão por todas as suas contribuições teóricas que enriqueceram o desenvolvimento da pesquisa, abordando questões como a transfobia, um assunto que precisa ser abordado, mas ainda não tem a visibilidade merecida. Assim, posso afirmar que todos os seus conhecimentos enriquecem ainda mais as pesquisas acadêmicas e no momento atual isso carrega uma importância sem medida.

Não poderia deixar de mencionar uma pessoa que me ajudou muito! Vilminha! Durante todo o tempo em que estive presente no programa ela sanou muitas dúvidas, me acalmando e incentivando a continuar. Colegas que conheci durante meu percurso, também, Gratidão sempre! Neste longo período de idas e vindas, aprendi que, mais do que a pesquisa, é preciso aprender que todas as atividades e desafios pelos quais passamos ao longo da vida

ofertam consequências, sejam elas boas ou ruins, no meu caso, o tempo que passei afastada de tudo foi para que eu fosse capaz de compreender que a vida é um sopro e que não precisamos de muita coisa para sermos felizes.

Enfim, gratidão a todos que caminharam ao meu lado durante todos os momentos vividos, dentro da pesquisa de tamanha importância para a ciência, pois a identidade da mulher é algo que precisa carregar a visibilidade merecida, ainda por muito tempo.

“Há um princípio *bom* que criou a ordem, a luz e o homem,
E um princípio *mau* que criou o caos, as trevas e a mulher.”
(Pitágoras)

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”
(Beauvoir)

RESUMO

MENDES, Mayara Godoy. **A Construção da Identidade feminina na obra “A Garota Dinamarquesa”, de David Ebershoff**. Orientadora: Marly Catarina Soares. Ponta Grossa, 2024. 93 páginas. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2024.

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção da identidade de Lili Elba, personagem que viveu uma história de amor no início da década de 1930, na Dinamarca, protagonista da obra de David Ebershoff, *A Garota Dinamarquesa*. Esta pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico nos leva a alguns teóricos que nos ajudam a compreender as inúmeras possibilidades de construção da identidade, sendo elas em relação ao gênero ou ao sexo, considerando que é possível afirmar que as identidades são construídas e vividas de maneiras diferentes. Para desenvolver a análise, recorreremos aos teóricos que abordam e trabalham conceitos de gênero, incluindo cultura, identidade e sexo. Inicialmente, contamos com aporte teórico de autores como Homi Bhabha (2013), Judith P. Butler (2019), Terry Eagleton (2011), Teresa Lauretis (1994), Stuart Hall (2013), Guacira Lopes Louro (2004), Joan W. Scott (2002), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Letícia Nascimento (2021), Heloisa Buarque de Hollanda (2019) e Silvia Federici (2019). Os autores supracitados ajudam na compreensão de como, na época retratada no romance, a protagonista constrói e desenvolve uma identidade totalmente oposta à sua, partindo “do zero”. No momento histórico em que estamos inseridos, ainda é possível afirmar que existem certas “regras” sociais que seguimos de forma rígida de acordo com os costumes que conhecemos ao longo da vida. Iniciamos essa pesquisa abordando como ocorre, ao longo da vida da protagonista da obra de David Ebershoff (2016), a construção do gênero. A seguir, analisamos a construção de gêneros a partir de conceitos que mantêm relação direta com a protagonista da obra, resultado de assumir sua nova identidade. Assim, é possível concluir que em várias sociedades, ainda existe o patriarcado, como na obra ficcional, fazendo com que a busca pelos direitos seja uma tarefa árdua, para assumir uma identidade, seja ela de gênero, sexual, cultural, sem passar por pré-julgamentos. Ao final da dissertação, discutimos comparações a respeito do desenvolvimento da obra como livro e analisamos a protagonista com a discussão da ficcionalização do real.

Palavras-chave: Identidade feminina; Gênero; Sexualidade; Feminismo e Transfeminismo.

ABSTRACT

MENDES, Mayara Godoy. **The Construction of Female Identity in the work "The Danish Girl", by David Ebershoff**. Advisor: Marly Catarina Soares. Ponta Grossa, 2024. 93 pages. Dissertation (Master in Language Studies) – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2024.

This work aims to analyze the construction of the identity of Lili Elbe, a character who lived a love story in early 1930s Denmark, and the protagonist of David Ebershoff's novel *The Danish Girl*. This qualitative and bibliographic research draws on theorists who help us understand the various possibilities of identity construction, whether related to gender or sex, considering that identities are constructed and experienced in diverse ways. To develop this analysis, we turn to theorists who explore and elaborate on gender concepts, including culture, identity, and sex. Initially, we rely on the theoretical frameworks of authors such as Homi Bhabha (2013), Judith P. Butler (2019), Terry Eagleton (2011), Teresa de Lauretis (1994), Stuart Hall (2013), Guacira Lopes Louro (2004), Joan W. Scott (2002), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Leticia Nascimento (2021), Heloisa Buarque de Hollanda (2019), and Silvia Federici (2019). These scholars assist in understanding how, during the time depicted in the novel, the protagonist constructs and develops an identity entirely opposite to her original one, starting "from scratch." Even in our current historical context, it is evident that certain social "rules" are rigidly followed according to the customs we have internalized throughout life. We begin this research by exploring the construction of gender throughout the life of the protagonist in Ebershoff's work (2016). Next, we analyze the construction of gender from concepts that are directly related to the protagonist's experience of assuming her new identity. Thus, it is possible to conclude that, as in the fictional work, patriarchy continues to exist in many societies, making the pursuit of rights and the assumption of an identity—whether gender, sexual, or cultural—a challenging task, often met with prejudice. In the conclusion of this dissertation, we discuss the comparisons between the development of the novel as a literary work and the analysis of the protagonist, particularly concerning the fictionalization of reality.

Keywords: Female Identity; Gender; Sexuality; Feminism and Transfeminism.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
1 UMA ANÁLISE DA PROTAGONISTA ATRAVÉS DA FICCIONALIZAÇÃO DO REAL	14
1.1 O NASCIMENTO DE LILI	18
1.1.1 Lili – benevolência ou depreciação?	23
1.2 O QUE É IDENTIDADE? QUAL SUA RELAÇÃO COM A EXPOSIÇÃO DO CORPO HUMANO?.....	25
1.3 A GAROTA DINAMARQUESA.....	27
1.4 FRÄULEIN LILI ELBA – UMA MOÇA DINAMARQUESA EM DRESDEN.....	33
2 IDENTIDADE SEXUAL.....	38
2.1 IDENTIDADE DE GÊNERO – NÃO É UMA ESCOLHA.....	45
2.2 CONCEITOS DE IDENTIDADE SEXUAL	48
2.3 PROBLEMATIZAÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL PRESENTE NA OBRA.....	54
3 DEFININDO A IDENTIDADE DE LILI ELBA – QUESTÕES DE GÊNERO – CONSTRUÍDAS SOCIOLÓGICA OU BIOLÓGICAMENTE?	61
3.1 NÃO SE NASCE MULHER	69
3.2 CONHECENDO GRETA WAUD – UMA CALIFORNIANA DENTRO DA DINAMARCA	74
3.3 LILI OU EINAR? A SUPREMACIA ESTÁ A CAMINHO.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	90

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um simples favor que a pintora pede ao seu marido transforma suas vidas de cabeça para baixo. Uma mistura de medo e êxtase surge na vida de Einar quando sua esposa pede que se vista com uma meia calça feminina, desenvolvendo um alter ego feminino por quem Greta se sente estranhamente atraída.

A proposta de análise contida neste trabalho tem como base um romance ficcional escrito por David Ebershoff (2016). O enredo traz a história de Einar Wegener, o primeiro indivíduo a se submeter à cirurgia de redesignação sexual (CRS), assumindo a identidade de Lili Elba, e então sendo considerada a primeira mulher transgênero da história. O romance de ficção histórica que está em análise é uma ficcionalização do real e foi baseado na história da primeira mulher transexual e transgênero registrada na Dinamarca em meados de 1930. A obra foi escrita por David Ebershoff, autor norte-americano, e publicada em 2016. O romance foi uma inspiração para o filme dirigido por Tom Hooper (2016). Tanto a produção ficcional do livro quanto o filme foram baseados no diário de Lili Elba, encontrado e publicado algum tempo após sua morte, em 1931, e que possuía o nome *Man into Woman*¹. A biografia é híbrida e semificcional, pois o autor ainda afirma que nenhuma das personagens presentes na obra carrega alguma relação com a vida real de Lili, reafirmando que são completamente ficcionais.

Atualmente, existem duas maneiras pelas quais o romance em análise pode ser encontrado e conhecido pelas sociedades, sendo elas a obra escrita por David Ebershoff (2016) e a adaptação ao filme, que também ocorreu no ano de 2016. O escritor Ebershoff (2016) já lecionou em Universidades de Nova York e em Princeton, mas atualmente é professor de Pós-Graduação na Universidade da Columbia. Algumas obras produzidas pelo autor têm recebido aclamação crítica e já foram traduzidas para aproximadamente vinte idiomas.

David Ebershoff possui algumas outras obras publicadas além de *The Danish Girl* (2016), elas são carregadas de ficção que envolvem a mulher. Suas obras são: *Pasadena*, seguida de *A cidade de Rosa* e *A 19th esposa*, publicada em 2008. Assim como *A garota dinamarquesa*, todas as obras do autor receberam prêmios como o Best-Seller, ofertado pelo New York Times e o Oscar conquistado pelo filme *A Garota Dinamarquesa*.

A primeira publicação do romance ficcional histórico trazendo a história de Einar Wegener e Greta Waud foi publicado no ano de 2002 e intitulado *A moça de Copenhague*, o

¹ O diário *Man Into Woman* foi editado e publicado por Niels Hoyer, como uma biografia híbrida e semificcional, após o falecimento de Lili, no começo de 1931.

qual foi impresso novamente em 2016 com a capa baseada nos atores que interpretam o casal principal do filme, Eddie Redmayne e Alicia Vikander.

É possível afirmar que as duas formas diferentes de admirar a arte remetem à mesma história de ficção. De um lado o filme dirigido por Tom Hooper (2016) carrega uma imagem em que Lili sente a necessidade de transformar sua vida, focando na valorização da maternidade, o que para ela transforma-se em algo indispensável porque seria uma mulher apenas quando fosse capaz de tornar-se mãe, temos um filme que trabalha com conceitos a respeito da valorização da maternidade que passa a ter relação com a identidade do gênero feminino a partir do século XVIII. Por outro lado, no romance, mesmo após algumas cirurgias que transformam fisicamente o corpo de Einar no corpo de Lili, antes de ir embora para Nova York e viver e concretizar sua liberdade, ela ainda tem um último desejo a ser realizado pelo Prof. Dr. Bolk, a inserção uterina para que ela consiga realizar o sonho de se tornar mãe e provar aos indivíduos a sua volta que ela realmente é uma mulher.

É notório afirmar que o romance carrega a história da transformação de identidade de uma mulher que nasce em um período em que a sua imagem, tanto sexual quanto de gênero, além de não ser aceita socialmente, passa a sofrer *bullying* em relação às suas vontades e às mudanças pelas quais ela irá passar no decorrer do romance. Assim, a obra traz outras personagens que buscam ajudar na realização dos sonhos de Lili Elba. Contudo, vale ressaltar que na presente dissertação não comentamos a respeito de questões históricas nas quais a protagonista está inserida, pois a atual análise não tem referência com fatores históricos.

O romance se desenvolve em alguns lugares diferentes, iniciando em Copenhague, cidade localizada na Dinamarca, seguindo para Paris, na França, em seguida em Dresden, na Alemanha, e no final em Copenhague e Dresden. No final do romance, Lili falece por complicações em sua última cirurgia quando o útero é rejeitado e surge uma infecção generalizada em seu corpo, o que ocasiona sua morte.

No momento histórico em que a obra se desenvolve, a Dinamarca optou por adotar uma política neutra, permanecendo assim na Primeira Guerra Mundial, evento a partir do qual a Alemanha decide posicionar-se contra o Reino Unido, a França e a Rússia, em busca de respostas para as revoluções políticas, como as políticas imperialistas estrangeiras das grandes potências da Europa. A Primeira Guerra teve início em 1914 e finalizou apenas em 1918.

Atualmente e após a Segunda Guerra Mundial, a Dinamarca se tornou um dos membros fundadores da Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA), da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e das Nações Unidas. Em questões culturais, a Dinamarca foi a primeira cultura socialmente progressista do mundo que, no ano de 2012, foi o primeiro país a

introduzir o casamento igualitário. Um ponto importante a se considerar a respeito dos costumes culturais desenvolvidos na Dinamarca é a pontualidade e a igualdade, maneiras de comportamento seguidas pelos dinamarqueses. Essas características foram adotadas para a construção das personagens presentes na obra.

A justificativa pela escolha dessa obra estar em análise se dá pela possibilidade de análise do enredo com alguns conceitos que ainda não possuem visibilidade suficiente em estudos perante as sociedades. Conceitos como gênero, sexo, heteronormatividade, transexualidade, cisheteronormatividade, entre muitos outros estão presentes no romance e despertam no leitor a vontade de sanar dúvidas a respeito do desenvolvimento de quem realmente somos.

A obra fictícia analisada é composta por vinte e nove capítulos, divididos em quatro partes, iniciando em Copenhague, no ano de 1925, na cidade em que ocorre o primeiro aparecimento de Lili Elba. A protagonista aparece na fase adulta de um jovem pintor, que já está casado com uma artista e segue uma vida calma e serena ao lado de sua esposa. Nesse romance conhecemos a história de vida de cada personagem que tem importância no desenvolvimento de vida de Lili, sendo eles Einar Wegener, Greta Waud, Carlisle Waud e Hans Axlil, a primeira amizade que surge na vida do artista (Einar Wegener), ainda na infância, ocupando o lugar de seu único e melhor amigo. No decorrer desses capítulos conhecemos histórias de vida de cada personagem, tendo como importante fato salientar que cada um leva consigo feridas do passado.

Einar e Greta se conheceram na Academia de Belas-Artes, enquanto Einar lecionava, Greta iniciava sua jornada no mundo das artes, que futuramente faria parte de sua vida. Alguns anos mais tarde, eles constroem um laço de amor, tornando-se um casal e compartilhando momentos de amor durante toda a obra. Greta dá forças para que, futuramente, Lili Elba possa oficializar seu nascimento. No desenvolvimento do romance as identidades de Lili e Einar são abordadas de maneiras completamente distintas, contudo, para o pintor eram pessoas diferentes, tratando algumas questões como algo muito nítido. Lili Elba surge como uma terceira pessoa na vida e na relação do casal.²

Já no mundo artístico ocorre uma comparação em relação aos estilos de produção artística, enquanto Einar pintava pequenos retratos de paisagens que fizeram parte de sua infância, demonstrando sentimentos de tristeza e depressão, Greta retratava seus clientes em tamanhos reais e em “situações excitantes”. Assim, enquanto Einar vendia muitos quadros,

² Nesta dissertação, a protagonista foi tratada como Einar Wegener e Lili Elba, pois um dos objetivos da escrita era analisar como ocorre o nascimento e a construção da identidade feminina ao longo do romance.

Greta ainda não havia obtido sucesso em sua carreira artística. A partir do capítulo oito da obra, em que Greta passa a produzir seus quadros com uma mulher sexy, desconhecida e sensual, sua carreira passa a despertar interesse em muitos ambientes, mesmo após a mudança do casal de um país a outro. Dessa forma, o sucesso chega até Greta a partir dos quadros de Lili Elba.

Para a compreensão da ficcionalização do real é possível notar, primeiramente, que existem referências importantes quando a família de Greta se muda e o casal se afasta antes mesmo do casamento ocorrer. A família Waud se retira da Califórnia por motivos da invasão da França que ocorreria pela Alemanha, considerando a Europa um lugar que não era mais seguro. A Guerra é notada quando Kaiser está prestes a invadir a Bélgica e o pai de Greta, em decisão de proteger sua família, acaba tirando Greta de perto de seu futuro amor. Assim, durante algum tempo, Einar e Greta permanecem longe um do outro, mas isso não interfere em nada, considerando que alguns anos mais tarde eles voltam a se encontrar tornando, no desenvolvimento do enredo, seu relacionamento real.

Um dos objetivos desta pesquisa é propor ao leitor respostas de como a identidade feminina é construída a partir de um momento histórico cultural – o qual foi utilizado para a construção da ficção, e dentro dele – muitas atitudes ainda não são permitidas ou respeitadas, tendo assim no primeiro capítulo da dissertação, intitulado *Uma análise da protagonista através da ficcionalização do real*, uma visão do relacionamento estabelecido entre as identidades de Einar e Lili, considerando que inicialmente eram duas pessoas diferentes buscando a supremacia de um corpo físico.

Essa análise ocorre de maneira cronológica e inicialmente está focada em Einar Wegener. O segundo capítulo, intitulado *Identidade sexual*, vai se direcionar às questões relacionadas à construção de uma nova identidade física e de sexo em que um homem inicia sua transição de vida primeiro em seus pensamentos e em seguida passa a solidificar todos os seus desejos fazendo cirurgias que possam levá-lo a tornar-se mulher. No último capítulo da dissertação, *Definindo a identidade de Lili Elba – questões de gênero – construídas sociológica ou biologicamente?*, abordar-se-á questões relacionadas aos teóricos que ajudam o leitor a compreender como e por que a construção da identidade é algo que ocorre dia após dia e que pode mudar ao longo de nossas vidas, uma vez que estamos inseridos em determinadas culturas que pré-determinam de quais maneiras as identidades devem se comportar ao longo das variadas fases da vida.

Em seguida, abordagens a respeito de como ocorre a construção da identidade sexual, de maneira real e ficcional, são discutidas de acordo com teóricos que trabalham questões que envolvem a problematização da identidade sexual. E, ao fim desta pesquisa, a abordagem segue

o caminho de análise de acontecimentos que se passam no desenvolvimento ficcional do romance, mas que se baseiam na vida de Lili Elba, a primeira mulher transexual e transgênero a passar por procedimentos cirúrgicos capazes de transformar sua identidade, registrada na Dinamarca.

Dessa maneira, dar-se-á destaque a algumas consequências pelas quais a personagem passa mostrando ao leitor que um dos objetivos dessa pesquisa é descobrir as inúmeras diferenças existentes entre questões sexuais e de gênero que seguem de maneira sólida na ficção do romance, como na vivência da protagonista em busca de seus objetivos. É importante pensar e considerar que a identidade de gênero ocorre quando o sujeito em questão adota uma maneira diferente de desenvolver sua vida, também é importante salientar que o gênero é a identidade sólida do que o sujeito se identifica ao longo da vida, ou seja, o gênero não é uma escolha, o gênero é uma identidade.

1 UMA ANÁLISE DA PROTAGONISTA ATRAVÉS DA FICCIONALIZAÇÃO DO REAL

Neste capítulo analisaremos a construção da personagem protagonista de forma cronológica, relacionando duas identidades, que inicialmente eram tratadas de maneiras separadas, sendo Einar Wegener e Lili Elba. Em seguida, analisaremos também a ficcionalização do real, abordando e trazendo comparações entre as diversas maneiras de apreciar a arte, sendo elas a leitura do romance ou o ato de assistir ao filme. Vale salientar que o foco deste trabalho está direcionado ao livro. Dessa forma, o autor comenta no posfácio do romance como sua inspiração para a escrita da ficção surgiu, vejamos a seguir o comentário emitido em setembro de 2015:

Durante um breve período no início da década de 1930, Lili Elbe virou uma notícia internacional, reconhecida como uma das primeiras pessoas a passar por uma cirurgia de afirmação de gênero, com seu nome impresso em jornais ao redor do mundo. Atualmente, retratada por Eddie Redmayne no filme *A garota dinamarquesa*, Lili Elbe é reconhecida por muito mais gente pelo que sempre foi: uma pioneira trans (Ebershoff, 2016, p. 351).

O primeiro contato do escritor com a imagem que inspira a construir a obra deu-se quando os quadros de Lili, feitos pela – até então – esposa de Einar, Greta Waud, surgiram no mundo artístico tanto em Paris quanto em Copenhague. A escrita do primeiro livro ocorre no ano de 2002 e alguns anos mais tarde passa a contar com uma capa diferente, pois carrega as imagens dos protagonistas integrantes do elenco do filme. O lançamento da segunda edição do livro e do filme ocorrem em 2016. Nesta dissertação as análises ocorrem de acordo com o romance histórico e ficcional publicado no ano de 2016, século XXI.

Ao analisarmos o significado da palavra literatura, Vasco D. Lopes nos explica que encontramos as múltiplas maneiras de comunicação, sendo elas do ponto de vista histórico, político, econômico ou cultural e, dessa maneira, caminhamos diretamente ao significado da ficção, que foi embasado no significado real do romance. A construção da ficção do real baseia-se na mistura do verdadeiro e do falso, tendo como resultado a narrativa. Assim, Lopes coloca que se a ficção “absorveu, por si, quase toda a literatura, a narrativa é, então, a configuração estruturante da ficcionalidade. Ela é peça fundamental quando se trata de construir ficções, no sentido de elaborar uma ficção verossímil que é o mecanismo proposto para revelar algum elemento da realidade” (LOPES, p. 2, s.d).

Consoante à citação, se a definição de “ficção” trazida pelo autor é “que qualquer ato, conscientemente, inventa uma realidade que serve para acrescentar uma significação ao que

chamamos de real” (LOPES, p. 3, s.d), ela se encaixa na ficção histórica presente nesta pesquisa, uma vez que, historicamente, Lili Elba foi a primeira mulher a se submeter a uma cirurgia de redesignação sexual. A pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus desenvolveu um pequeno manual intitulado *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*, onde encontramos informações que auxiliam a compreender a respeito das formações e desenvolvimento das identidades. Neste guia, após uma explicação simples e objetiva a respeito das variadas identidades com as quais podemos nos identificar, Jaqueline afirma que:

Em suma, ao contrário do que se costuma pensar, o que determina a identidade de gênero transexual é a forma como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico. Em decorrência disso, muitas pessoas que hoje se reconhecem ou são taxadas como travestis seriam, em teoria, transexuais (Jesus, 2012, p.16).

Dessa forma, a autora afirma de maneira simples que a cirurgia de redesignação sexual não é mais obrigatória, a importância agora tem sido designada à forma como o sujeito em questão se identifica. O respeito precisa seguir lado a lado com o desenvolvimento de sua nova identidade.

No enredo da obra, Ebershoff (2016) constrói uma ficção ocultando alguns acontecimentos reais da vida de Lili. Em uma breve leitura de um artigo acadêmico escrito por Eliza Teixeira de Toledo e Isabela de Oliveira Dornelas, acadêmica da Universidade Federal de Minas Gerais, encontramos alguns questionamentos e problematizações. Situando-se como uma primeira crítica, um homem cisgênero foi selecionado para representar uma mulher transgênero, tornando possível questionar qual a visibilidade e representatividade da mulher dentro de determinadas culturas e situações:

Com suas limitações – como ser protagonizado por um ator cisgênero, o que cabe ser problematizado –, *A garota dinamarquesa* dá visibilidade a debates atuais sobre relações de gênero por meio da história da primeira paciente registrada a passar pela cirurgia de redesignação sexual. [...] Mais do que isso, algumas de suas cenas nos levam a pensar sobre dualismo hierárquico de gênero que vivemos atualmente (Toledo; Dornelas, 2015. p. 850).

Seguindo no artigo acadêmico, encontramos a segunda crítica em destaque, que afirma que tanto na obra quanto no filme um fato sobre Greta é ocultado, seu sucesso profissional se inicia quando ela pinta imagens de Lili em seu dia a dia. As obras resumem-se em situações de Lili registradas de maneira “sensual”, com teor sexual:

Enquanto pintava, Greta não pensava em nada, ou tinha impressão de não pensar em nada: seu cérebro e seus pensamentos pareciam-lhe leve, como as tintas que misturava na paleta. [...] Mesmo assim, ela ficou surpresa com a recepção que os quadros de Lili

tiveram em Copenhague naquele outono. Rasmussen se ofereceu para expô-los na galeria por duas semanas em outubro. O trípico original, *Lili Três Vezes*, foi vendido imediatamente, após uma breve disputa entre um sueco com luvas de pele de porco roxas e um jovem professor da Academia Real. O retrato de Lili adormecida sobre o sofá de encosto recurvo alcançou mais de 250 coroas; não era tanto quanto as obras de Einar valiam, mas era o mais perto que Greta já chegara disso (Ebershoff, 2015, p. 113-114).

Com relação ao filme *The Danish Girl* (lançado no Brasil em 2016), é importante salientar que Lopes afirma que a “singularidade do Cinema está na sua capacidade de reproduzir a realidade” (LOPES, s.d, p. 3), ou seja, o cinema precisa transparecer a ambiguidade imanente ao real. O autor ainda afirma que existe uma consciência da existência da Mídia em todos os lugares, destacando que ela tem total controle sobre nós. Diante disso é possível concluir que “o imaginário da sociedade contemporânea está sensivelmente relacionado ao consumo e mecanismos de produção, associação e construção de imagens” (LOPES, s.d, p. 4), assim compreendemos que as imagens, narrativas e dramaturgias ultrapassam fronteiras e são conhecidas de maneira mundial.

Representar uma ficcionalização do real nada mais é do que uma atuação de forma dramática, construindo a história apenas conhecendo situações as quais a/o protagonista já vivenciou. Nesse determinado momento surge uma apropriação de mecanismos de construção de representação de maneira midiática. Essa representação pode ocorrer de várias formas, como nos exemplos da obra de David Ebershoff (2015) e na de Thomas George Hooper (2015).

A ficcionalização, neste caso, baseia-se no diário de Lili Elba, que foi encontrado e publicado logo após seu falecimento em 1931. Sua história inspirou estudos e discussões a respeito tanto das diversas identidades quanto dos costumes aos quais estamos inseridos atualmente. O lugar da mulher na sociedade deve ser respeitado na mesma medida do lugar do homem, mas esse questionamento ainda precisa ser abordado, pois ainda existem culturas que respeitam e seguem regras impostas pelo patriarcado.

Ainda seguindo os estudos de Vasco Lopes, o autor afirma que a mídia está presente em vários âmbitos de nossas vidas, muitas vezes monopolizando diversas situações e conclusões que devem ser abordadas. A influência que a mídia, tanto televisiva quanto de livros, jornais, ou até mesmo da rádio pode impactar em determinadas decisões que tomamos ainda é dominante, e isso significa que o ser humano carrega uma necessidade maior de participar de discussões a respeito de assuntos que poderão refletir em suas próprias vidas. Para Lopes:

Temos consciência de que a *Mídia* está presente em todos os lugares. Ela tem controle totalizante sobre nós. Perante tal monopolização acabamos por comprar e consumir a forma de vida que está implícita na própria Mídia. Mediante essa premissa poder-se-á concluir que o imaginário da sociedade contemporânea está sensivelmente

relacionado ao consumo e mecanismos de produção, associação e construção de imagens. (LOPES, s.d, p. 4.)

A primeira versão do romance lançada por David Ebershoff no ano de 2002 carrega consigo o intuito de discutir e abordar temas como a transgeneridade encontrada na época decadente da Europa na década de 1930. Alguns costumes e regras sociais seguidos na época em que Lili surgiu, jamais considerariam a situação da personagem, mas é importante salientar que esta pesquisa não contempla esses costumes, pois baseia-se em um romance e, além disso, em momento algum buscamos costumes reais da década de 30. Por outro lado, na sociedade atual em que vivemos imersos em preconceitos, ainda é considerada maior e mais aceitável do que a realidade na qual Lili vive dentro do romance.

Nesse ponto, é possível encontrar situações que justificam o porquê de Lili e Greta buscarem ajuda em continentes diferentes, considerando as ameaças direcionadas a Einar após receber vários diagnósticos patológicos de médicos diferentes.

Após a tal visita ao dr. Hexler, haviam recebido uma carta dele. Greta a abriu e lera a ameaça, por parte de Hexler, de denunciar Einar e Lili às autoridades sanitárias. ‘Ele pode se tornar um perigo a sociedade’. Ela visualizara o dr. Hexler ditando a carta à enfermeira ruiva através da mangueira com o funil na ponta. O choque daquela carta, da tentativa por parte de outra pessoa de controlar o futuro de Lili, perturbara-a profundamente, e ela não estava raciocinando direito quando Einar chegara em casa após uma visita a Anna. Sem pensar jogara a carta rapidamente dentro do fogão de ferro. ‘Hans nos escreveu’, dissera. ‘Ele acha que devemos nos mudar para Paris. Vamos nos mudar imediatamente’ (Ebershoff, 2016, p. 156).

É importante salientar que a construção midiática relacionada ao filme faz o indivíduo refletir sobre o sentido de ofertar seguranças na construção de novos costumes a serem seguidos ou até mesmo em nossas vidas.

Um segundo autor que também trabalha com definições e conceitos a respeito da ficção é Umberto Eco (1994). Eco foi um escritor, filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo italiano que construiu fama internacional. Eco também foi titular na cadeira de Semiótica e diretor da Escola Superior de Ciências Humanas na Universidade de Bolonha. Em sua obra intitulada *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994), Eco define como devemos diferenciar as situações de ficção com a realidade. O primeiro conceito trazido por Eco define as diferenças entre ficção e real, vejamos o que o escritor coloca:

A norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de “suspensão de descrença”. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. De acordo com John Searle, o autor simplesmente *finje* dizer a verdade. Aceitamos o acordo ficcional e *fingimos* que o que é narrado de fato aconteceu (Eco, 1997, p. 81).

O autor ainda afirma que, assim que o leitor entra no *bosque da ficção*, passa a assinar algo que chamamos de acordo ficcional, tendo ciência de que alguns acontecimentos presentes na obra não são de fato algo que ocorre na realidade, mas a definição do conceito de ficção não é tão fácil de compreender, considerando que ao mesmo tempo em que o autor não está relatando o mundo real, ele também não está escrevendo mentiras, pois a ficção é escrita de maneira na qual dois mundos passam a caminhar lado a lado, o mundo ficcional e o mundo real.

1.1 O NASCIMENTO DE LILI

Ao pensar na obra de David Ebershoff, *A garota dinamarquesa* (2016), a primeira cena que vem na mente do leitor é a clássica cena em que a esposa de Einar, Greta, precisa finalizar um de seus quadros, mas a modelo que irá adquirir sua obra de arte cancela novamente sua ida ao ateliê. Em um momento, Greta tem a brilhante ideia de pedir ajuda ao marido, pois é um ato tão simples que, aos olhos dela, não significaria nada demais.

Aqui, Einar passa a ter um olhar diferente a respeito de si mesmo quando, pela primeira vez, enxerga-se vestido com roupa feminina, fato que desperta em sua esposa um fetiche sexual. Ao mesmo tempo que para Greta uma simples brincadeira oferecia ao seu casamento algo diferente e divertido, Einar sente em seu corpo um misto de medo e prazer. Porém, a partir de determinado momento, isso foge completamente do controle quando a identidade de Lili passa a se solidificar.

O nascimento de Lili Elba mostra ao leitor o início de um incômodo que ela carregou durante toda sua vida dentro de si, o que significou divergências na identidade presente em relação a seu corpo físico e a identidade presente em sua mente. Dessa forma, a batalha precisava necessariamente ter alguém para receber a supremacia do corpo.

Na clássica cena em que Einar aceita ajudar sua esposa na finalização de um quadro, o pintor pega no sono ao ficar mais relaxado enquanto sua esposa trabalha, então, sonha com um nome que será utilizado futuramente em sua vida: Lili.

O silêncio que se fez no andar inferior sugeria um beijo de perdão. Nesse momento, ouviu-se uma risada ainda maior por parte de Greta e Anna, e, quando Einar ia pedir-lhes que saíssem do ateliê para deixá-lo trocar de roupa em paz, Greta disse num tom de voz suave, cuidadoso e nada familiar: – Porque não chamamos você de Lili? (Ebershoff, 2016, p. 22).

Lili surge na vida do pintor ainda na sua infância, quando o pai briga com Einar por encontrar o filho usando roupas de sua falecida mãe. Nesse momento é possível notar que Einar demonstra-se como uma personagem que se encaixa em gênero-fluido. Encontramos conceitos

de identidade de gênero não-fluido em um site denominado *Agência de Notícias da Aids*, publicado em dezembro de 2022, que nos ajuda a compreender o conceito básico de *genderfluid* (gênero-fluido), que surgiu pela primeira vez oficialmente a partir da década de noventa e que define a identidade como algo que flui tanto para o masculino quanto para o feminino sem dependências, podendo caminhar até mesmo nas questões neutras entre as demais variações.

O sujeito que se define como tal não se identifica totalmente em apenas um gênero, mas, questionando algumas atitudes, busca dar vivência a ambas simultaneamente. Nessa página acessada para compreensão do termo acima citado, existem alguns relatos de pessoas que não se encaixam no conceito de gênero binário, explicando como e a partir de que momento suas vidas se encaixaram em gênero-fluido.

Nesse romance, o gênero-fluido se encaixa a partir do momento em que nem mesmo Einar sentia-se capaz de ter ciência de quem acordaria em seu corpo, ou por exemplo, quando Greta perguntava quando Lili estaria presente e ele não sabia responder. O entendimento da presença de Lili na vida do casal era completamente diferente, pois enquanto Greta pensava que para ter a presença de Lili ao seu lado bastava pedir ao marido que se vestisse com roupas femininas, Einar sabia que ele precisava “guardar” sua identidade e sentir Lili se aproximando, como se ocorresse uma troca de identidades dentro da sua mente.

Enquanto Einar dormia ao lado da esposa, no outro dia, Lili acordava ao lado de sua amiga, tomando totalmente as rédeas de sua vida. É possível notar a “inocência” de Greta quando ela passa a discordar de certas atitudes e prefere se afastar do marido a conhecer mais e buscar ajuda para Lili:

Quando Einar perguntava, Greta contava-lhe coisas que ele não conseguia recordar. – Quer dizer que você esqueceu? – disse ela na manhã seguinte. – Que você pediu para se encontrar com ele de novo? Einar recordava-se apenas de parte da noite anterior. Quando Greta lhe disse que Lili ficara na ponta dos pés para dar um beijo de boa noite em Hans, ele ficou tão constrangido que arrastou uma cadeira de ferro até a varanda e ficou quase uma hora olhando para os limoeiros do parque. Não parecia ser possível. Era como se ele não houvesse estado lá. – Ele gostou de conhecer Lili. E falou com muito afeto de Einar. Mal pode esperar para se encontrar com você novamente. Disso você se lembra? – perguntou Greta. Ela não dormira bem. Seus olhos estavam afundados nas órbitas. – Você prometeu que ele poderia encontrar-se novamente com Lili hoje. – Não fui eu – disse Einar. – Foi Lili. – Pois é – disse Greta. – Sempre esqueço disso. (Ebershoff, 2016, p. 99).

Em certos momentos Einar passa a refletir o porquê das preocupações de Greta em relação à presença de Lili. Se, para ele, a presença de Lili não é considerada um incômodo, por que se tornaria um incômodo para Greta? Einar sentia a necessidade de aceitação da presença de Lili pela esposa e que, na produção de seus quadros, Lili fosse reconhecida por Greta como

uma amiga, mas sem quaisquer questionamentos que ela (Lili) ainda não sentia segurança em responder.

É válido evidenciar que no desenvolver do romance existe uma comparação entre as identidades de Einar e Lili, enquanto de um lado o pintor demonstra melancolia, uma imagem depressiva e covarde para tomar determinadas atitudes, Lili desenvolve coragem a exercer suas funções e realiza os seus desejos, fazendo com que o leitor compreenda que ela teve uma imagem feminina para seguir de exemplo, Greta Waud. Quando Lili opta por realizar a cirurgia de redesignação sexual, Greta passa a discordar de suas atitudes, mas Lili decide seguir com suas vontades e com sua transformação.

É importante salientar que o filme *The Danish Girl* não será utilizado nessa pesquisa em comparação ao romance literário. Porém, é necessário pensar que a partir do momento em que Lili, visitando alguns médicos e se submetendo a alguns tratamentos, se sente focada em conseguir realizar seu maior objetivo, o que vai fazer com que ela se sinta verdadeiramente uma mulher: tornar-se mãe.

Teoricamente, a ideia da maternidade consolidada na década de 1930 foi tomada como base por Lili por ser a ligação mais forte que ela poderia ter com a identidade feminina. A protagonista afirma por diversas vezes que só se tornaria realmente uma mulher quando realizasse o sonho de ser mãe. Toledo e Dornelas (2017) apresentam um artigo a respeito do filme, mas que não será utilizado em comparação ao romance literário, em que abordam assuntos como a valorização da maternidade, relacionada diretamente à identidade feminina a qual passa a ter visibilidade no Ocidente no início do século XVIII.

Outro ponto importante comentado pelas autoras a respeito do filme traz o dualismo hierárquico de gênero no qual estamos inseridos atualmente:

Podemos conceber que a adaptação da história para o filme está inserida em um contexto de intensas demandas por reconhecimento de direitos civis por parte de indivíduos transgêneros e transexuais. Mais do que isso, algumas de suas cenas nos levam a pensar sobre o dualismo hierárquico de gênero que vivemos atualmente. Assim, o filme é um aporte para o debate de tais temáticas, para novos questionamentos e permite olhares diversos, segundo vivências diversas, para seu enredo (Dornelas; Toledo, 2017).

Essa análise que faz referência ao filme coloca ao leitor que a identidade de gênero que a protagonista se identifica ao longo da obra é focada apenas em tratamentos médicos, os quais Lili busca no decorrer do enredo até o momento em que tem a certeza de quem ela é, podendo, então, solidificar sua identidade.

A pesquisa ainda nos coloca questões históricas que podem ser relacionadas ao momento atual em que estamos inseridos, pois esses assuntos ainda precisam ser abordados de

maneira mais frequente. Tais questões que interpelam identidades de gênero ainda não atingiram o respeito que merecem, e um exemplo encontrado no romance ficcional é o momento em que Einar sente momentos de depressão até conseguir compreender quais serão os rumos de sua vida.

Além dos pensamentos suicidas de Einar, Lili ainda é diversas vezes questionada por médicos se ela sabe quem ela é ou se possui apenas um transtorno, sendo um homem que perambula pela cidade vestido de mulher.

Ainda presentes no romance, existem algumas personagens importantes que agem como um suporte necessário para a construção e concretização da identidade de Lili Elba. Aqui, encontramos seu círculo de amigos e alguns médicos aos quais Lili buscou ajuda ao lado de Greta Waud, a esposa de Einar. Cabe dizer que nesta dissertação existe um espaço onde Greta é apresentada e analisada.

Em seguida, temos Hans Axxil, o primeiro e único melhor amigo de Einar. Em sua infância, torna-se uma imagem masculina para Einar, pois seu pai é muito ausente e Hans proporcionou a ele seu primeiro beijo. Na fase adulta, Hans Axxil retorna à vida do pintor quando Greta desenvolve a ideia da mudança do casal para Paris em busca de outros médicos que possam interferir no tratamento de Einar/Lili. Mais tarde, quando ocorre o desaparecimento total de Einar, Hans se torna o grande amor e se relaciona com Greta Waus no final do romance.

Carlisle Waud, o irmão gêmeo de Greta, aproxima-se tanto de Lili quanto de Einar, acompanhando-os nas consultas médicas e ofertando ajuda nos procedimentos e nas tomadas de decisões. Carlisle passa a ser como um “irmão” para Lili no momento em que Greta passa a discordar de determinadas atitudes, como a inserção uterina, por exemplo. Carlisle aceita e a acompanha.

Anna Fonsmark é a cliente que precisou cancelar sua ida à Casa da Viúva, ateliê em que Greta produzia seus quadros, e que logo no início do romance faz com que Greta procure a ajuda do marido para finalizar a obra. Anna despertou em Einar uma lembrança, uma sensação que o pintor havia guardado a sete chaves desde sua infância. É possível considerar que, mesmo de maneira indireta, teria sido quem “despertou Lili”. Sua presença segue até o final da obra, pois, quando necessita, Anna permanece ao lado de Lili, apoiando suas atitudes e decisões, e no final do romance, quando visita Lili na Clínica Municipal Feminina, localizada em Dresden, na Alemanha.

Henrik Sandahl é uma personagem importante, pois protagoniza o primeiro beijo de Lili em sua fase adulta, que ocorre no Baile dos Artistas, evento no qual Einar decide que não quer comparecer, mas no Ateliê, Lili escreve bilhetes para Greta, perguntando se pode ir no

lugar de Einar. Esse é o primeiro aparecimento de Lili Elba em público. Alguns anos mais tarde, passará a ser o grande amor de sua vida, pedindo sua mão em casamento. Henrik aceita esperar enquanto Lili passa por alguns procedimentos médicos, cirurgias e consultas para que possa realizar seu maior sonho, tornando-se esposa e mãe.

Aguardando que esse sonho se concretize, Henrik espera sua amada em Nova York, lugar onde organiza sua casa e a futura festa de seu casamento. Henrik é uma personagem considerada heterossexual e cisgênero, pois é um homem que se relaciona com uma mulher. Apesar disso, Henrik pode ser considerado como um homem machista e conservador, pois não aceita que Lili leve para sua nova casa os quadros que foram produzidos por Einar. Lili estava disposta a viver uma nova vida ao seu lado, deixando qualquer memória da vida de Einar para trás.

No romance também encontramos alguns médicos que Einar passa a procurar, recebendo diagnósticos patológicos até encontrar quem decide tratar de seus questionamentos da maneira mais correta. Dr. Hexler, o primeiro médico que Einar busca ajuda e que faz alguns exames no corpo do pintor, não consegue encontrar nada de errado. Einar sofre algumas ameaças de denúncias para a equipe de vigilância sanitária e o motivo apresentado pelo médico é que naquela época homens não poderiam se vestir de mulher e achar que aquelas atitudes seriam normais ou naturais – anos antes, o pai de Einar teria utilizado a mesma desculpa e decidira não tocar mais no assunto.

Alguns médicos os quais Einar busca atendimento são Dr. McBride, que fornece a Einar um diagnóstico como um homem homossexual e fornece ao paciente conselhos de como “se conter/controlar”, desistindo de dar continuidade à ideia. Dr. Mai é o segundo médico pelo qual Einar passa e que, no final de alguns exames, encontra o diagnóstico de esquizofrenia, propondo tratamento o qual Einar apenas se esquia. Dr. Buson é o médico psiquiatra, que diagnostica Einar e indica ao pintor uma cirurgia na cabeça, a lobotomia. Einar não aceita e segue em busca de algum médico capaz de ajudá-lo da maneira que ele julga como correta.

O Dr. Professor Alfred Bolk, o último médico que aparece no romance, faz Einar e Greta se sentirem mais confiantes, pois é a ele que Greta pede ajuda, em 1929, em Dresden. Quando Einar se sente exausto por dividir sua vida entre duas identidades completamente opostas, ele estipula um prazo de um ano para definir quem terá a supremacia do corpo, caso não consiga tomar essa decisão, ele voltará à praça pública de Paris e cometerá suicídio. O Dr. Prof. Bolk está disposto a transformar a identidade física do corpo de um homem para o corpo de uma mulher por meio de cirurgias, sendo assim, ele acompanha Lili Elba até seus últimos dias.

Antes de finalizar seu trabalho ao lado de Lili, o último procedimento proposto pelo médico seria a realização de um sonho de Lili: tornar-se mãe. Isso acarreta na necessidade de uma cirurgia de inserção uterina, considerando que no último procedimento da inserção de ovários o resultado tenha sido positivo, deu tanto ao médico quanto à paciente força descomunal para a realização da cirurgia final. Infelizmente, em seu último procedimento, Lili acaba com algumas complicações em decorrência de uma infecção generalizada e vem a falecer.

1.1.1 Lili – benevolência ou depreciação?

Agora, proponho uma análise em torno da figuração feminina construída em Lili, buscando a compreensão do porquê e quais os benefícios ela teria em viver uma identidade carregando características opostas às de Einar.

Enquanto de um lado Einar apresentava basicamente atos um tanto corajosos quanto violentos para buscar sua real identidade, Lili apenas se escondia atrás de sua feminilidade, ou seja, passou a apresentar ao leitor a imagem de uma mulher vitimizada, ou seja, a construção de alguém que carrega características identitárias totalmente opostas a quem sua primeira identidade demonstrava. Enquanto Einar busca incessantemente descobrir quem ele é e quais são os possíveis caminhos de seu destino, Lili já sabe quais objetivos quer alcançar, ofertando a compreensão de que esse caminho já esteja solidificado, mesmo antes de conseguir realizar. Um exemplo simples a respeito disso é o casamento de Lili com Henrik, que mesmo antes de ocorrer, Lili tinha convicção de que esse acontecimento ocorreria após realizar seu último procedimento medicinal.

Sabemos que o romance é dividido em quatro partes, então, logo no decorrer da segunda parte, que se desenvolve em Paris no ano de 1929, algumas mudanças passam a existir quando Lili toma posse do corpo e da vida, e do outro lado, Einar acaba desaparecendo lentamente, ao mesmo tempo da vida de Lili e do casal.

As idas e vindas de diferentes identidades sobre o mesmo corpo estavam totalmente fora de controle. Agora, esse argumento relaciona-se tanto a Greta, quem deu início a essa brincadeira, quanto a Einar, a personagem protagonista que não tem controle sobre o próprio corpo. É possível notar um exemplo na cena a seguir. Nas manhãs de verão, Lili frequentava uma piscina, ofertada para senhoras, neste lugar, Lili banhava seu corpo durante trinta minutos. Tomando ciência de que só poderia fazer isso porque ela e Greta deixaram a Dinamarca, ou seja, o nascimento dela tornou-se real apenas em Paris. “Paris a libertara. Greta a libertara. Einar, pensava ela, estava se afastando. Einar estava a libertando” (Ebershoff, 2016, p. 145).

Nesta mesma cena, após Lili pensar em sua liberdade tornando-se real, ao ir até as cabanas ofertadas pela piscina para troca de roupas, a protagonista se encontra em um transe e partindo de um determinado momento, Einar encontra-se ali:

A princípio, ele ficava confuso, com o olhar perdido do espelho. Não sabia onde estava, e não reconhecia o avesso da lona listada dentro da cabana. Não reconhecia os suaves ruídos feitos pelas senhoras ao nadar. No cabide, a única roupa pendurada era um simples vestido marrom com um cinto. Sapatos pretos com salto em cunha. Uma bolsa com batom e algumas moedas. Um lenço de *chiffon* com estampa de peras. Ele era um homem, pensava subitamente, mas apesar disso só podia voltar para casa se vestisse aquelas roupas. [...] Ela dera o colar para Greta, que odiava âmbar e o dera a Einar; e ele – disse ele se lembrava – dera-o para uma mocinha chamada Lili (Ebershoff, 2016, p. 145).

Diante da mudança do casal de Copenhague para Paris, Lili passa a ter inúmeras aparições na vida de Einar, muito além do que o casal poderia imaginar. Paris é a cidade na qual ocorre oficialmente o nascimento de Lili, mas também é importante lembrar do prazo que Einar estipulou para decidir quem teria a supremacia do corpo físico – Einar ou Lili? Einar passou a frequentar a casa de shows da Madame Jasmine-Carton e assistiu a um casal praticando o ato sexual e naquele momento o pintor percebeu que queria que o homem fizesse com ele o que estava – naquele momento – fazendo com a mulher durante o espetáculo. E durante o tempo em que esteve lá, Einar ejaculou.

A situação de vida de Einar se agrava quando ele sai da Casa de Madame Jasmine-Carton e vai até a praça pública da cidade onde babás levam crianças a passeio em meio a uma tarde de sol. Ali, Einar é alvo de julgamentos por estar em meio às crianças inocentes portando calças sujas. Nesse momento ocorre a maior promessa de sua vida: antes de oficializar sua identidade feminina, Einar e Lili seguiram presentes no romance dividindo o mesmo corpo físico, mas portando identidades diferenciadas. Um momento de grande importância ocorre quando Einar, em uma profunda crise, ameaça à própria vida, fazendo uma promessa de que, se no período de um ano ele não souber quem terá a supremacia de seu corpo, Einar ou Lili, ele voltará à Praça Pública da cidade e cometerá suicídio.

Era maio de 1929, e ele se daria o prazo de um ano. A praça estava na penumbra, com o sol escondido pelas nuvens. A sebe parecia estar com frio; as folhas novas tremiam. Mais uma vez, o vento ergueu a água do chafariz e lançou-a sobre o cascalho. Se em um ano, exatamente, Lili e Einar não tiverem se entendido, ele viria à praça e se mataria. Isso fez com que empertigasse o corpo. Já não conseguia mais tolerar aquele caos na sua vida. Greta ainda tinha uma pistola prateada dos seus tempos californianos. Fora criada com a arma enfiada na meia. Ele retornaria à praça com a pistola, e sob a negra noite de maio, a encostaria na têmpora. [...] Quando fez reverência e disse '*Merci*', tudo o que Einar sabia sobre si mesmo juntou-se numa coisa só: os cordões do avental ao redor da cintura; as jovens mãos de Greta segurando sua cabeça; Lili de sapatos amarelos na Casa da Viúva; Lili nadando na piscina do rio

naquela manhã. Einar e Lili eram um só, mas já era hora de dividi-lo em dois. Ele tinha um ano (Ebershoff, 2016, p. 148-149).

Finalmente, a transição de Lili se solidifica, transformando a vida de Einar durante quatro anos, essa transição ocorre um ano em Copenhague e mais três anos em Paris. A partir desse momento, Lili chegou para ficar, trazendo a Einar a consequência da necessidade de desaparecer tanto de sua própria vida quanto da vida de sua até então esposa, Greta, que ficaria viúva pela segunda vez. Ao longo desses quatro anos Einar passa a não existir mais.

1.2 O QUE É IDENTIDADE? QUAL SUA RELAÇÃO COM A EXPOSIÇÃO DO CORPO HUMANO?

O conceito de identidade caminha lado a lado com várias categorias já trabalhadas nesta pesquisa. Para dar início à discussão/compreensão, é importante conhecer um assunto abordado pela teórica Judith Butler em seu livro denominado *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. Neste livro, a autora afirma que a identidade feminina é capaz de ser facilmente diferenciada da identidade masculina ou da dominação patriarcal. De acordo com Butler (2019, p. 21):

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não se logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da ‘pessoa’ transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classicistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que isso se tornou impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.

O patriarcado foi construído histórico e sociologicamente no decorrer dos anos, mesmo com a existência de diversos movimentos que se posicionando contra, em busca de seus direitos (que em teoria deveriam ser iguais para todos), ainda assim não exercem sua função perante a sociedade feminina. Butler (2019) afirma que a noção de um patriarcado universal segue sendo criticada recentemente, “por seu fracasso em explicar mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela ainda existe” (Butler, 2019, p. 22). A relação coexistente entre o patriarcado e os modelos preexistentes e determinados a serem seguidos à risca ofertam perigo a quem não tem plena certeza de quem é ou quer ser. Independentemente da cultura histórica, em ambos os casos, a heterossexualidade nos é obrigatoriamente imposta pressupondo que os opostos se atraem.

A autora ainda afirma que existe um erro em pensar que a orientação sexual de uma pessoa surge como consequência de sua identidade de gênero, sendo ela uma mulher ou um homem, em relação às características genéticas.

A orientação sexual é algo que se constrói ao longo da vida e não é possível afirmar que seja concreto, que nasce “pronto”, juntamente ao ser humano. Observando o enredo do romance ficcional, é possível perceber que Lili já está presente na vida de Einar logo quando acontece seu primeiro beijo, protagonizado por Hans, seu amigo por quem Einar era apaixonado e que o beija na boca. Uma possível justificativa ocorre quando temos a comprovação da ausência do pai na fase da infância de Einar, considerando que, quando está próximo do filho, o pai demonstra agressividade e nervosismo. Mesmo quando não está doente, o pai sempre se mantém afastado do filho. E Lili, por não ter uma relação saudável com o pai, acaba por ser “guardada” na mente de Einar. Já na sua fase adulta, Hans volta a se encontrar com Lili, porém, inicialmente sendo apresentada como prima do pintor. Após o primeiro aparecimento de Lili na fase adulta do pintor, Greta, a esposa, percebe que suas vidas jamais seriam mais as mesmas, algo estava prestes a mudar.

Com relação às identidades, neste momento sugiro que façamos uma reflexão a respeito dos conceitos a seguir, pois é notória a diferença existente entre os conceitos de “cisnormatividade” e “heteronormatividade”, uma vez que é claro que esses termos não possuam o mesmo significado. O conceito de “heteronormatividade” baseia-se apenas em relacionamentos pessoais, heterossexuais, os quais podem ser aceitos, ou considerado algo “comum/normal”, mas isso coloca a heterossexualidade como uma regra a ser seguida perante a sociedade.

Em contrapartida, o conceito de “cisnormatividade” apenas separa as pessoas dentro da sociedade, situando os integrantes cisgênero de um lado, considerado “normal”, e as pessoas transgênero sendo julgadas como exceção. O conceito de “cisheteronormatividade” define as formas de relacionamento que podem estar presentes na sociedade, considerando que um homem cisgênero relaciona-se com uma mulher cisgênero supondo uma linearidade que mantém relacionamentos entre o binarismo feminino/masculino. Os conceitos foram retirados de um artigo de psicologia, feito por um grupo de alunos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e publicado em 2023.

No enredo, encontramos dois tipos de relacionamentos diferentes, pois sabe-se que Einar desenvolve seu casamento com Greta logo no início do romance enquanto Lili se encontra com Henrik, alguém com quem ela sente vontade de desenvolver sua própria família assim que finalizar suas cirurgias. Mesmo nas duas possibilidades de relacionamento, é possível notar uma

diferença crucial entre Einar e Lili. Enquanto de um lado Einar era um homem tímido, que passa a demonstrar insegurança e medo em cada decisão prestes a ser tomada, Lili Elba passa a demonstrar suas vontades realizando seus desejos apesar de ter sido contrariada muitas vezes.

1.3 A GAROTA DINAMARQUESA

Edith Modesto é uma Professora Dra. em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH/UPS e Fundadora e Presidente da ONG: GPH – Associação Brasileira de Pais de Homossexuais. Com sua pesquisa relacionada à transgeneridade, ela aborda o parâmetro que rege as identidades de gênero, afirmando que na sociedade atual, dentro dos grupos minoritários, seja de qualquer ordem, o de pessoas transgêneros é o mais rejeitado, socialmente falando, sendo importante salientar que mesmo na sociedade atual ainda carregamos existência da transfobia.

Ainda em relação a esse preconceito sofrido pelas pessoas transgêneros, é possível afirmar que o período de vida dessas pessoas é muito curto se comparado ao de pessoas heterossexuais, da mesma forma que nos anos anteriores. Desta forma, a primeira definição que a autora traz em sua pesquisa coloca a identidade de gênero como algo que assumimos logo no momento do nascimento, resumindo-se a masculino/feminino e homem/mulher. Por conseguinte, o significado de transgeneridade seria a possibilidade de assumir algo oposto ao que temos como características biológicas.

Desta forma, a autora ainda explica que dentre os pesquisadores de gênero, a transgeneridade ainda não tem visibilidade acadêmica suficiente. Modesto (2013, p. 50) ainda afirma que:

Em outros termos, acontece a transgeneridade quando a identidade de gênero [...] discorda do que aparenta sua conformação biológica, como meninos ou meninas, realizada no momento de seu nascimento, parâmetro de atribuição de gênero, masculino ou feminino. A existência de bebês que nascem intersexo reforça o conceito que sexo biológico, macho ou fêmea, e gênero, masculino ou feminino, são independentes.

A autora ainda nos coloca que além das utilizações de denominações estereotipadas que a sociedade nos oferta, é possível assumir sua identidade de acordo com as suas vontades, sendo elas relacionadas à heterossexual, homossexual, bissexual ou até mesmo assexuada. Em sua pesquisa, também aborda as questões minoritárias, ou seja, existem trabalhos pouco efetuados, mas que ainda assim os pesquisadores tentam explicá-los de maneira detalhada e com resultado satisfatório.

Modesto (2013) afirma que a construção discursiva histórica sobre o gênero nos leva diretamente às definições do binarismo, o que nos remete à macho/fêmea ou masculino/feminino. Isso faz com que as pessoas normais desenvolvam suas identidades ao longo da vida, e as que questionarem ou decidirem desenvolver algo diferente seja diagnosticado como patológico, levando as pessoas transgêneros a serem consideradas como doentes. Baseando sua pesquisa em Foucault (Apud. 2005, p. 99-100), ela ainda afirma que seus estudos abriram caminhos para percepção de que o desenvolvimento do gênero abre um dispositivo de poder, para as sociedades modernas, para inserção de gêneros e regulações sociais diferentes.

Em sociedades antigas o gênero masculino e a heterossexualidade eram mais valorizadas, tendo questões de poder mais fortes em relação ao gênero feminino tornando a heterossexualidade um caminho obrigatório, em mais de uma sociedade, até mesmo em tempos atuais. Antes de dar início à discussão de conceitos que têm relação direta com a obra em análise, é importante salientar que sexo, gênero e identidade, apesar de andarem sempre lado a lado, não possuem o mesmo significado.

A Professora assistente do I Departamento de Psicologia Social e Escolar de UPPA e Mestre em Ciências Sociais, Eunice Figueiredo Guedes (1995), traz em seu texto um esclarecimento a respeito da palavra gênero, questionando e respondendo atuais dúvidas a respeito disso.

Guedes (1995) divide sua pesquisa científica em três partes, o artigo intitulado *Gênero, o que é isso?* possui a primeira parte direcionada para “Os significados: gênero, masculino/feminino, homem/mulher: o dicionário de língua portuguesa...”, o segundo trata diretamente do feminismo, “Movimento de Mulheres/Movimento Feminista – E o Gênero?”. E por fim, “Gênero: algumas abordagens teóricas e os Elementos Constitutivos do Conceito na perspectiva de Joan Scott”. Dentre os pesquisadores trazidos por Guedes, a professora cita Joan Scott, autora que também está presente nesta pesquisa de dissertação.

Iniciando sua pesquisa, a autora aborda questões que possuem relação direta com movimentos sociais, como o Feminismo. No primeiro eixo, Guedes (2015) aborda importantes diferenças entre o masculino/feminino e homem/mulher e esses conceitos dividem basicamente a sociedade por agrupamentos onde os sujeitos são agregados por comportamentos comuns pré-determinados. Em um significado proposto no dicionário, ‘gênero’ terá, logo de primeira, uma definição de caracteres comuns, comportamento social pré-determinado. Vejamos:

Se prosseguirmos pelos caminhos da língua brasileira, buscando o sentido do termo, vamos muito mais que além, pois através destas considerações já se percebe o quanto

que a língua reflete a construção cultural do povo que a nomeia, a partir da dominância de características comuns, representações sociais que nos atravessam a nós, indivíduos, às instituições sociais, como escola, igreja, direito, etc., às normas e valores sociais instituídos socialmente e expressos em códigos de comportamento sociais (Guedes, 1995, p. 6).

Inicialmente, a autora coloca que gênero possui um significado simples, nada mais é do que os comportamentos sociais pré-determinados e aceitos (ou negados) pela sociedade, ou seja, algo que foi historicamente construído, e neste mesmo estudo, a partir do segundo subtítulo, a autora também aborda questões relacionadas à história e cita o primeiro *Movimento de Mulheres/Movimento Feminista*, registrado no Brasil. Por fim, a professora ainda afirma que a sociedade atual se encaixa no terceiro período, que começa em 1989. Desta forma, afirmando que “resgatar o ser mulher foi importante para os diferentes movimentos, mas não significou mudanças nas relações sociais expressas nas práticas cotidianas, nas práticas institucionais [...]” (Guedes, 1995, p. 8).

A professora supracitada afirma que os historiadores ainda procuram conceitos de gênero capazes de sanar três importantes questionamentos, sendo eles: I) dar conta de desigualdades sociais as quais podem ser consideradas radicalmente diferentes, II) alta qualidade de trabalho com relação à história das mulheres, e, por fim, o qual focaremos neste momento, III) “um desafio teórico, exigindo a análise não só da relação entre as experiências masculinas e femininas no passado mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais” (Guedes, 1995, p. 9).

É possível notar que a construção do significado do gênero decorre historicamente, tendo sua base em seguimentos de costumes antigos, bem como na sociedade atual. Costumes patriarcais ainda carregam dificuldade em serem totalmente quebrados. Por fim, em seu texto, a autora coloca que apesar dos estudos ainda existem inúmeras incertezas que precisam ser sanadas e relacionadas à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e focada em diferenças, semelhanças e multiplicidades, tendo relação direta com a identidade, seja ela de gênero ou em outras questões. Atualmente, sabemos que enfrentar essa reflexão é um árduo trabalho que precisa ser feito por todos ao nosso redor e diariamente.

O conceito de identidades binárias nos leva a conhecer a teórica Gayatri Chakravorty Spivak (2010), que aborda em suas pesquisas questões patriarcais. A pesquisadora define o patriarcado como uma cultura na qual as pessoas que estão inseridas são obrigadas a seguir regras pré-determinadas, sejam elas direcionadas especificamente ao sexo, aos costumes, etc. A autora questiona se a mulher, em determinados locais e épocas, consegue adquirir seu local de fala perante a sociedade na qual ela está inserida, buscando motivos e razões pelas quais a

mulher é colocada abaixo do homem, tendo que obedecer às regras que lhes são impostas pelo marido, pai, dentre outras imagens do sexo masculino.

No momento histórico atual, existe um trabalho voltado para questões sociais, levando o indivíduo a questionar se é possível afirmar que a identidade feminina ainda segue os mesmos padrões sociais antigos com relação às ligações entre homem e mulher, ou afirma-se que a mulher já conquistou seus locais, tanto de fala quanto de visibilidade, frente a sociedade atual?

A autora ainda coloca que o significado do sujeito subalterno indica que a imagem da mulher sempre será situada abaixo da identidade do homem, independentemente de qualquer fator social, como questões de raça ou até mesmo financeiras. A mulher sempre está abaixo do homem. A mulher negra, pobre e marginalizada está localizada de maneira a obedecer quem tenha a voz que será usada por ela e para ela. Essas são regras padronizadas e seguidas há muito tempo.

No prefácio do livro de Gayatri Spivak, encontramos a pesquisadora Sandra Regina Goulart Almeida, que analisa o assunto em questão relacionado às mulheres. Os ensinamentos caminham com temas que são levados em conta como “TABUS”, por exemplo, quando uma menina em seu período menstrual recebe dispensa nas aulas porque está “doente”, ou até mesmo quando uma mulher, adolescente ou adulta, encontrava-se nesta situação recebendo recomendações que a impedem de lavar louça ou tomar banho frio durante o período menstrual.

É importante salientar que no momento histórico atual algumas questões ainda existem se comparadas aos períodos anteriores, porém sendo reconhecidas como determinadas atitudes machistas, salientando que a mulher não pode se igualar ao homem, sendo localizada abaixo dele em situações de trabalho. Por exemplo, quando um homem e uma mulher desenvolvem as mesmas funções, mas recebendo salários diferentes e a mulher recebe menor valor monetário do que um homem. Aqui também caberia um exemplo ainda encontrado atualmente: quando ocorre um casamento, o papel designado à esposa é cuidar de sua casa e dos filhos enquanto o homem sai para trabalhar, obtendo o sustento à casa. Situação que era uma das vontades de Lili no romance assim que realizasse seu casamento com Henrik.

No período em que ocorre o desenvolvimento do romance de origem semificcional, a identidade feminina era muito vulnerável, sensível e frágil, características que Lili tinha vontade de assumir publicamente quando a personagem protagonista, antes de seu último procedimento médico, imagina sua vida futura ao lado do marido comprando alimentos na feira para preparar o jantar enquanto ele sai para trabalhar. Estar submissa a ele é o que a faria se sentir bem.

Judith Butler (2009) traz em seu texto intitulado *Desdiagnosticando o gênero* informações e pesquisas relacionadas aos últimos tempos, onde existem debates que abordam

o estatuto do diagnóstico de transtorno de gênero, em que os integrantes das comunidades LGBT querem mantê-los em estudo, pois assim existe a possibilidade da continuação de uma patologia. Isso é para que as pessoas que carregam a necessidade de transformação de identidade consigam acesso aos tratamentos devidos em alas médicas considerando que em muitos lugares esses tipos de patologias não oferecem cirurgias gratuitas.

Nesse estudo, Judith Butler (2009) afirma que nos últimos tempos existem debates nos quais se tem abordado o Estatuto do Diagnóstico de Transtorno de gênero, onde os integrantes de comunidades LGBT querem mantê-lo em estudo, pois assim existe a possibilidade de pesquisar a respeito de patologias (palavra que costuma carregar um significado pejorativo em relação às identidades), pois é possível afirmar que a decisão futura tenha sido baseada em um diagnóstico a qual não possui embasamento algum.

Antes de receber uma resposta positiva ao tratamento e às cirurgias, o paciente precisa passar por alguns testes psiquiátricos, psicológicos e até mesmo físicos, como vestir-se com as roupas de sua futura identidade e usá-la para obter a certeza de que a pessoa concretize (ou não) “o costume” com determinadas situações. Aqui, a autora ainda afirma que, quem recebeu esse diagnóstico ainda é julgado pelos pais por terem “falhado” na criação de seus filhos e, como consequência disso, essas pessoas são obrigadas a conviver com algo que algumas vezes “pode tornar-se um fator para o suicídio” (Butler, 2009, p. 98).

Atualmente, ainda existe o fato de que o desejo heterossexual seja postulado, ou seja, o modelo a ser seguido é de que os opostos se atraem e se alguém não se encaixa nesta regra de seguir durante toda a vida sendo alguém que já foi pré-determinado no momento de nascimento, está quebrando regras, e viver algo “proibido” acaba se tornando perigoso. Em contrapartida, em seus estudos Butler (2009, p. 100) salienta que:

É importante considerar, mais seriamente, como o mapa da homossexualidade e do gênero é radicalmente mal desenhado por aqueles que pensam desse modo. De fato, as correlações entre identidade de gênero e orientação sexual são, na melhor das hipóteses, turvas: não se pode prever, com base no gênero de uma pessoa, qual identidade de gênero ela terá e qual ou quais direções do desejo essa pessoa, ao final, levará em consideração e seguirá.

Butler (2009) explica que a identidade de gênero não vai obrigatoriamente predizer a orientação sexual, tampouco como a sexualidade, apesar de andarem lado a lado não precisam necessariamente exercer funções únicas. Existem inúmeras identidades que podem ser construídas ao longo da vida, transferindo suas características de acordo com o que agrada o sujeito em questão. A liberdade de exteriorizar quem nós queremos ser ainda não possui total visibilidade, mas é possível afirmar que seguimos na luta para que, enquanto o patriarcado seja

deixado de lado, a liberdade de se identificar com o que nos agrada passe a tomar maior visibilidade em relação ao respeito, seguindo quaisquer caminhos que sejam escolhidos por cada pessoa. O diagnóstico que a autora aborda em seu texto é uma maneira que busca estabelecer o gênero como algo a ser seguido de forma imutável, ou seja, a identidade masculina deverá obrigatoriamente seguir os padrões e a identidade feminina também, sem qualquer questionamento.

Apesar do diagnóstico ainda ser mantido, existem três consequências que podem ser provocadas como objeto de transição, sendo elas:

- (a) incluir, naqueles que recebem o diagnóstico, um sentimento de transtorno mental,
- (b) acirrar o poder do diagnóstico na conceitualização da transexualidade enquanto patologia, e (c) ser usado como argumento para manter a transexualidade no âmbito das doenças mentais por aqueles que participam de institutos de pesquisa com amplo suporte econômico (Butler, 2009, p. 104).

Como dominamos, as definições de sexo e gênero são construídas separadamente e de maneiras diferentes sem a necessidade de caminharem lado a lado. Mas, ao mesmo tempo, o gênero abrange mais de uma vertente as quais podem ser investigadas. O sexo define-se a partir de um corpo material, ou seja, algo sólido que o ser humano carrega, mas da mesma maneira algo suscetível a mudanças de acordo com as necessidades, como alguém que nasce mulher e opta por construir sua vida tanto em um corpo quanto em uma identidade masculinas. Quando pensamos que as definições de sexo e gênero seguem caminhos diferentes, Butler (2009, p. 108) afirma que:

Se os traços corporais ‘indicam’ o sexo, então o sexo não é exatamente a mesma coisa que o signo que o indicou. O sexo se torna compreensível por meio dos signos que indicam como ele deveria ser lido e compreendido. Esses indicadores corporais são os meios culturais através dos quais o corpo sexuado é lido. Eles próprios são corporais e funcionam como signos; assim, não há nenhum caminho fácil para distinguir entre o que é ‘materialmente’ verdadeiro e o que é ‘culturalmente’ verdadeiro a respeito de um corpo sexuado.

Contrariando os significados de que o gênero pode ser construído ao longo da vida, o sexo masculino e/ou feminino pode ser alterado de acordo com as vontades expostas pelo indivíduo, mas não muda ao longo de sua vida, a sua autodeterminação, ou seja, independente do que lhe é imposto, cada indivíduo pode optar pela liberdade de decidir e desenvolver a identidade da maneira que mais lhe convém.

Ainda é importante salientar que a identidade de gênero não deveria ser considerada e tratada como uma patologia, uma doença que é tratada como se houvesse a possibilidade de obter a cura. A opção de liberdade em decidir quem você quer ser, sendo na identidade sexual

ou de gênero, deveria ser respeitada da mesma maneira em que tomamos as decisões no dia a dia, sendo elas pela escolha de uma roupa que vamos vestir ou pelo corte de cabelo que queremos ter, entre várias outras opções.

1.4 FRÄULEIN LILI ELBA – UMA MOÇA DINAMARQUESA EM DRESDEN

A protagonista que embasa a pesquisa é apresentada no romance *A Garota Dinamarquesa*, escrito por David Ebershoff e recentemente publicada, em 2016. Trata-se de um romance ficcional baseado em uma história real da primeira mulher disposta a passar por procedimentos cirúrgicos e medicinais para conseguir assumir sua nova identidade sexual e de gênero, transformando-se de homem em mulher. Dentro da ficção, Lili Elba desempenhou inicialmente um papel confiante, em momento algum pensando em desistir apesar de todos os desafios pelos quais ela precisou passar.

A história de Lili se inicia quando, aos sete anos, Einar foi pego de surpresa por seu pai vestindo roupas de sua falecida mãe. O pai do garoto, sempre muito agressivo, nervoso e sombrio, apenas o proibiu de repetir o ato, justificando de maneira simples que garotos não poderiam fazer isso.

De vez em quando, a saúde do pai melhorava subitamente, e ele saía de casa. Certo dia, voltara depois de uma hora de prosa à mesa da cozinha de um vizinho, e encontrara Einar miúdo para seus sete anos, mexendo nas gavetas, com as contas de âmbar ao redor do pescoço e um lenço amarelo amarrado à cabeça feito uma bela cabeleira. O rosto do pai se avermelhara, e seus olhos pareceram afundar no crânio. Einar ouvira a voz do pai vibrando de raiva na garganta. ‘Você não pode fazer isso!’, dissera o pai. ‘Meninos não fazem isso!’. E o pequeno Einar retrucara: ‘Mas por que não?’ (Ebershoff, 2015, p. 44).

É importante salientar que a infância de Einar foi uma fase muito difícil, pois o menino não tinha a presença da mãe, quem o acompanhava e o criava era seu pai, um senhor que sempre estava doente e que nunca foi capaz de demonstrar amor pelo filho, ao lado da avó do menino, que agradeceu quando o seu filho, pai de Einar, veio a falecer, pois apenas assim ele deixaria de “atrapalhar sua vida”. A distância existente entre pai e filho coloca na vida de Einar consequências graves que levam a ser um adulto tímido, que carrega medo e tem a impressão de estar incomodando as pessoas ao seu redor. Alguns conceitos passam a mudar quando o jovem pintor conhece Greta Waud. E então sua vida passa a se transformar.

A primeira justificativa sólida da presença de Lili na vida do pintor ocorre quando Greta, em uma conversa com o professor Dr. Bolk a respeito de Lili, conhece a descoberta do médico que o influencia em realizar a transformação completa que sua paciente tanto deseja. O

Professor Dr. Bolk encontra dentro do corpo de Einar – ainda em sua identidade masculina – um par de ovários – órgão feminino que passa a justificar as hemorragias que o pintor tinha uma vez ao mês, mas que ainda não teria sido diagnosticada por outros médicos. Aqui percebemos que biologicamente a menstruação prova ao leitor que sim, Lili Elba sempre existiu. Pois dentro do corpo físico de Einar, que até então era visto socialmente como um homem, agora tinha em suas mãos provas de que seu corpo não representava um corpo totalmente masculino, mas havia algumas diferenças biológicas que poderiam levar aos questionamentos a respeito da sua identidade.

Lili Elba passa a dar início à sua transição no corpo físico a partir de uma questão biológica pré-existente:

– É verdade que Einar era realmente feminino. Ou pelo menos parcialmente feminino. – Mas isso eu já sabia – dissera Greta. – Não, mas acho que a senhora não entendeu. – Bolk pegara um biscoito doce, em forma de estrela, na bandeja trazida pela camareira. – Trata-se de outra coisa. Uma coisa realmente notável. – Tinha os olhos brilhando de interesse, e Greta percebera que ele era um daqueles médicos que desejam ter algo, uma doença ou um procedimento cirúrgico, batizado com seu nome. – No abdome dele – continuara o professor –, emaranhado nos intestinos, achei algo. – Bolk entrelaçara as mãos e estalara as juntas dos dedos. – Achei um par de ovários. Subdesenvolvidos, é claro. Pequenos é claro, mas eram ovários. (Ebershoff, 2015, p. 273).

Assim, próximo aos capítulos finais da obra, o Professor Dr. Bolk descobre que a identidade feminina sempre existiu, não foi uma invenção da cabeça de Lili, e isso acaba justificando vários acontecimentos, mesmo os de sua infância, o desenvolvimento de seu corpo, sua aparência infantil mesmo em sua fase adulta e até mesmo a questão que impediu o casal, Greta e Einar, de se tornarem pais. Tudo fora justificado pela descoberta do médico, que seguiu ajudando sua paciente até seus últimos dias.

Seguindo com a pesquisadora Joan Scott (2017), ela aponta como o objetivo de compreender a importância de diferenciar os sexos no passado histórico e qual funcionamento era desenvolvido para manter a ordem social (ou até mesmo para modificá-la). A partir desse estudo, surgem as historiadoras feministas, que buscam compreender sobre quais consequências de transformações podem ocorrer tanto na vida dos homens quanto das mulheres.

No romance notamos que um diferente tratamento em relação à identidade surge ao longo da obra quando, aos quatorze anos, o pai de Einar falece e em seu enterro, a avó de Einar o presenteia com um caderninho de capa de camurça para que ele pudesse anotar todos seus pensamentos, anseios e sentimentos. Aqui, inicia-se a mudança da identidade relacionada à mudança de poder, como Scott (1995) afirma. A autora pontua que existem duas definições de

gênero que estão interrelacionadas, mas que devem ser diferenciadas. A primeira definição aborda o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais entre os sexos e a segunda define o gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Dessa maneira, possivelmente encaixamos os símbolos de mulher contendo uma imagem de vítima, sensível e que busca alguém que possa a proteger, papel este que seria entregue ao homem ao longo de sua vida.

No enredo do romance, quando Lili passa a se relacionar com um homem, ela objetiva se casar e valoriza sua identidade de mulher, estabelecendo uma questão hierárquica entre o casal. Seu objetivo final é tornar-se fértil para dar ao marido uma família.

No ano anterior, antes que ela partisse de Dresden, o prof. Bolk prometera fazer mais uma coisa por Lili, algo que faria dela uma mulher ainda mais completa. Algo que, no dizer de Greta, era 'loucura rematada'. Algo tão magnífico que parecia um sonho dourado, mas que era, conforme o professor prometera com aquela voz de baixo-profundo, totalmente possível. Enquanto Lili se preparava para deixar a clínica, Bolk lhe dissera que os transplantes ovarianos haviam sido bem-sucedidos, e que ele gostaria de tentar um transplante uterino para torná-la fértil (Ebershoff, 2015, p. 315).

Ir à Dresden e realizar a cirurgia de inserção de um útero era, para Lili, um acontecimento necessário, pois em sua mente, ela agora seria capaz de provar não a ela, mas ao mundo, que ela sempre foi Lili Elba e que o período em que viveu no corpo de Einar Wegener foi, durante parte da sua vida, um grave erro. A discordância de Greta a respeito da cirurgia, era por conta da possível gravidade de consequências posteriores ao transplante, mas também envolve o preconceito que Greta carrega, afirmando que seria impossível transformar um homem em uma mulher e que apesar de todo esforço que ofertou ao marido durante a caminhada, neste momento, ela discordava da atitude.

– O professor sabe o que está fazendo – disse Lili. – Eu não acredito nele. – Maseu acredito. – Ninguém pode engravidar um homem. É isso que ele está prometendo fazer. Isso jamais vai acontecer. Lili sentiu-se ferida pelos protestos de Greta, e seus olhos se umedeceram. – Ninguém acreditava que um homem pudesse virar mulher. Não é mesmo? Quem teria acreditado nisso? Ninguém, só eu e você. Nós acreditamos, e agora olhe para mim. Aconteceu porque nós sabíamos que podia acontecer. – Lili estava chorando. Acima de tudo, ela odiava Greta por ficar do lado oposto. (Ebershoff, 2015, p. 322).

Quando Lili perde o apoio ofertado por Greta durante toda a caminhada construída ao longo do romance, ela percebe a existência de uma necessidade de provar ao mundo que sim, ela pode tornar-se a mulher fértil, casada e carregar a identidade de gênero e sexual que jamais teria sido projetada ou solidificada na época em que viveu. Apesar de Greta negar acompanhá-la, Lili retorna a Dresden, mas na companhia de Carlisle, irmão gêmeo de Greta, que fica ao seu lado até seu último momento de vida.

A tentativa de Greta de fazer com que Lili mudasse de ideia surge ao mostrar a ela os quadros produzidos por Einar, o que acabou trazendo à Lili algumas memórias do pântano de Bluetooth, lugar em que passara sua infância ao lado da avó e de Hans. Quando surgem pequenas memórias em sua mente, Lili recusa-se a levar os quadros a Nova York, afirmando que não gostaria de desagradar o futuro marido, Henrik. Quando essas lembranças surgem, Lili percebe que, mesmo estando em sua mente, essas lembranças pertencem à outra pessoa e pede que Greta venda os quadros.

Greta sempre foi uma mulher corajosa, mas ao final da obra demonstra que ainda pensa como os outros quando afirma que ninguém acreditaria que um homem pode ser transformado em uma mulher e acaba machucando Lili com essas afirmações.

Aqui notamos que o gênero masculino não existe mais e dá espaço ao gênero feminino, carregando a necessidade de uma última experiência antes de finalizar total esquecimento de Einar e transformando totalmente sua vida para Lili Elba.

A vontade de Lili de tornar-se mãe resultou no fim de sua vida. A relação mais próxima que Lili construiu ao lado do conceito de romantização da maternidade que, segundo ela, seria capaz de comprovar sua feminilidade. É importante afirmar que essa atitude não seria necessária. Encontramos uma definição de romantização da maternidade quando a psicóloga Fernanda Espíndola Allegretti (2020) explica que a maternidade compulsória consiste em executar as regras sociais e biológicas, que de certa maneira condicionam a mulher a seguir um cenário em que ela precisa necessariamente ser mãe. Resumidamente, a mulher segue um caminho de conjunto de práticas sociais de uma maneira não pensada, mas obedecendo costumes históricos aos quais ela está inserida.

No desdobramento do romance, a necessidade de tornar-se mãe surge quando Lili passa a acreditar que apenas poderá exercer seu papel de esposa, quando possuir um útero saudável dentro do seu corpo. A tarefa mais árdua de sua vida era conceber o filho ao seu futuro esposo, mas o filho natural e obrigatoriamente do casal. No final do romance o preço relacionado a esse desejo torna-se a sua vida.

Aqui existe a possibilidade de notar que a transformação da identidade de Einar ocorre de maneira diferente a de Greta, pois enquanto de um lado Greta toma atitudes sem se importar com as opiniões que serão emitidas a seu respeito, Lili Elba sente um determinado prazer em demonstrar-se como uma mulher machista e conservadora, sentindo prazer em viver em dependência dos prazeres do homem.

O conceito de romantização da maternidade resume-se em dizer que não existe determinada “obrigação” da mulher em tornar-se mãe, bem como o homem em assumir a

paternidade de seus filhos. De maneira geral e de mais simples compreensão, o conceito de “maternidade compulsória” consiste em um conjunto de práticas políticas e socioculturais que leva a mulher ao desejo de tornar-se mãe, salientando que as mulheres presentes na sociedade e próximas a idade média de vida, por volta dos trinta anos, precisam tornar-se mães antes que a idade do corpo não permita. Por outro lado, sabemos que isso não representa de fato uma escolha na vida das mulheres, nenhuma mulher precisa tornar-se mãe, seguindo as regras que foram impostas pela sociedade.

2 IDENTIDADE SEXUAL

Pensar em identidade sexual, leva o leitor a questionar se as definições de sexo e gênero carregam o mesmo significado. Primeiramente, é importante salientar que sexualidade e gênero não são a mesma coisa, são conceitos nitidamente diferentes, e seus significados são sólidos nas vidas das pessoas, sendo elas mulheres ou homens. É importante salientar que, apesar da sociedade definir costumes e regras as quais “devemos seguir”, ambas definições seguem caminhos diferentes. O termo “sexo” determina características físicas de cada indivíduo, ou seja, relaciona-se com o corpo, levando o leitor a pensar em questões biológicas.

Em um livro, organizado por Guacira Lopes Louro (2019), encontramos um autor o qual aborda em seus estudos questões às quais podem ajudar na compreensão dos temas propostos. A discussão proposta por Jeffrey Weeks aborda que:

A sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos) e com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo). As duas estão intimamente conectadas, porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades. Na medida em que a sociedade se tornou mais e mais preocupada com a vida de seus membros – pelo bem da uniformidade moral; da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde –, ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com a vida sexual dos indivíduos (Weeks *apud* Louro, 2019, p. 65).

Enquanto, para algumas pessoas a sexualidade possui um significado totalmente singular e refere-se apenas ao seu próprio corpo, existem pesquisadores que nos trazem um sentido diferente, que abrange uma construção social e histórica. A análise proposta nesse trabalho relaciona-se com a ficção, apesar de tratar de um assunto realmente importante. Durante muitos e muitos anos, regras, costumes, comportamentos e muitas outras coisas foram passadas de geração para geração, de que maneira “podemos” nos comportar, até mesmo “explicando” o porquê. Louro (2019) ainda afirma que os corpos são construídos ao longo da vida, através de movimentos culturais e, ao mesmo tempo são modificados, no decorrer dos anos.

Ainda no mesmo livro, Louro organiza seu artigo, denominado *Pedagogias da sexualidade*, onde a autora salienta que, na sociedade moderna, passa a existir o que se relaciona com questões sociais, como a igreja, a medicina, a mídia, as leis, e outras situações históricas nas quais o indivíduo passa a estar inserido. Desta maneira, cabe ao sujeito optar por seguir as regras e costumes aos quais ele está adentrado, ou se reconhece.

Guacira Lopes Louro (2019), também realça que a identidade é construída de várias maneiras, sendo elas identidades sociais, de classe, de gênero, de sexo, de raça e até mesmo de nacionalidades. Aqui, nota-se que o surgimento de Lili ocorre na vida do casal em uma situação diferenciada, apenas de diversão. Greta sempre foi considerada acima de seu tempo e assim, abraçou a chegada de Lili e ajudou-a em todas as situações, levando em conta o sentimento que carregava em seu peito com relação ao pintor.

A pesquisadora Louro (2019) ainda evidencia que a construção de identidades (de gênero ou sexuais) ocorre ao longo da vida, a partir de novas experiências pelas quais nos sujeitamos a passar:

Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto. Elas permitem novas soluções para as indagações que sugeri e, obviamente, provocam novas e desafiadoras perguntas. Talvez seja possível, contudo, traçar alguns pontos comuns para sustentação das respostas. O primeiro deles remete-se a compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; o segundo, ao fato de que a sexualidade é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (Louro, 2019, p. 11).

No enredo fictício do romance, é notório que assumir a identidade oposta à sua, poderia ofertar alguns riscos, tanto à pessoa que assume as diferenças quanto as que permanecem junto ao sujeito. Durante o enredo, Einar passa por uma situação similar, quando encontra o primeiro médico, que o leva à prática de muitos exames, e não encontrado nenhum ‘problema’ em sua saúde física, ameaça denunciar Einar por andar pela cidade vestido com roupas de mulher. Percebendo o surgimento da ameaça, a busca por respostas passa a ser efetuada em outros locais, nos quais a cultura estava mais evoluída, e fez com que Einar encontrasse um médico capaz de realizar seus sonhos e vontades, mas sem nenhuma ameaça à sua vida.

É importante salientar que a morte de Lili ocorre por problemas causados após a cirurgia que Lili permitiu acontecer em sua vida, não surge de nenhuma ameaça quanto à sua mudança de vida.

Louro (2019) ainda afirma que somos sujeitos de muitas identidades, e isso acaba por cobrar de cada um de nós uma determinada lealdade distinta, divergente ou até mesmo contraditória, pelo fato de que estamos inseridos em uma eterna mudança, cada dia que passa, estaremos sujeitos a uma determinada identidade. Tais identidades sociais podem, em um determinado momento parecer-nos atraentes, como logo em seguida, tornam-se descartáveis, e assim, seguiremos, sujeitos à determinadas mudanças, dia após dia.

Seguindo em seu livro intitulado *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, Guacira Lopes Louro ainda nos traz outro teórico, Richard Parker, que aborda questões

diretamente ligadas à cultura, economia política e a construção social da sexualidade. Neste ensaio, o pesquisador discorre sobre noções a respeito da sexualidade, entre os anos de 1980 e 1990, afirmando a existência de um aumento de interesse com relação aos estudos relacionados diretamente às questões sexuais. Parker (2019) afirma que esse interesse aumenta ao longo dos anos por motivos da existência de um contexto mais amplo nas aceitações de mudanças de identidades sexuais, algo que, em anos anteriores, nunca foram aceitas, de acordo com as normas sociais.

Como sabemos, a teoria da construção social, com base num conjunto diversificado de pesquisas, sustenta o argumento de que a sexualidade é construída de forma diferente através das culturas e do tempo. Carole Vance contrasta essa teoria com o modelo da ‘influência cultural’, no qual a sexualidade é conceptualizada como um estado universal, imutável, mediano em maior ou menor extensão pelo contexto cultural (Parker, 1998 Apud Louro 2019, p. 160)

Ainda no presente ensaio, Parker (2019) coloca que dentre os anos de 1920 a 1990, houve um modelo de influência cultural que foi seguido rigidamente, unindo em seu significado questões relacionadas à sexualidade, de maneira a entender que o comportamento sexual está ligado à interpretação de identidade sexual do indivíduo.

Vance ainda afirma que a teoria ligada à construção da crença relacionada à sexualidade é construída com a junção de mais de um conceito, como por exemplo “os atos sexuais, as identidades sexuais, as comunidades sexuais, o desejo e a direção do interesse erótico [...]” (Parker, 2019, p. 162), mostrando que a definição da identidade caminha lado a lado à teoria da construção social, impedindo que o sujeito questione sua validade de se impor perante aos costumes já criados, e passados de geração para geração, e pode levar algum tempo antes de ser solidificada, como percebemos no enredo do romance o qual está em análise nesta pesquisa.

Apesar de seguirmos uma determinada identidade sexual baseada no contexto histórico no qual estamos inseridos, ainda existe uma possibilidade de haver outra construção, baseando-a em objetivos pessoais e particulares, dando a entender que as variações culturais, que passam a existir entre os séculos XIX e XX, são prejudiciais aos papéis que são considerados universais de gênero:

A existência de variações culturais contradiz as noções de papéis universais de gênero e de uma sexualidade feminina uniforme. Essa atenção à variabilidade cultural dos papéis de gênero, alimentada pela luta por direitos reprodutivos, inspirou uma reconfiguração analítica das categorias de sexualidade e gênero (Parker, 2019, p. 163).

Assim, o antropólogo e professor supracitado traz ao leitor que a construção da identidade é algo que tem relação direta com a sociedade na qual estamos inseridos, e os costumes que são passados de geração para geração, ano após ano. Atualmente, existem movimentos que surgem para defender e dar visibilidade às demais identidades, não sendo diretamente masculina/feminina ou homem/mulher, mas as adversidades que ao longo dos anos passaram a existir.

É possível afirmar que a produção histórica da sexualidade, mesmo caminhando lentamente, é capaz de abranger muitos conceitos que ainda não foram compreendidos da maneira que deveriam. Deste modo, o autor ainda coloca que não existem definições solidificadas de sexos, mas conceitos que ainda podem ser descobertos, de acordo com as possibilidades existentes nas sociedades atuais.

Seguindo nesse assunto, encontramos a pesquisadora transexual Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2021) que nos traz alguns questionamentos e dúvidas em seu livro intitulado *Transfeminismo*, o qual nos ajuda a compreender conceitos a respeito de identidades TRANS, e qual a importância da valorização das identidades presentes na sociedade na qual vivemos. Nascimento (2021) também reafirma que, como já citado anteriormente, pessoas as quais assumem as identidades trans geralmente vivem menos do que as pessoas que seguem os padrões heterossexuais.

Nascimento (2021) dá início à discussão em seu livro com um conceito de gênero o qual veremos a seguir:

Em boa parte dos feminismos, gênero é um conceito marcado pelas dimensões culturais e históricas, evidenciando os diversos modos de viver as mulheridades e feminilidades. Utilizo o termo ‘mulheridades’, e não ‘mulher’, no singular, para demarcar os diferentes modos pelos quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas. Além disso, a ideia também é conferir movimentos de produção, visto que o termo ‘mulher’ pode sinalizar algo que se é de modo essencial. Nesse sentido, o termo ‘feminilidades’ é uma categoria usada de forma a entender os modos pelos quais sujeitas dentro do feminismo dialogam com o que o imaginário social determina como ‘feminino’, e que, a partir desse roteiro cultural, produz cocriações e subversões. Além disso, é importante demarcar que algumas identidades de gênero se reivindicam dentro de uma vivência das feminilidades, mas não se sentem contempladas na categoria mulheridades, como algumas travestis e pessoas não binárias femininas (Nascimento, 2021, p. 25-26).

A autora supracitada ainda afirma a necessidade da busca de compreender a respeito da identidade plural das mulheridades e feminilidades, considerando as atuais definições de gênero insuficientes para encaixar todas as identidades que existem, incluindo as mulheres transsexuais e travestis. Nascimento (2021) ainda salienta que, a identidade da mulher, no quesito cultural, baseia-se em um determinado modelo (mulher heterossexual, cis, branca,

classe média, magra, dentre outras características) a ser seguido rigidamente sendo considerado o ideal a ser alcançado por todas as mulheres, esse exemplo é classificado como o mito fundador do feminismo, que começa a ter visibilidade no século XIX. A autora ainda afirma que são esses conceitos relacionados ao gênero que vão operar no campo teórico, levando a considerar que a concepção de nossas feminilidades é construída em um processo histórico e cultural.

A autora ainda coloca a importância de conhecer os conceitos de mulher, opressão e patriarcado, para que seja possível a compreensão da diferenciação da mulher com relação ao homem. Nascimento (2021) nos traz que uma das afirmações de Simone de Beauvoir (1970) torna-se uma compreensão de que ser uma mulher exige um processo de aprendizagens e construção, considerando que as feminilidades não são algo relacionado à natureza biológica.

Desta forma, a autora ainda afirma que “por mais que o gênero seja cultural, o sexo seria esse limite imposto pela natureza que a cultura só poderia transpassar, operar, mas nunca produzir” (NASCIMENTO, 2021, p. 38), reafirmando que o gênero não é algo material, mas sim algo que passa por determinadas mudanças durante o desenvolvimento da vida de cada ser humano, de acordo com os trajetos pelos quais cada um segue sua vida, e os acontecimentos com os quais cada indivíduo se identifica. Nascimento (2021) ainda traz em seu livro questões trabalhadas pelo filósofo Michel Foucault (2003), pelo qual outra autora passa a compreender que tanto o gênero quanto a sexualidade não fazem parte dos corpos físicos naturais, ou seja, a autora coloca que a interpretação binária de gênero é algo que não foi anteriormente relacionada aos seres humanos.

Ainda dentro do romance, é notório que a protagonista Lili desenvolve um papel conhecido quando pensamos em subalternidade, pois a jovem coloca-se em situações submissas ao futuro marido, realizando o sonho de ser mulher, e isso leva à consequência pagar seu desejo com sua própria vida. Aos olhos de Lili, ser mãe daria a ela a maior solidificação de ser uma mulher, pois dentro da mente da protagonista, não haveria um sinal capaz de comprovar sua feminilidade maior do que esse.

Infelizmente, Lili paga um preço pelo fato de endeusar sua nova identidade: o caminho o qual ela percorre finaliza quando ela morre ao aceitar passar pela última cirurgia, a inserção uterina. Mas porque Lili aceita passar por essa cirurgia?

Atualmente, como sabemos, a redesignação sexual não é algo necessário para transformação de identidade, seja ela masculina ou feminina, trans ou em qualquer outro quesito. A identificação singular de cada pessoa torna-se capaz de reivindicar seus direitos de ser e de maneira legal, desta forma, tornando-se não obrigatória. Assim sendo, é possível afirmar que a identidade de gênero é algo que desenvolvemos ao longo da vida, passando por

variadas mudanças de acordo com as fases da vida e os contextos históricos nos quais estamos inseridos.

Sendo assim, ao pensar em uma filósofa que trabalha com definições de homem e mulher, imediatamente, pensamos na teórica Simone de Beauvoir (1908-1986/ Paris – França), uma escritora e feminista, conhecida pela sua participação de estudos a respeito de transcrições literárias que envolviam o existencialismo, e tratou o feminismo em uma de suas obras, intitulada como *O Segundo Sexo*, aporte teórico utilizado nesta pesquisa.

Beauvoir (2016) define como a identidade feminina se desenvolve em um processo de construção social, como deverá se portar, o que a mulher deve fazer com relação ao seu parceiro, sendo comportamentos sociais, de classe, de gênero, entre outros, mas todos relacionados ao marido, pois a mulher sempre estará situada abaixo dele, esse lugar da mulher inserida abaixo do homem leva-nos a refletir sobre o patriarcado, um dos temas que tem tamanha importância nesta pesquisa.

Letícia Nascimento (2021) aborda questões a respeito de identidades relacionadas ao sexo, e afirma que a identidade de gênero nada mais é do que a identidade, que oscila dia após dia, e podemos encontrar um exemplo de identidade intersexual dentro do romance, quando Lili e Einar ainda vivem lado a lado, dentro do mesmo corpo físico, considerando que em um dia Lili despertava em seu quarto e saía exercer funções femininas, mas em outros dias era Einar quem acordava ao lado de sua esposa, Greta. No desenvolvimento do romance, algumas atitudes estavam fora de controle, tanto com relação à Einar quanto com relação à Greta, ninguém possuía domínio sobre o que estava prestes a acontecer.

Segundo Nascimento (2021), apesar dos conceitos de sexo e gênero possuírem significados distintos, eles caminham lado a lado, e o gênero encaixa-se na categoria cultural e histórica, forjada pelas relações de poder. As relações de poder determinam uma verdade em cima dos corpos que já nascem sexuados, e desta forma, surgem as regras que são seguidas à risca por sujeitos que seguem a ‘condição de fabricação de gênero’.

Assim, afirmar que o sexo anatômico, hormonal, cromossômico é algo natural é, na verdade, uma construção discursiva que cria o conceito de sexo. [...] Caracterizar discursivamente o sexo não é uma mera descrição estática. Longe disso; essa caracterização é a própria produção desse conceito. Do mesmo modo, o uso da ideia de que sexo binário é algo natural atende a determinados interesses, que expõe relações de poder que querem a permanência de hierarquias sexuais e de gênero. Precisamos entender os processos discursivos como criadores da nossa realidade social, como nos ensina Foucault (2012) (Nascimento, 2021, p. 95-96).

Aqui, Nascimento (2021) ainda menciona questões relacionadas às diferenciações de identidades relacionadas com a cisgênero para as identidades trans*, quando as pessoas

reconhecem os sujeitos cis como sujeitos naturais, e em contrapartida os sujeitos trans são considerados como sujeitos artificiais. A autora supracitada ainda afirma que a definição de cisgeneridade nada mais é do que um sujeito que caminhe carregando seus conceitos de identidade de sexo e gênero caminhando lado a lado e seguindo o mesmo caminho, sem questionar ou optar por qualquer produção artificial ao longo da vida.

Desse modo, o conceito de cisgeneridade é capaz de estabelecer um paralelo crítico das transgeneridades, revelando que, apesar de todos os gêneros passarem por um processo de materialização a partir de práticas discursivas sobre o sexo, os corpos cis gozam de um privilégio capaz de colocá-los em uma condição natural, como sexo/gênero real, verdadeiro na medida em que as transgeneridades são caracterizadas como uma produção artificial e falseada da realidade cisnormativa (Nascimento, 2021, p. 97).

Ao construir uma análise que faça referência ao Patriarcado, a primeira teórica à qual recorreremos é Gayatri Chakravorty Spivak (2010), que define o patriarcado como uma cultura na qual as pessoas que estão inseridas, que seguem as regras de respeitar seus locais, sejam eles sociais ou de fala. Spivak (2010) questiona se a mulher, em determinados locais e épocas, consegue adquirir seu local de fala perante a sociedade na qual está inserida e porque a mulher é colocada abaixo do homem, tendo que obedecer/respeitar às regras que são impostas pelo seu marido.

É notório afirmar que, nos tempos atuais, o patriarcado está sendo trabalhado envolvendo questões sociais, será que é possível afirmar que existe o mesmo tratamento de épocas mais antigas, ou é possível afirmar que a mulher já tenha conquistado seus locais, tanto de fala quando de visibilidade, perante as sociedades atuais? Veremos algumas respostas desses questionamentos, na pesquisa abaixo.

Entre as décadas de 70 e 80, a sexualidade passou a se tornar uma questão relacionada diretamente a questões políticas, levando o indivíduo a pensar em questões de classe, gênero e até mesmo de raça. Aqui, a notoriedade da sexualidade, direcionada a relação já existente entre homens e mulheres, é baseada nos comportamentos pré-determinados sociais e históricos. O autor ainda coloca que a institucionalização da heterossexualidade, que surge entre os séculos XIX e XX, tenta definir características básicas, tanto para a masculinidade quanto para a feminilidade. A divisão, basicamente ocorre na criação dos termos: ‘heterossexualidade’ e ‘homossexualidade’, cabendo aos que não se encaixam, optar pela ‘bissexualidade’. Segundo o teórico, a definição da variante ‘homossexualidade’ baseou-se apenas em indivíduos incapazes de encaixar-se nos modelos pré-determinados, ou seja, questão que não passava disso.

Dentro do romance, Ebershoff (2015) ilustra questões relacionadas à aceitação de identidades que não estivessem dentro dos padrões estabelecidos social e historicamente, quando Einar passa a frequentar médicos propostos a ajudá-lo a resolver questões de sua saúde física, e até mesmo mental. O primeiro médico, procurado por Einar, Dr. Hexler, após examinar seu paciente e não encontrar “nada de errado”, acaba por emitir uma ameaça de denúncia aos trabalhadores da vigilância sanitária, caso o pintor insista em tratar de dessas questões, ou continuar andando pela cidade vestido de mulher. Em seguida, o Dr. McBride sugere a Einar que tente esquecer e contenha suas vontades, seguindo apenas na identidade masculina, em seguida, Dr. Mai, encontra um diagnóstico de esquizofrenia, mas Einar acaba por se esquivar do tratamento proposto. Dr. Buson propõe ao pintor uma cirurgia na cabeça, diagnosticando-o com lobotomia, e ao final, Dr. Prof. Alfred Bolk, acaba se tornando o médico pelo qual o casal, Einar e Greta, sentem mais confiança, pois propõe transformar a identidade física de Einar, de homem em mulher. Ele acompanha Lili até seus últimos dias.

2.1 IDENTIDADE DE GÊNERO – NÃO É UMA ESCOLHA

Ao abordar o assunto ‘gênero’, encontramos vários significados aos quais nos são impostos pela sociedade desde o período da infância, quando nos é ensinado de acordo com os costumes culturais, como por exemplo que os órgãos genitais pré-determinam qual identidade devemos seguir ao longo da vida, ou seja, definindo se seguirá uma futura vida de homem ou de mulher. Para que seja possível iniciar a discussão a respeito da identidade de Lili Elba, protagonista do romance, é necessário conhecer e compreender alguns conceitos relacionados à identidade, primeiramente, de gênero.

Jaqueline Gomes de Jesus é uma psicóloga, Doutora em Psicologia Social e pesquisadora do Laboratório de Trabalho, Diversidade e Identidade – LTDI/UnB (Universidade de Brasília), ela também fundou e presidiu a ONG Ações Cidadãs em Orientação Sexual. Neste momento, vamos trabalhar com um guia técnico, criado e organizado pela professora, que nos dará uma base para compreender a respeito dos conceitos de orientação de gênero.

Antes de dar início aos conceitos com os quais iremos trabalhar, a autora constrói uma nota referente à segunda edição de seu texto, o qual foi publicado virtualmente. Nesta pequena introdução, a autora comenta a respeito de uma citação de Frederick Nietzsche, comentando sobre o momento em que o homem decidiu colocar definições de sexo sobre absolutamente todas as coisas, até mesmo tentando definir o sexo ‘do sol’. Assim, inicia uma discussão a respeito da identidade de gênero, a qual é baseada em nossa formação pessoal. Desde a infância,

existem algumas regras e costumes que são impostos diante de nós desde o momento em que nascemos. Meninas precisam se portar de maneira diferente e oposta à maneira que os meninos se comportam. A sociedade ainda dissemina que os órgãos genitais que definem as identidades, mas que essa construção não ocorre por um fato biológico, mas sim social.

A psicóloga assegura que em vários momentos da vida, todos nós vivenciamos inversões de papéis determinados pelo gênero, como por exemplo quando em determinada situação tomamos algumas atitudes consideradas ‘mais femininas’, ou consideradas menos masculinas, dentre outras.

Ao contrário da crença comum hoje em dia, adotada por algumas vertentes científicas, entende-se que a vivência de um gênero (social, cultural) discordante com o que se esperaria de alguém de um determinado sexo (biológico) é uma questão de identidade, e não um transtorno (Jesus, 2012, p. 9).

De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2012), existem alguns conceitos que podem nos ajudar a compreender a identificação e o desenvolvimento do gênero a cada pessoa. Vejamos abaixo:

- ‘CISGÊNERO’: o termo ‘cisgênero’ está presente na explicação de transgeneralidade, definindo e diferenciando identidades sexuais. A pessoa que se identifica como “cis” é quem se identifica com o gênero que lhe foi atribuído logo ao seu nascimento, sem qualquer questionamento.
- ‘NÃO-CISGÊNERO’: termo denominado a quem não se identifica com o gênero determinado, ou seja, pessoas transgêneros, ou TRANS.

Observando os termos de maneira histórica, é necessário compreender que a população trans tem sido marginalizada e perseguida por crenças que determinam que os gêneros devem ser respeitados de acordo com o que foi definido no momento do nascimento, determinando que as pessoas se comportem de maneira ‘adequada’ ao seu gênero. Por outro lado, sabemos que não é possível afirmar que existem apenas dois gêneros incluídos na sociedade na qual vivemos, sendo ela na realidade, ou até mesmo na situação em que se encontra o enredo do romance o qual está em análise. A respeito de outras formas de se identificar a autora destaca que:

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim nem todo homem e mulher é ‘naturalmente’ heterossexual (Jesus, 2012, p. 12).

Por conseguinte, a autora ainda salienta que o mesmo ocorre relacionado ao gênero, ou seja, não é possível pensar que todas as pessoas nascem prontamente/naturalmente cisgênero. Gênero e orientação sexual são coisas diferentes, logo, é importante afirmar que um não depende do outro, e desta maneira, concluímos que existem diversas possibilidades para o desenvolvimento das identidades. Na obra, quando analisamos a protagonista, é possível perceber, no início do procedimento de transformação identitária de Einar Wegener, sua identidade passa de masculina para feminina, porém, a decisão tomada pelo pintor sofre julgamentos, sendo considerada como uma doença mental, e em determinados momentos, até mesmo contagiosa. Sabemos que Lili, dentro do romance, sempre existiu, mas a partir de determinado momento, surge uma necessidade de buscar uma ajuda externa para solidificar sua identidade, possibilitando-a em sair do corpo no qual estava inserida, e como sabemos, Lili encontra essa ajuda quando Greta surge na vida do pintor.

Jaqueline Gomes de Jesus (2012) ainda afirma de maneira simples e direta que “mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem” (Jesus, 2012, p. 15).

A Garota Dinamarquesa carrega em seus capítulos uma experiência identitária na qual é possível afirmar que determinadas decisões da personagem protagonista fazem-na transitar de um gênero para outro, em busca de uma realização pessoal, tornar-se uma mulher. Apesar da percepção que o leitor consegue interpretar ao ler o romance, com relação ao machismo, Lili entrega uma imagem de quem aceita essas condições, sem quaisquer questionamentos.

Quando Greta tenta convencer Lili a permanecer próxima, mostrando os quadros produzidos por Einar, Lili pede que Greta os venda pois seu futuro marido não iria aceitar obras que recordassem à Lili memórias de vidas passadas. Por outro lado, é possível interpretar que Lili carregava consigo a ciência de que as obras de arte pertenciam à Einar e ela não aceita que isso faça mais parte de sua vida, apesar de seu talento para pintura. Aqui, é possível afirmar que as identidades femininas desenvolvidas dentro do romance seguem de maneira oprimida, pois existe uma transição machista, ou seja, toda e qualquer mulher precisa necessariamente ser submissa a identidade de um homem.

A identidade que Lili passa a buscar a partir de uma proposta advinda de um médico, a inserção uterina, carrega uma relação direta a uma identidade conservadora, mas é importante pensar no valor que lhe é cobrado, considerando que Lili acaba pagando seu desejo com a sua própria vida, antes mesmo de realizar seu sonho, de se casar.

Seguindo os estudos da pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus (2012), encontramos definições importantes para compreender de maneira mais clara o desenrolar da transformação da protagonista, da identidade de Einar para a identidade de Lili, a autora ainda afirma que “expressão de gênero é a forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com as expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero” (Jesus, 2012, p. 24). E logo em seguida a autora ainda afirma que a identidade de gênero se define em:

Gênero com o qual a pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e não se confundem. Pessoas transsexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero (Jesus, 2012, p. 24).

Desta forma, Gomes de Jesus (2012) explica em seu Glossário de termos inclusivos de maneira específica que não existe nenhum tipo de transtorno ou patologia, mas sim muitas maneiras de identificação de identidade a qual o sujeito pertence, de acordo com os fatores com os quais ele se identifica. Então, torno a repetir que os procedimentos cirúrgicos não são necessários para realizar essas transformações, pois a identidade do sujeito tem como base as questões de identificação, e não questões biológicas/físicas.

Outro fato importante a se pensar é que a protagonista do romance encaixa-se em um conceito de identidade intersexual, ou seja, não faz parte da binaridade. A possibilidade de comprovação do encaixe da protagonista neste conceito ocorre quando consideramos que, ao mesmo tempo em que Einar é um homem, vestindo e portando-se como deve, dentro de seu corpo já existiam ovários, os quais levaram a sua vida de um pintor tímido e depressivo em busca da transformação em uma mulher, a qual carrega uma identidade total e completamente oposta à sua.

2.2 CONCEITOS DE IDENTIDADE SEXUAL

Vários/as pesquisadores/as afirmam que a diferença mais sólida neste quesito se encaixa entre sexo e gênero, sexo sendo relacionado às questões biológicas, e gênero sendo construído de acordo com a identificação do sujeito ao longo da vida, bem como os costumes presentes na cultura em que o sujeito está inserido ao longo de sua vida.

Existem mais de um conceito capaz de definir a questão do que é o sexo, mas a maioria deles possui uma relação direta com a biologia. A escritora transsexual Letícia Nascimento

(2021) aponta que o sexo, apesar de fazer parte das questões relacionadas diretamente à biologia, também fazem parte das questões culturais e até mesmo políticas:

Portanto, são as relações de poder que vão determinar uma verdade sobre um corpo sexuado, fixando a diferenciação sexual binária como uma condição anterior à fabricação do gênero. Deflagrar esses modos de produção nos leva à compreensão de que sexo também é discursivo, cultural e histórico, assim como o gênero, e principalmente que o gênero é o próprio dispositivo de produção do sexo. O sexo não é anatômico, hormonal, cromossômico, pois essa suposta natureza é discursivamente construída pela cientificidade médica. Os modos como as funções reprodutivas são desenvolvidas são eminentemente culturais, e seu uso como justificativa para o binarismo congruente entre sexo/gênero também é político (Nascimento, 2021, p. 95).

Desta forma, a autora ainda explica que o sexo nada mais é do que uma construção discursiva, que pode sim passar por mudanças ou determinadas alterações ao longo do desenvolvimento. Desta forma, é possível notar que dentro do romance, todas as conclusões médicas ou os diagnósticos que Einar recebe antes de conhecer o Prof. Doutor Bolk, podem ser completamente ignorados, pois não existe e não é possível afirmar a presença de algum tipo de patologia ou distúrbio na vida do pintor.

Silvia Federici (2019) é uma filósofa contemporânea italiana e feminista, e traz em sua obra intitulada *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*, alguns conceitos e argumentos com relação ao trabalho reprodutivo, o qual possui uma relação direta ao papel da mulher dentro do casamento. Aqui, é interessante salientar e sanar as dúvidas do porquê, dentro de um relacionamento, a mulher/mãe é endeusada a trabalhar dentro de casa, e recebe seu pagamento em forma de “amor”, tanto do marido quanto dos filhos.

As seguintes questões levam-nos a uma pergunta relacionada à protagonista do romance, porque então Lili teria carregado até o final de sua vida o sonho de tornar-se esposa de Henrik e em seguida, mãe? Dentro do romance, comprova-se que sua morte foi causada por uma infecção generalizada, mas a decisão era realmente uma necessidade?

Federici (2019) coloca em seus conceitos que a romantização do trabalho feminino tem prejudicado a imagem feminina, bem como desvalorizando o trabalho feminino. Os protestos feministas tem ofertado à mulher o direito de trabalhar em classe assalariada, mas isso não significa que a mulher deixará de oferecer todos os trabalhos domésticos, tanto ao marido quanto aos filhos. Dentro do romance, a vontade final da vida de Lili era tornar-se mãe, para que ela conseguisse provar, tanto a ela quanto à sociedade que ela era uma mulher. Essa decisão acabou interrompendo a vida de Lili e impedindo a protagonista de usufruir de sua nova vida.

A vontade de Lili de seguir os conselhos e procedimentos ofertados pelo médico surgem quando ela sente dentro de si a necessidade de provar, tanto para Greta quanto para ela

mesma, que sim, ela (Lili) é uma mulher, e assim, poderá exercer todas as funções pré-determinadas às mulheres.

A autora ainda cita que em questões de trabalho assalariado e trabalho doméstico existe uma diferença gigantesca, considerando que o trabalho doméstico é direcionado diretamente à imagem da mulher, e que ser a dona de casa não passa de ser uma obrigação da mulher. A imagem feminina da família pode ter o direito de exercer um trabalho remunerado, mas isso não tira dela o dever de cuidar de sua casa e de educar seus filhos:

A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele, exceto na querela privada do quarto-cozinha, que toda sociedade concorda em ridicularizar, reduzindo ainda mais o protagonismo da luta. Nós somos vistas como mal-amadas, não como trabalhadoras em luta (Federici, 2019, p. 42).

A filósofa ainda comenta que não existe nada considerado “natural” em ser a dona de casa, e que essa romantização precisa acabar, considerando que o casamento não é algo que realiza o sonho de vida de uma mulher, e muito menos se resume a amor, o casamento, muitas vezes ocorre porque somos acostumadas, desde a fase infantil, a aprender que a obrigação de uma mulher é desenvolver sua vida ao lado do marido, e compreendendo que isso é bom.

A autora define o “trabalho afetivo” como:

‘Trabalho afetivo’ é usado atualmente para descrever novas atividades de trabalho no setor de serviços, ou para conceitualizar a natureza do trabalho na era ‘pós-fordista’, e pode também ser entendido como sinônimo de trabalho reprodutivo ou um ponto de partida para repensar os fundamentos do discurso feminista (Federici, 2019, p. 324).

A autora ainda coloca que as questões relacionadas ao trabalho proposto e direcionado à mulher logo em seguida destaca algumas questões relacionadas à comercialização da reprodução, indicando a exploração do trabalho doméstico. Em seguida, coloca em seu texto algumas questões relacionadas a origem dos afetos e do trabalho afetivo, considerando os estudos feitos em filósofos como Spinoza. Vejamos as definições a seguir:

Os ‘afetos’ em Spinoza são modificações do corpo que aumentam ou diminuem sua capacidade de agir. Spinoza especifica que elas podem ser forças ativas e positivas se vierem de dentro de nós, ou forças passivas e negativas (‘paixões’) se o que as provoca estiver fora de nós. Assim, a sua ética é uma exortação para cultivar afetos

ativos e fortalecedores, como a alegria, e para nos libertar dos passivos e negativos, que podem impedir-nos de agir e nos deixar escravos das paixões. [...] ‘Afeto’ não significa um sentimento de ternura ou amor. Significa, antes, nossa capacidade de interação, nossa capacidade de movimento e de sermos movidos em um fluxo interminável de trocas e encontros, que supostamente expandem nossos poderes e demonstram não apenas a infinita produtividade de nosso ser, mas também o caráter transformador – e, portanto, já político – da vida cotidiana (Federici, 2019, p. 338).

Federici (2019) ainda coloca que existe uma degenerificação do trabalho que está relacionada ao fato de que os traços do trabalho que era relacionado diretamente às mulheres, agora passa a ser tratado de maneira mais generalizada, ou seja, direcionado entre homens e mulheres.

Seguindo a análise em relação aos estudos a respeito do Feminismo, Teresa de Lauretis (1994) afirma que a construção sexo-gênero pode ser considerada algo sociocultural, vindo a passar por diversas mudanças ao longo da vida. A autora ainda coloca que o conceito de gênero relacionado ao feminismo carrega um teor prejudicial, limitado, ou uma deficiência, e isso ocorre quando se começa a pensar na diferença sexual e em seus conceitos derivados “a cultura da mulher, a maternidade, a escrita feminina, a feminilidade [...]” (Lauretis, 1994, p. 206). A autora afirma em seus estudos que ninguém nasce homem/mulher, mas acaba construindo a identidade ao longo das várias fases da vida: “A construção do gênero também se faz, embora de forma menos óbvia, na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais, e até mesmo, de forma bastante marcada, no feminismo” (Lauretis, 1994, p. 207).

É importante salientar que tanto a mulher quanto o homem não nascem com identidades prontas, mas suas identidades são construídas ao longo da vida, de acordo com os costumes desenvolvidos culturalmente. A construção do gênero é um fator que remete a um termo classificatório. Lauretis (1994) traz ao leitor algumas definições de gênero as quais são subdivididas em quatro pontos, sendo eles:

(1) Gênero é (uma) representação – o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quando subjetivas na vida material das pessoas. Muito pelo contrário. (2) A representação do gênero é a sua construção – e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção. (3) A construção do gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo dos tempos passados, como da era vitoriana por exemplo. [...] A construção do gênero também se faz, embora de forma menos óbvia, na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais, e até mesmo, de forma bastante marcada, no feminismo. (4) Paradoxalmente, portanto, a construção d gênero também se faz por meio de sua desconstrução, quer dizer em qualquer discurso, feminista ou não, que veja o gênero apenas como uma representação ideológica falsa. O gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não for contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação (Lauretis, 1994, p. 209).

Desta maneira, Lauretis (1994) ainda afirma que as questões relacionadas ao reconhecimento do gênero do qual fazemos parte, também pode ser direcionado às crianças, considerando que homem/mulher não nasce de maneira pronta ou solidificada. A autora ainda emite um breve comentário a respeito de um gênero neutro, no qual podemos encaixar as crianças, considerando que é possível assumir uma identidade feminina ou masculina quando iniciamos a exercer tarefas e seguir as regras que nos são impostas mesmo antes do nascimento, pela sociedade na qual estamos inseridos.

Lauretis (1994) ainda coloca que apesar de possuírem significados diferentes, masculino e feminino sempre caminham lado a lado, carregando uma relação direta com a cultura em que estão inseridos:

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com os valores e hierarquias sociais (Lauretis, 1994, p. 211).

Ou seja, os costumes aprendidos e passados de geração para geração nos são impostos e cobrados pelas culturas nas quais estamos inseridos ao longo da vida, e quando o indivíduo passa a “quebrar” determinadas regras, é obrigatoriamente julgado como alguém que está cometendo erros.

Retomando outra pesquisadora que trabalha a respeito desse assunto, Gayatri Chakravorty Spivak (2010), que trata mais singularmente de questões de subalternidade, como colocar o lugar da mulher perante a identidade do homem, ou seja, sempre abaixo do homem.

Quando retomamos conceitos trazidos por Gayatri Spivak (2010), relembremos que os locais de fala são sempre locais muito específicos, quando a autora descreve suas ideias e defende sua opinião em *Pode o subalterno falar?* (2010). Alguns conceitos trabalhados nesta obra, a autora afirma que existem locais de fala que, nos tempos atuais ainda são respeitados, e de maneira controversa, existem comunidades que seguem na luta para conseguir posse de seus próprios locais, sem que exista a necessidade de “representantes” para que isso ocorra.

No desenvolvimento da ficção história a qual se solidifica no romance, os costumes e regras tornam-se muito específicos, os quais eram seguidas radicalmente, e por isso afirmamos que Lili Elba tornou-se uma inspiração para quem conheceu sua história posteriormente. Assim, notando que, apesar da ciência de todos os desafios pelos quais ela passaria, decidiu continuar com o objetivo de transitar seu gênero, tornando-se uma mulher.

É importante salientar que, mesmo se a história de Lili Elba ocorresse nos tempos atuais, apesar de algumas dificuldades tornarem-se menores, ainda não seria tão simples passar pelo momento de transição. Atualmente temos exemplos que vivem na nossa sociedade e ensinam como os desafios, apesar de carregarem certas dificuldades, não os impedem de realizar seus desejos e seus objetivos.

Para confirmar que a nossa cultura atual também vem a facilitar o desenvolvimento de diferentes identidades de gênero, encaixando-se em uma ou mais categorias, trago aqui uma afirmação da teórica já citada nesta pesquisa, Joan Scott (2002), que traz ao seu leitor a questão dos benefícios da educação e do progresso científico, no qual estamos inseridos atualmente.

A pesquisadora Heloísa Buarque de Hollanda (2018), traz em seu livro intitulado *Explosão feminista*, uma organização de textos e arquivos a respeito do feminismo brasileiro, assim, encontramos a autora chamada Bia Pagliarini Bagali, que aborda em seu ensaio as questões referentes primeiramente à definição de transfeminismo, vejamos:

Falar sobre transfeminismo implica considerar o ponto em que o feminismo diz respeito às vidas das pessoas transexuais, travestis e transgêneras. Contudo, essa relação pode não parecer tão óbvia a princípio. Talvez ela seja até mesmo impensada ou inimaginável (e infelizmente, por vezes até mesmo temida). Eu arriscaria dizer que essa situação se dá em virtude de algo maior e de nível estruturante: frequentemente não se sabe sobre pessoas trans em termos gerais. Ou falta imaginário ou há excesso de imaginário sob a forma de estigmas. Dito de outro modo, há uma maneira hegemônica de pensar sobre as coisas, sobre qualquer assunto, de modo a apagar, silenciar, secundarizar, depreciar ou simplesmente desconsiderar a existência concreta de pessoas trans na sociedade. Se falarmos sobre homens, pressupomos que se trata de homens cis. Se falarmos de mulheres, a primeira imagem que temos é de mulher cis. Se falarmos de política, não pensamos em que ponto a política atinge a pessoa trans e travesti (Bagali, 2019, p. 345).

A autora ainda coloca que, pensando em política, saúde ou até mesmo em questões históricas, pessoas trans são deixadas de lado, ou até mesmo negligenciadas. Aqui, temos o surgimento do transfeminismo, que possui como objetivo lutar contra negligências e inserir pessoas trans em diversos espaços, afirmando que vidas de pessoas trans são dignas de serem vividas, e levar a sociedade a considerar diversas maneiras de respeitar todas as identidades presentes, sem praticar nenhum tipo de preconceito, considerando que todos os direitos devem ser iguais para todos – homens e mulheres, sendo cisgênero, transgênero, ou qualquer identidade com a qual a pessoa venha a se identificar ao longo de sua vida.

Bagagli (2018) ainda afirma a importância de considerar que o feminismo tornou-se uma inspiração para o transfeminismo, pois o esse não impõe nenhuma diferença ou alguma forma de antagonismo entre os grupos, apenas une forças entre as lutas e reivindicações das

mulheres cis e trans, construindo ao longo dos anos, uma sociedade repleta de solidariedade, a autora ainda afirma que, quando uma pessoa trans avança, nenhuma outra pessoa retrocede:

A luta contra o machismo une toda a sociedade. O transfeminismo não reconhece nenhuma forma de antagonismo entre as reivindicações e as lutas de mulheres cis e trans; nessa medida, defendemos a construção de uma solidariedade mútua entre as distintas pautas políticas femininas: quando pessoas trans avançam, nenhuma retrocede. Nas palavras de Emi Kayoma, o transfeminismo é sobre “ampliar e avançar o feminismo como um todo através da nossa própria liberação e trabalho em coalizão com todas as outras pessoas” (Bagagli, 2018, p. 345-346).

O reconhecimento da necessidade do transfeminismo surge no momento em que pessoas trans necessitam de algo que garanta seus direitos, como os de qualquer pessoa. Tais ‘diferenças’ entre pessoas cisgênero ou transgênero, com relação aos direitos, não deveria existir, ou serem questionadas. Torno a afirmar que, como pesquisadora comenta, quando uma pessoa trans avança, nenhuma outra retrocede.

2.3 PROBLEMATIZAÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL PRESENTE NA OBRA

Ao refletirmos a discussão a respeito da construção da identidade sexual, torna-se necessário pensar em um conceito muito importante, trazido pela autora Heloísa Buarque de Hollanda (2019), professora de Teoria Crítica da Cultura, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, bem como coordenadora do Programa Avançado em Cultura Contemporânea, um projeto ofertado pela Universidade das Quebradas, e participante do Fórum Mulher e Universidade.

A pesquisadora supracitada possui livros nos quais trabalha com variados pesquisadores e artigos a respeito do feminismo, afirmando conceitos importantes com relação ao Pensamento Feminista, e quais são os conceitos que podem facilitar a compreensão do movimento já existente. Neste momento, é importante pensar e lembrar que o movimento Feminista foi composto por quatro ondas, as quais veremos mais tarde. Primeiramente, trabalharemos com um artigo da teórica crítica feminista, trazida por Hollanda, chamada Nancy Fraser, que em seu texto intitulado *Feminismo, capitalismo e a astúcia da história*, nos coloca:

Frequentemente argumenta-se: a segunda onda do feminismo provocou uma notável revolução cultural, mas a vasta mudança nas *mentálites* não se transformou (ainda) em mudança estrutural e institucional. É de se considerar esse ponto de vista que acertadamente registra a ampla aceitação atual das ideias feministas. Mas a tese de ‘falha institucional com sucesso cultural’ não ilumina o suficiente a significação histórica e as possibilidades futuras da segunda onda do feminismo. Postular que as instituições ficaram defasadas em relação à cultura, como se uma pudesse mudar sem

a outra, faz parecer que precisamos apenas fazer a primeira alcançar a última, a fim de colocar as esperanças feministas em prática (Fraser, 2019, p. 27).

Desta forma, a autora ainda propõe pensar que dentro dos movimentos feministas, ainda existem algumas questões a serem consideradas, pois é possível afirmar que as mulheres transgêneros ainda não são aceitas ou respeitadas pelas mulheres que estão presentes dentro do movimento feminista radical. Questões relacionadas à biologia fazem com que as mulheres transgêneros acabem excluídas de um movimento que deveria acolhê-las, considerando que somos todas mulheres, e questões relacionadas ao corpo físico não deveriam influenciar em nada.

É possível afirmar que a identidade sexual é algo definido historicamente e não apenas biologicamente? Seguindo em Heloísa Buarque de Hollanda (2019), coloca em seu livro, intitulado *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*, um artigo da teórica Judith Butler, intitulado *Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e teoria feminista*. Inicialmente Butler comenta a respeito de conceitos que foram trazidos por Simone de Beauvoir, considerando que a identidade da “mulher” (ou qualquer outra identidade) é algo que remete a uma situação histórica, e não um fato natural. A autora ainda cita um filósofo bastante conhecido, Merleau-Ponty, o qual propõe que o corpo é um conjunto de possibilidades, que podem ser definidas de acordo com as questões históricas e não apenas baseado em questões biológicas:

Quando afirma que o corpo é histórico, o filósofo quer dizer que um corpo ganha significado nas suas experiências com o mundo, mediadas por certa concretude e historicidade. O corpo é um conjunto de possibilidades, porque: 1) a forma como ele existe no mundo e como é percebido pelos outros não é predeterminada por uma essência interior; e, 2) a sua expressão de um conjunto de possibilidades históricas. [...] O corpo não é uma materialidade fatídica, terminada na sua própria imagem; ele é uma materialidade que carrega, pelo menos, certos significados, e esse carregar é fundamentalmente dramático. Por dramático, quero dizer que esse corpo não é apenas matéria, ele é uma materialização contínua e incessante de possibilidades (Butler, 2019, p. 225).

A autora ainda afirma que as pessoas não *são* seus corpos, mas *fazem* seus corpos, e essa diferença entre ser/fazer é fundamental para compreender que as mesmas pessoas criam suas identidades de maneiras diferentes, seguindo outros caminhos com relação às pessoas que existiram antes delas, ou até mesmo as que virão a existir depois delas. A maneira de construção do “eu”, ocorre de acordo com os costumes históricos em que cada um esteja inserido. A autora ainda afirma que “O corpo é uma situação histórica, como afirmou Beauvoir, e é também uma feitura, uma dramatização e uma reprodução de certa situação histórica” (Butler, 2019, p. 225). Assim, Butler (2019) coloca questões trazidas por Beauvoir, que afirma que ‘mulher’ é

considerada uma categoria histórica, e não apenas algo que seja considerado um fato natural, colocando que sexo se encaixa em uma categoria biológica e o gênero constrói-se de maneira de interpretação cultural.

Ser fêmea é, de acordo com essa distinção, uma facticidade que não tem em si nenhum significado. Ser mulher é ter se tornado mulher, ter feito seu corpo se encaixar em uma ideia histórica do que é uma 'mulher', ter induzido o corpo a se tornar um signo cultural, é ter se colocado em obediência a uma possibilidade historicamente delimitada; e fazer isso como um projeto corporal repetitivo que precisa ser ininterruptamente sustentado (Butler, 2019, p. 226).

Assim, é possível afirmar que a definição de gêneros discretos participa das exigências definidas nos costumes culturais, encaixando-se em uma ideia pré-determinada, na qual os indivíduos que falham em desenvolver corretamente seus gêneros, são regularmente punidos. Apesar de existirem diferentes possibilidades históricas de materialização de diferentes estilos corporais, elas permanecem reguladas por padrões/punições. A autora ainda conclui que os corpos são transformados em gêneros através de uma série de atos desenvolvidos ao longo da vida, sendo eles renovados, revisados e consolidados através do tempo.

Judith Butler (2019) ainda coloca que em um lugar no qual a identidade masculina é entendida como sinônimo de 'humanidade', as teorias feministas têm recebido sucesso nas buscas de visibilidade feminina, de maneira que tanto a presença quanto a opressão feminina sejam culturalmente reconhecidas. Uma das justificativas presentes na luta diária feminina é a de reconhecimento, em questões igualitárias em locais de trabalho, por exemplo, sendo com relação às mulheres cis ou transgêneros. A pesquisadora ainda coloca que:

A reprodução da categoria gênero é colocada em uma escala política mais ampla à medida que mulheres entram em determinadas profissões ou adquirem certos direitos, ou passam a ser reconhecidas em discursos legais e políticos de maneiras significativamente novas. Mas a forma mais ordinária de reprodução das identidades de gênero acontece nas diferentes maneiras que corpos são colocados em relação às expectativas profundamente enraizadas e sedimentadas sobre existências atribuídas de gênero (Butler, 2019, p. 229).

A teórica supracitada ainda afirma que é muito importante considerar que um corpo é invariavelmente transformado em um corpo dele/dela, e que esses corpos apenas poderão ser reconhecidos pela sua aparência, que é diretamente relacionada ao gênero, ou seja, a construção dos corpos é baseada em uma série de atos que são renovados e modificados através do tempo. Butler (2019) considera que o gênero é um significante cultural, assumido pelos corpos que seguem com o sexo, diferenciando o sexo por determinados atos, acaba tornando-se impossível separar ou compreender sexo e gênero como coisas distintas. Sexo e gênero são conceitos diferentes, mas é importante salientar que eles caminham lado a lado, independente de quem

seja o sujeito, ou seja, homem ou mulher (ou as inúmeras possibilidades de identidades que possam existir).

Ainda em Hollanda (2019), encontramos a pesquisadora Monique Wittig, que aborda o fato que ‘não se nasce mulher’. Wittig (2019) coloca que “nossa primeira tarefa, ao que parece, é desassociar completamente ‘mulheres’ (a classe dentro da qual lutamos) de ‘mulher’, o mito. Pois ‘mulher’ não existe para nós, é apenas uma formação imaginária, enquanto ‘mulheres’ são o produto de uma relação social” (Wittig, 2019, p. 82).

A definição de mulher surge quando pensamos que a sociedade é composta por identidades baseadas na heterossexualidade. A autora nos coloca que tal divisão social ocorre baseando as identidades de maneira biológica, quando a mulher (inserida no matriarcado) tem como tarefa criar a civilização, enquanto o homem ‘grosseiro’ vai à caça. Por outro lado, encontramos a definição de matriarcado, as quais afirmam que:

O matriarcado não é menos heterossexual do que o patriarcado: só o gênero do opressor que muda. Além disso, não apenas tal concepção está ainda aprisionada nas categorias de gênero (mulher e homem), mas se prende à ideia de que a capacidade de parir (biologia) é o que define uma mulher (Wittig, 2019, p. 84).

Encontramos no romance uma cena na qual Lili aceita o pedido de casamento vindo de Henrik, personagem que está prestes a se mudar para Nova York, mas antes de ir, deixa claro que sim, quer se casar e construir uma nova família ao lado de Lili. Ciente de sua trajetória pela qual ela teria passado antes de lhe conhecer. O último procedimento pelo qual Lili passaria antes de se mudar seria o retorno à Dresden para finalizar seu procedimento ao lado do Doutor Prof. Bolk: a cirurgia da inserção uterina. Com seus diagnósticos anteriores, é possível comprovar que Lili sempre foi uma mulher, e neste momento, ela iria apenas concretizar essa informação.

Pois agora ela iria. Ainda não dissera nada a Greta. Mas sabia que precisava voltar a Dresden e terminar o que Bolk começara. Para provar ao mundo – ao mundo não, a si mesma – que ela era de fato mulher, e que toda aquela vida anterior como um homem franzino chamado Einar fora simplesmente um grave equívoco da natureza, agora corrigido de uma vez por todas (Ebershoff, 2016, p. 316).

Prosseguindo o assunto abordado, outro teórico o qual estuda a respeito é o sociólogo teórico cultural jamaicano Stuart Hall (2019), que afirma que existem três concepções de identidade as quais precisam ser consideradas antes de afirmar uma definição sólida de quem somos. Pensando nessas definições, o autor jamaicano afirma que a identidade é muito discutida em questões sociais, trazendo ao leitor uma nova definição, que faz referência à ‘crise de identidade’.

O pesquisador define identidade como uma conclusão de quem nos tornamos ao longo do tempo. E em seu livro, o professor jamaicano afirma que existem três concepções a respeito da mesma, sendo assim, a) O sujeito do Iluminismo, b) O Sujeito Sociológico e c) O Sujeito Pós-Moderno.

Os conceitos onde encaixamos Lili Elba são os conceitos voltados ao Sujeito Sociológico e o Sujeito Pós-Moderno. Hall (2019) define a identidade do Sujeito Sociológico como uma identidade imutável, de acordo com o ‘eu’ e de como ele vive perante à sociedade na qual esteja inserido, preenchendo assim o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’, colocados como necessidades do mundo pessoal e do mundo público. A essência particular, definida como o ‘eu real’ é formada e vai se modificando de acordo com os mundos culturais nos quais o sujeito está inserido:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós mesmos’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (Hall, 2019, p. 11).

Na definição do Sujeito Pós-Moderno, a identidade passa a se tornar algo que não é mais unificada, única ou previsível/estável. E sim algo que tem se tornado fragmentado, e composta por não uma, mas por várias identidades, as vezes até mesmo contraditórias, ou ainda não resolvidas ou insólitas.

A identidade então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis. Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão ‘mudando’. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (Hall, 2019, p. 11).

Desta forma, é possível notar que o conceito de identidade, bem como o de cultura, afirma que a identidade está sempre em movimento, tendo mudanças pelas quais passamos no decorrer da vida, como consequência de algumas situações e decisões tomadas ao longo dos anos e do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital. Percebemos também que, ainda em Hall (2019), esse processo acima citado acaba por produzir o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não portador de uma identidade fixa, mas percebendo que a identidade

se torna algo que pode ser denominado como uma ‘celebração móvel’, levando-nos a compreender que o sujeito assume identidades diferenciadas em diferentes momentos, de acordo com os sistemas culturais que os rodeiam. Desta forma, compreende-se que a identidade é definida historicamente e não apenas no teor biológico.

O autor afirma que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia[...]” (Hall, 2019, p.12). Cabe ao indivíduo compreender que mudanças ao longo da vida são atividades completamente normais. Assim como a cultura, a identidade segue sempre em movimento.

O professor coloca que existe um ‘jogo de identidades’ evidenciando que pode haver uma possibilidade de não existir mais a identidade singular, fato que pode ser comprovado na vida de Einar/Lili, quando o pintor decide, na manhã, sair do quarto assumindo a identidade de pintor, ou de uma jovem moça que sai de casa apenas para fazer as compras na feira, até mesmo ir passear. Esse jogo de identidades afirma que as identidades podem ser contraditórias, elas se cruzam ou deslocam mutualmente.

No caso da protagonista em análise neste trabalho, é possível notar que a percepção a respeito da identidade pode ter sido confirmada quando a esposa de Einar convence-o a se divertir de uma maneira diferenciada. O Baile dos Artistas foi a primeira aparição pública de Lili na fase adulta, durante a vida do pintor.

Em um segundo livro de Stuart Hall, intitulado *Da diáspora – Identidades e mediações culturais*, encontramos um ensaio que aborda *A questão multicultural*. Neste ensaio, o autor trabalha com questões multiculturais e multiculturalismos, as quais procura explicar o porquê, durante seus questionamentos a respeito da identidade, Lili passa a viver e busca ajuda em outro lugar. Segundo o teórico supracitado:

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’ Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais (Hall, 2019, p. 57).

Desta forma, Hall (2019) afirma que existem sociedades multiculturais, como a França e até mesmo a Alemanha, locais nos quais Lili e Greta acabaram buscando ajuda para concretizar os desejos de Lili, diferente da Dinamarca, lugar no qual as personagens não conseguem atingir os seus desejos. Desta forma, ainda coloca que existem lugares que seguem mais de uma cultura, sendo aceita pela sociedade de acordo com a necessidade de cada um.

O teórico ainda afirma que “não é possível encontrar nenhuma definição única e não problemática para cultura”, assentando que o conceito segue uma complexidade individual, seguindo com duas concepções a respeito do que pode significar o termo “cultura”, vejamos a seguir:

A concepção de cultura é, em si mesma, socializada e democratizada. Não consiste mais na soma de o ‘melhor que foi pensado e dito’, considerado como os ápices de uma civilização plenamente realizada – aquele ideal de perfeição para o qual, nenhum sentido antigo, todos aspiravam[...] a ‘cultura’, neste sentido especial, é ‘ordinária’ (Hall, 2019, p. 147-148).

O pesquisador supracitado ainda afirma que, se existe uma ênfase de cultura que segue para suprir necessidades da sociedade, a segunda ênfase relaciona-se mais antropologicamente, afirmando o aspecto de cultura e aproximando-o das políticas sociais.

A cultura carrega em si comportamentos dos quais as pessoas que nela estão inseridas aprendem em sua fase infantil, e seguem na fase adulta e idosa. Porém, sempre existe uma possibilidade de haver quem fuja às regras. O teórico segue afirmando, em seus estudos que apesar da sociedade impor alguns costumes aos quais devemos seguir, sempre existirá uma exceção à regra. Desta forma, encontramos variadas maneiras de expressar nossa identidade, sendo ela sexual, de gênero, de raça, ou até mesmo social. De fato, é possível verificar que sim, a identidade está sempre em movimento, considerando que construímos ela biológica e historicamente.

O papel protagonizado por Lili, por uma identidade capaz de expressar perante à sociedade algo que ela já carregava dentro de si, teve como conclusão uma vida deixada de lado (com relação ao pintor) e uma nova vida, iniciando-a do zero. Dentre as vontades de Lili, a qual já comentamos, de tornar-se mãe, não afeta apenas a sua vida, mas também atinge quem estava a sua volta, isso não afeta sua maneira de viver, mas acabou colocando sua saúde em risco, tanto com relação ao seu corpo quanto com relação à sua mente.

O apoio recebido durante boa parte da caminhada, vindo de Greta, teve uma importância fundamental, pois, além de buscar ajuda médica, elas ainda se propuseram a mudar de cidade indo em busca de seus objetivos. Greta se manteve ao lado de Lili, até certo momento, mas quando Lili aceita a proposta do Professor Dr. Bolk para inserção uterina, Greta passa a discordar de sua melhor amiga. Greta acaba se afastando e dando lugar a seu irmão Carlisle, que segue ao lado de Lili até seus últimos dias. O falecimento de Lili carrega significados muito fortes e importantes, pois levam o leitor a conhecer as mudanças de personalidade desenvolvidas na protagonista, que inicia o romance carregando medo e sem conseguir finalizar algo sozinha, para alguém que realiza uma vontade, mesmo sendo contrariada.

3 DEFININDO A IDENTIDADE DE LILI ELBA – QUESTÕES DE GÊNERO – CONSTRUÍDAS SOCIOLÓGICA OU BIOLOGICAMENTE?

Lili sempre desejara aquilo. Sabia que se casaria um dia; quando pensava no assunto, sentia que não poderia representar papel maior na vida do que ser a esposa de um homem, a esposa de Henrik. Mas também sabia que aquilo era tolice: era algo que jamais repetiria para Greta, que não pensava dessa forma. Mas era assim que ela se sentia.

David Ebershoff, A garota dinamarquesa

Ao pensar em identidade, o leitor busca definições que possam ajudar a compreender seus significados, sejam elas de gênero, sexualidade ou demais especificidades. Aqui, utilizamos alguns teóricos que ajudem a entender como ocorre a construção de ambos, neste caso, de sexo e gênero. Este capítulo está focado na construção da identidade de gênero, identificando como isso ocorre ao longo da vida, quais são as atitudes que podem ser tomadas e as consequências que serão seguidas. As identidades que o autor trabalha podem ser construídas de forma separada, identidades sociais, de classe, de gênero, de sexo, de raça ou nacionalidade, e nesta pesquisa é possível notar quais consequências aparecem na vida de Lili Elba, de acordo com as decisões que ela teve que tomar durante sua trajetória dentro do romance.

A identidade de gênero possui conceitos e teorias que são embasadas no tema que envolvem tanto a identidade feminina quanto a identidade masculina. Assim sendo, surge o seguinte questionamento: Quais as possibilidades de definições e quais rumos a identidade feminina poderia tomar dentro do romance, considerando que a obra que está em análise nesta dissertação é algo ficcional, e não possui relação com os costumes de determinada realidade? De maneira geral, é possível conhecer como as questões de identidades (tanto femininas quanto masculinas) são colocadas na obra? É importante destacar que todas as experiências que a protagonista vivencia dentro do romance, trazem ao leitor a valorização de questões sociais, neste caso tanto do feminismo quanto do transfeminismo, buscando levar ao leitor as inúmeras possibilidades de identidades que podem e precisam ser respeitadas, sendo elas tanto na ficção quanto na realidade. O foco da análise presente nesta dissertação está direcionado à ficção histórica.

Buscamos aqui sistematizar o significado atribuído ao termo ‘trans’, que abrange questões as quais a protagonista do romance vivencia. O termo é oriundo do Latim, e significa ‘além de’ ou ‘para além de’ acolhendo toda e qualquer pessoa que se considere trans:

transexuais, transgêneros, travestis e não-binárias. Nesta pesquisa, o foco está primeiramente direcionado à identidade transgênero, e em seguida, à reconstrução da identidade sexual, o que acontece por consequência de seu primeiro ato, transformar-se em mulher. Aqui, é importante salientar que a identidade de gênero que carregamos, seja ela feminina ou masculina, não pode ser algo considerado como uma escolha, mas sim algo que é desenvolvido dentro do sujeito, ao longo da vida. No romance, a única escolha possível de se considerar foi quando a protagonista, Lili Elba, decide aceitar a proposta de cirurgia de inserção uterina, para tornar real o sonho de ser mãe. Em destaque, reafirmamos que isso não ocorre de maneira obrigatória, pois a identidade de gênero pode caminhar de maneira a estar separada da identidade de sexo do ser humano em questão, uma pessoa que se identifica como mulher não precisa necessariamente possuir um útero para comprovar sua identidade, biologicamente falando.

Quando pensamos a respeito de gênero, a primeira coisa que nos vem à cabeça é que todas as pessoas possuem o direito à liberdade de expressar sua identidade, o direito de ser quem quiser ser, independente de cor, gênero, sexualidade e qualquer outro ponto, mas nem sempre acontece de maneira tal qual deveria ser.

A pesquisadora Judith Butler (2009), apresenta um ensaio, intitulado *Desdiagnosticando o gênero*, trazendo questões antigas e atuais. A autora supracitada comenta a respeito de estudos presentes nos livros que abordam o Estatuto do Diagnóstico de Transtorno de Identidade de gênero, pesquisando qual a necessidade de continuarem lá ou não. E ainda afirma que esse diagnóstico, nos últimos tempos, vem sendo tratado como uma patologia. Sua justificativa é que, alguns seguros apenas aceitam realizar tais mudanças se forem realmente necessárias, e aprovadas por médicos, por questões financeiras, tirando da pessoa o direito de decidir qual caminho deve seguir em sua própria vida, salientando que só pode mudar seu gênero, o paciente que tenha um diagnóstico a favor de suas vontades, bem como a transformação de sua vida. Aqui, encontra-se um exemplo das situações as quais Lili enfrentou, encontrando vários profissionais diferentes, mas recebendo diagnósticos dissemelhantes.

Butler (2009, p. 96) diz que:

O ‘diagnóstico’ pode ter efeitos diversos, mas um deles pode se tornar – em particular nas mãos dos que são transfóbicos – um instrumento de patologização. Receber o diagnóstico de transtorno de identidade de gênero – TIG² – é ser, de certa maneira, considerado doente, errado, disfuncional, anormal e sofrer uma certa estigmatização em consequência desse diagnóstico. Assim, alguns psiquiatras ativistas e pessoas trans têm argumentado que o diagnóstico deveria ser totalmente eliminado, que a transexualidade não é um transtorno psiquiátrico – não devendo ser entendida como tal – e que as pessoas trans estão engajadas em uma prática de autodeterminação, um exercício de autonomia.

A autora comenta uma questão à qual já estamos cientes, historicamente, propor a pensar em tal diagnóstico é afirmar que estaremos fadados a um final que possui uma relação direta com as questões psicológicas, levando o sujeito em direção ao suicídio, pois sabe-se que é muito importante considerar que o desenvolvimento da vida de pessoas trans é muito curto, se comparado à vida de um sujeito heterossexual/cisgênero. A pessoa trans acaba por não se sentir capaz de se encaixar em um modelo identitário o qual é proposto pela sociedade na qual ela esteja inserida, o que acaba por causar consequências como o suicídio. Por outro lado, não devemos subestimar os benefícios que tal diagnóstico trouxe a essas pessoas, ofertando a elas o direito de viver de forma merecida e como qualquer outro ser humano, sendo agora ou em tempos passados, como percebemos na obra semificcional a qual está em análise.

A autora ainda afirma que pessoas diagnosticadas, assumiam a homossexualidade, mesmo de maneira indireta. O jogo de identidades contidas na obra, entre Lili e Einar, mostra alguns diagnósticos que a protagonista recebe de médicos diferentes, mas que levam à mesma conclusão, todos eles afirmam que o homem está doente e que apenas procedimentos médicos poderão o salvar da patologia.

A pesquisadora coloca que explorações a respeito de determinados assuntos, causarão o nascimento de uma nova história, que propondo novas perspectivas a respeito de velhas questões, as quais são tratadas de forma social, informações de tamanho interesse para tal pesquisa, considerando que o tema principal a se desenvolver aqui trata de questões de identidade, sejam ela de sexo ou gênero, física e psicológica.

De praxe, o significado da palavra ‘gênero’ está sempre relacionado às mulheres, à feminilidade e identidades que tenham qualquer relação a isso, e que se distingue do homem por características diferentes.

Em seu ensaio, Butler (2009) ainda nos traz que, de acordo com Dr. Richard Isay, uma das razões básicas para que a questão do Diagnóstico em transtorno em identidade de gênero seja abandonada é o efeito que isso causa nas crianças, podendo acender danos emocionais e até mesmo ferimentos em crianças que não possuem nenhum transtorno mental. Complementando o fato de que a solução que o teórico propõe é que “os pais aprendam a dar apoio ao que ele chama de ‘características atípicas de gênero’” – o que não ocorre na obra, considerando que, na fase infantil, Einar acaba levando um tapa no rosto, quando o pai chega em casa e o vê vestido em um avental de sua avó, e o amigo Hans está prestes a beijar seu pescoço.

Hans empurrara Einar em direção à casa. Na cozinha, sentara-se à cabeceira da mesa e enfiara um guardanapo no colarinho. Einar jamais cozinhará uma refeição, e ficará

parado, sem ação, junto ao fogão. [...] Em seguida, achara o avental da avó de Einar pendurado pelos cordões ao lado da chaminé do fogão. Pegara-o e amarrara-o cautelosamente em torno da cintura de Einar. Alisara a nuca do amigo como se houvesse ali uma cabeleira que precisasse ser afastada. ‘Você nunca brincou disso?’, sussurrara com voz quente e pastosa no ouvido de Einar, passando as unhas roídas pelo pescoço do outro. Apertara mais ainda os cordões do avental, até Einar precisar erguer as costelas com um arquejo de espanto e gratidão, enchendo os pulmões; nesse instante, o pai entrara na cozinha, com os olhos arregalados e a boca aberta num grande O. Einar sentira o avental cair aos seus pés. – Deixe o menino em paz! – O cajado nodoso do pai erguera-se sobre Hans. A porta batera com força, e a cozinha tornara-se sombria e pequena. Einar ouvira as botas chapinhando na lama, indo em direção ao pântano. Ouvira os arqueiros da respiração do pai e o estalo seco do tapa caindo sobre o próprio rosto (Ebershoff, 2016, p. 49).

No desenvolver do romance, Hans passa a ser considerado a primeira figura masculina na vida de Einar, se pensarmos que a partir do momento em que se tornam amigos, apesar da diferença de idade de dois anos, Hans ensina ao melhor amigo muitas coisas como empinar pipa, encorajando-o a assumir novos desafios. Para Hans, a ‘brincadeira’ na cozinha de casa não significava nada. Um fato em questão é a rejeição que Einar sofre do pai durante toda a sua vida, fato comprovado na citação do enredo, logo acima.

Butler (2019) segue o ensaio apresentando dois teóricos com argumentos opostos. O primeiro afirma que o diagnóstico de patologia, que por sinal, Lili sofre ao desenrolar do romance, mesmo por vários médicos, o paciente pode ser diagnosticado em três situações diferentes, pois existe uma mistura de significados, entre a autonomia do ser humano e a patologia na qual está inserido, mas nenhuma delas oferta tomar decisões sobre a própria vida. Em contrapartida, o segundo autor foca na autonomia do paciente, passando apenas por testes de terapia, para concluir se não haverá nenhum arrependimento no pós operatório.

Abordando o assunto ‘autonomia’, a teórica nos leva a reflexão a respeito dos direitos que são conquistados pelas sociedades em que estamos inseridos. Lili, ao longo de sua vida, foi capaz de tomar decisões, apesar dos diagnósticos patológicos.

A busca de Lili por médicos capazes de ajudar a resolver seus problemas precisou ir além da cidade em que o casal vivia, e essa mudança fez com que Lili procurasse ajuda em Paris, lugar no qual Hans esteve construindo sua vida depois de adulto. Ter a ajuda de Greta nesta árdua fase da vida mostrou para Lili que o amor que a artista Greta sentia pelo até então marido, ultrapassava todas as barreiras possíveis e imagináveis, pois mesmo quando Greta se casou com seu primeiro marido, Teddy Cross, e engravidou, nomeando seu filho com o mesmo nome de seu irmão gêmeo, Carlisle, Einar ainda estava presente em seus pensamentos.

Mas certo dia, quando Teddy fora a Pasadena pegar uma roda no seu antigo ateliê, o qual jamais chegara a fechar, o calor e enjoo chegaram ao fim. Greta e Akiko, cujo cabelo era negro feito uma asa de corvo, pariram juntas um menino azulado, com o cordão umbilical enrolado em torno do pescoço feito uma gravatinha. Greta batizara-

o de Carlisle. No dia seguinte, em meio a uma nuvem de poeira, ela e Teddy enterraram o bebê no quintal da casa de eucalipto do velho casal, na borda dos sussurrantes campos de morangos (Ebershoff, 2015, p. 62).

Essa conexão existente entre as personagens teve como consequência a presença de Greta na vida de Lili durante a transição, tanto na identidade de gênero quanto na identidade sexual. Sem Greta presente em sua vida, tal mudança não ocorreria.

Para melhor elucidar os aspectos envolvidos na transição de gênero, trazemos alguns conceitos elaborados por Joan Scott (2017), a respeito da construção da identidade de gênero, que se desenvolve ao longo das fases da vida, em seu texto intitulado *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Vejamos:

A relação da criança com a lei depende da diferença sexual, de sua identificação imaginativa (ou fantasmática) com a masculinidade ou a feminilidade. Em outras palavras, a imposição de regras de interação social é inerente e especificamente generificada, pois a relação feminina com o falo é forçosamente diferente da relação masculina. Mas a identificação do gênero, mesmo que pareça sempre coerente e fixa é, de fato, extremamente instável. Como sistemas de significado, as identidades subjetivas são processos de diferenciação e de distinção, que exigem a supressão de ambiguidades e de elementos de oposição, a fim de assegurar (criar ilusão de) uma coerência e (de) uma compreensão comum (Scott, 2017, p. 82).

Antes de iniciar a discussão a respeito do romance, é necessário conhecer um dos conceitos de tamanha importância que é colocado dentro dessa pesquisa, o ‘gênero’, já trabalhado, que se encaixa em questões históricas, identitárias, sociais e até mesmo carregando uma relação lado a lado com questões ‘sexuais’, mesmo que de maneira individual. A identidade é algo que construímos ao longo da vida, e carrega consigo o direito de seguir quais caminhos nos agradam mais, tornando-se quem você quiser ser, ou é necessário adequar-se ao que nos é imposto culturalmente quando nascemos em um determinado lugar? Pensando em questões como essa, caminhamos em direção ao significado de ‘patriarcado’, o qual indica o poder masculino que ainda existe sobre as mulheres. Uma das principais características da sociedade patriarcal é inserir o homem acima da mulher em qualquer atividade, valorizando o trabalho do homem e fugindo completamente da igualdade de gênero. Considerando o sistema de vida patriarcal, é correto considerar tal discurso pré-determinado, o qual estipula regras as quais se deve cumprir e seguir rigidamente ao longo da vida?

Para a compreensão, seguimos em Scott (2017), em sua teoria formulada, a qual aborda profundamente a respeito do gênero inserido em questões históricas:

Na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre as categorias que torna possíveis as distinções ou agrupamentos separados (Scott, 2017, p. 72).

Não existe uma definição sólida de ‘gênero’, pois o termo pode tomar variadas formas, de acordo com o contexto histórico em que está/esteja inserido. Segundo a teórica, o início dos estudos advindo de pesquisadores(as) a respeito do tema que estamos abordando, fundou-se a partir da inserção das mulheres, considerando-as também no mundo das pesquisas e descobrindo os papéis de simbolismos sexuais, colocados em diferentes momentos históricos e localizados em diferentes sociedades.

A utilização do termo ‘gênero’ não tem relação direta com a sexualidade (feminina ou masculina), mesmo que exista um sistema de relações que não está ligado diretamente ao sexo. Assim, é possível afirmar que o gênero carrega vários significados, relacionados tanto a questões históricas quanto ideológicas, envolvendo relações entre os sexos. A teórica supracitada, Scott (2017) ainda afirma que a utilização de seu uso descritivo, o termo “gênero” ainda é relacionado aos estudos direcionados às mulheres, mas sem a determinada atenção a qual deveria receber:

No seu uso descritivo, o termo ‘gênero’ é, então, um conceito associado ao estudo de coisas relativas às mulheres. “Gênero” é um novo tema, um novo domínio de pesquisa histórica, mas não tem poder analítico suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes (Scott, 2017, p. 76).

Desta forma, a professora ainda afirma que existem dois caminhos que podem ser seguidos para definições diferentes a respeito do termo ‘gênero’. O primeiro sistema funciona com a linha de pensamento das teóricas do patriarcado, afirmando que seu foco é centralizado na organização social, porém, afirmando que as desigualdades de gênero não carregam nenhuma relação com as outras desigualdades. Em contrapartida, as feministas marxistas carregam uma abordagem mais diretamente relacionada à teoria, considerando a bagagem histórica, e a exigência de uma materialização do gênero, o que acaba limitando novas pesquisas, ou ‘linhas de análise’.

Por conseguinte, a autora ainda afirma que os vários significados de ‘gênero’ podem estar ligados a questões sociais, iniciando discussões a respeito de identidade de gênero. Dentro do romance, é possível notar que o desenvolvimento da identidade de gênero ocorre em vários acontecimentos diferenciados, por exemplo, quando Einar passa a visitar um lugar que o possibilita a ver mulheres dançando e tirando a roupa, para que isso o faça ‘sentir mais homem’.

Ainda em Scott (2017), é possível notar que a sua afirmação segue relacionada à História do Feminismo, nos trazendo a relação hierárquica que ocorre entre identidades femininas e masculinas:

A história do pensamento feminista é uma história de recusa da construção hierárquica da relação entre o masculino e o feminino em seus contextos específicos, e uma tentativa para reverter ou deslocar suas operações. Os/as historiadores/as feministas estão agora bem-posicionados/as para teorizar suas práticas e para desenvolver o gênero como uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre mulheres e homens (Scott, 2017, p. 84-85).

A autora ainda afirma que, a partir do momento em que o termo *gênero* passa a fazer parte de uma realidade dividida, com o surgimento do feminismo surgem espaços e debates diferenciados, no qual esse pensamento passa a ter seu espaço e ser realmente valorizado, em situações sociais, acadêmicas e até mesmo políticas, passando assim a ter ou fazer parte de uma análise, portando um significado diferenciado, o que podemos chamar de ‘categoria analítica’. E a partir de determinado momento, as feministas passam a tomar e exercer seu lugar perante a sociedade, quanto a ganhar visibilidade, e até mesmo receber apoio de vários quadros diferentes, sendo eles políticos, acadêmicos e outros aliados.

Em sua definição mais complexa de gênero, a autora supracitada ainda divide o em mais de um aspecto, colocando-os no texto. O aspecto que utilizamos nesta pesquisa, está relacionado como o enumerado quarto, que define o *gênero* como uma identidade subjetiva, construída ao longo da vida e baseando-se em transformações de identidade biológica, de acordo com os processos de cultura de locais nos quais estão inseridos. Aqui, é possível notar que, entre os acontecimentos presentes na obra, as mudanças geográficas que Lili estabeleceu ao longo de sua vida e seu tratamento, tiveram uma importante influência em sua determinação por redefinir sua vida, sua identidade de gênero e sexual, ao longo da obra e também do filme, considerando que os dois abordam a mesma história, mas de maneiras artísticas diferenciadas.

Os comportamentos e questões sociais e culturais eram diferentes, tanto em Copenhague, quanto em Paris e até mesmo em Dresden, lugar em que Lili encontra o primeiro médico disposto a realizar seus desejos, sem nenhum tipo de ameaça. O Professor Dr. Alfred Bolk acompanha Lili Elba em todo o seu tratamento, até seus últimos dias, diferente de outros médicos que ela procurara anteriormente, sendo ameaçada até de morte, ou a seguir tratamentos que ela sabia que não eram necessários.

Quando Joan Scott (2017) aborda questões relacionadas a função de legitimação do gênero, um dos seus focos relaciona o ‘*gênero*’ diretamente com a construção de políticas e atos sociais. Vejamos abaixo:

O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os/as

historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas quais os conceitos de gênero legítima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (Scott, 2017, p. 89).

Tal afirmação não define um significado único e padronizado, mas seguindo o caminho contrário, afirma que os conceitos de gênero podem abraçar rotas diferentes, de acordo com a história do lugar que o ser humano nasce e cresce, construindo os passos diariamente de sua vida. Assim, é possível ainda afirmar que as significações de *gênero* e de poder podem ser construídas ao longo do tempo, mesmo tendo plena ciência de que os costumes possam passar por determinadas mudanças ao longo de suas vidas.

O desenvolvimento e a criação da identidade de Einar sofreram algumas alterações ao longo do romance, desde a sua infância, e isso torna-se justificável por questões culturais da época escolhida e desenvolvida dentro da ficção histórica presente no romance. Naquela época, muitos costumes não eram permitidos, assim como as regras que eram impostas e deveriam ser seguidas sem questionamentos, tendo risco de morte caso fossem quebradas. O nascimento e desenvolvimento de Einar não se encaixa nessas regras que eram impostas a um ‘menino normal’, pois ele não teve um modelo a seguir, seu pai, quando não estava acamado, estava questionando e brigando com ele, ou seja, Einar estava errado o tempo todo. Desta forma, percebemos que sua aparência e seus comportamentos fazem com que o leitor questione sua identidade em vários momentos.

Mesmo em sua infância conturbada, Einar sempre teve um companheiro, seu amigo Hans Axgil, quem cresceu ao seu lado e passou a maior parte do tempo brincando e desfrutando de novas experiências. É possível considerar que Hans foi a primeira figura masculina encontrada na vida de Lili Elba.

Na fase adulta, quando Einar torna-se um professor de pintura na Academia de Belas-Artes, conhece uma aluna diferente das outras, com uma personalidade forte, que alguns anos mais tarde, acaba entrando em sua vida como sua esposa. Enquanto Einar é um homem tímido, com aparência de uma criança, Greta é uma mulher totalmente independente e não se importa com opiniões que são emitidas a seu respeito.

O primeiro aparecimento público de Lili ocorre no Baile dos Artistas, o pintor Einar não quer comparecer ao evento, então sua esposa sugere que – sua prima Lili – compareça em seu lugar. Neste evento, Greta sai para cumprimentar algumas pessoas e deixa Lili sozinha. Neste momento, um rapaz aproxima-se dela e começa a conversar, proporcionando o primeiro encontro de Lili e Henrik, personagem que será seu futuro marido, quando Lili concretizar sua

vida. A aparição de Lili no Baile seria apenas uma brincadeira, que acaba tomando proporções inimagináveis. Greta passa a ter uma ciência da presença permanente de Lili quando questiona ao marido se Henrik, teria sido o primeiro homem a beijar ou se envolver com Lili, romanticamente. Neste momento, Einar passa a questionar e relembrar quando Hans, em uma brincadeira, beija o amigo na boca, mas não estava beijando o amigo, e sim Lili, mesmo que nenhum dos dois tenha percebido. No decorrer da obra, Greta acaba notando que os comportamentos relacionados a aparição de Lili após o Baile dos Artistas não eram apenas um delírio, mas que Lili passaria a ser real. O que a artista ainda não sabia era que, na mente do pintor, Lili Elba e Einar Wegener eram pessoas diferentes, que seguiam uma batalha decisiva sobre a supremacia do corpo físico.

Ao final do romance, o leitor encontra Lili e percebe que Einar tornou-se uma personagem inexistente. Agora o foco está direcionado à identidade da mulher, prestes a se casar e tornar-se mãe, algo que Einar desejou ter em sua vida desde sua infância, ou desde que começou a compreender que poderia se tornar, mudando absolutamente tudo em sua vida.

Com relação direta à esse assunto, encaixamos alguns conceitos trazidos por Silvia Federici (2019), que aborda e define o casamento como algo diretamente relacionado ao trabalho reprodutivo, onde encontramos o papel que a mulher precisa desenvolver dentro de sua casa, direcionando sua atenção aos cuidados domésticos, ao mesmo tempo em que cuida de sua família, marido e filhos, ainda desenvolve um trabalho sexual, tudo isso sem uma valorização necessária, recebendo seu pagamento de maneira romantizada, ou seja, sendo paga ‘com amor’, ou até mesmo sendo tratada de maneira endeusada, conformando-se em não receber valorizações monetárias.

3.1 NÃO SE NASCE MULHER

Inicialmente, é importante pensar que as primeiras aparições de Lili dentro da vida do casal de artistas foram em situações as quais ocorrerem de forma ‘natural’, tanto no Baile dos Artistas quanto nos momentos em que Greta precisa finalizar suas obras, que a partir de determinado momento, passam a fazer muito sucesso, em Paris. Não podemos afirmar que Einar era capaz de decidir qual identidade ele iria utilizar, quando acordasse. Quando Greta pedia ao marido que Lili visse os visitar, pois ela precisaria finalizar uma obra, Einar transformava-se por completo, guardando Einar na sua caixa de pensamentos e dando vida à Lili.

Existe uma comprovação notória quando percebemos que Einar não se lembra de acontecimentos relacionados ao dia anterior, quando permanece na identidade de Lili,

considerando que essas lembranças pertencem a outra pessoa. É possível encontrar um exemplo referente à essa situação dentro do romance, quando Einar traz Lili ao apartamento, para que Greta consiga finalizar mais uma de suas obras:

Por um instante, Einar sentiu vontade de desafiar a esposa. Tinha um quadro para terminar. Dissera a si mesmo que passaria a manhã comprando verduras na feira e pintando, coisa que vinha negligenciando ultimamente, e que só chamaria Lili à tarde. Mas agora Greta queria que ele escolhesse Lili em detrimento de si próprio. Queria que ele renunciasse à sua pintura em prol da dela, Greta. Ele não queria. Não ansiava por Lili naquele momento. Tinha a impressão de que Greta estava obrigando-o a escolher. [...] Tinha a impressão de ter a alma presa numa jaula de ferro forjado: era o seu coração enfiando o focinho nas costelas, enquanto Lili mexia-se lá no fundo, despertando e esfregando o lado do corpo nas barras do corpo de Einar (Ebershoff, 2016, p. 100-101).

A imagem de Lili dentro do romance leva ao leitor uma identidade de mulher decidida, que passa a tomar atitudes inquestionáveis, e percebe que sim, ela tem o direito de viver e praticar sua vida em liberdade, bem como qualquer outra personagem que esteja ao seu redor, dentro do romance. O desenvolvimento de sua vida possui um caminho admirável, considerando que Lili se transforma de uma jovem mulher tímida e inocente em uma pessoa capaz de batalhar pela sua vida e suas vontades.

Ao pensar na construção da identidade, logo lembramos da filósofa feminista Simone de Beauvoir que carrega sua famosa frase ‘não se nasce mulher, torna-se’, o que nos leva a pensar a respeito do desenvolvimento do gênero. Novamente, retornamos à organizadora Heloisa Buarque de Hollanda, que nos apresenta outro ensaio de Judith Butler, com o qual já trabalhamos, intitulado *Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e a teoria feminista*. Ainda neste ensaio, Butler (2019, p. 213-214) afirma que:

Nesse sentido, um gênero não é de forma alguma uma identidade estável do qual diferentes ações acontecem, nem seu lugar de agência; mas uma identidade tenuamente constituída no tempo – identidade instituída por meio de uma *repetição estilizada de certos atos*. Os gêneros são instituídos pela estilização do corpo e, por isso, precisam ser entendidos como o processo ordinário pelo qual gestos corporais, movimentos e ações de vários tipos formam a ilusão de um Eu atribuído de um gênero² imemorial.

A filósofa americana ainda coloca que a construção das identidades e dos gêneros não é algo sólido, mas algo que segue por atos desconstruídos, ou seja, a identidade passa a seguir as crenças que se mantêm no lugar em que o sujeito está inserido, mas isso não impede que o próprio sujeito adote decisões diferenciadas, pois como já afirmamos nesta pesquisa, a identidade está sempre em movimento. Butler (2019) ainda afirma que existe mais de uma

forma de construir uma identidade, mas isso não significa que o sujeito esteja construindo algo de maneira considerada errada:

Se a base da identidade de gênero é a contínua repetição estilizada de certos atos, e não uma identidade aparentemente harmoniosa, as possibilidades de transformação dos gêneros estão na relação arbitrária desses atos, na possibilidade de um padrão diferente de repetição, na quebra ou subversão da repetição do estilo mobilizado (Butler, 2019, p. 214).

Em continuidade, a autora ainda coloca que as identidades de gêneros, dentro das sociedades, são colocadas como algo que está sempre apoiado em sanções sociais e tabus, e que existem possibilidades de contestar tais afirmações. Judith Butler ainda afirma que a construção da identidade, leva o leitor a perceber que existe uma diferença entre gênero e sexo, considerando que o gênero carrega uma relação com questões sociais enquanto o sexo é levado para o lado da biologia. Assim, a autora passa novamente a mencionar Beauvoir, quando coloca que ‘qualquer gênero é uma situação histórica e não um fato natural’. (Butler, 2019, p. 215)

Retomando o início do ensaio, Butler (2019, p. 212) coloca que:

Os gêneros não são passivamente inscritos nos corpos e nem são determinados pela natureza, pela língua, pelo simbólico ou pela esmagadora história do patriarcado. Gênero é aquilo que colocamos, invariavelmente, sob controle, diária e incessantemente com ansiedade e prazer.

Retornando ao romance de David Ebershoff, quando nos deparamos com a identidade de Lili Elba finalmente solidificada, é possível notar que suas atitudes surgem de maneira capaz de surpreender até mesmo Greta, que ‘achava’ conhecê-la muito bem. Tais surpresas surgem a partir do momento em que Lili passa a desenvolver uma relação amorosa ao lado de Henrik, inicialmente ‘escondida’ de Greta, porém sendo incapaz de controlar suas vontades.

O romance é composto por um enredo ficcional, assim, proponho uma análise baseada em Lili, mas de outra maneira. Se Lili estivesse inserida no momento histórico atual, o qual, apesar de possuir algumas evoluções teóricas, ainda segue muitos preconceitos os quais encontramos no enredo do romance, e segue sendo muito mais valorizado, do que vidas de quem possui identidades transexuais ou transgêneros.

Nessa questão, é importante lembrar que, mesmo no momento histórico atual, ainda existem algumas questões que carregam relações diretamente relacionadas com a transfobia, levando-nos a pensar que, mesmo muito tempo depois da época em que o enredo ocorre, ainda é importante considerar o preconceito/*bullying* que existe contra as identidades de transição (sendo elas de gênero, de sexo, transgênero ou até mesmo apenas sexualidade), e isso pode ser

comprovado quando pensamos em um período de vida de uma pessoa trans que é absurdamente menor do que o de uma pessoa que segue os padrões estabelecidos e pré-existentes.

Consultando as Estatísticas, encontramos argumentos capazes de comprovar que o período de vida de pessoas trans é muito curto, se comparado ao período de vida de uma pessoa cisgênero e heterossexual. Um exemplo encontrado neste site chamado de Agência Brasil, é que, no ano de dois mil e vinte e três, o Brasil possui um registro de cento e cinquenta e cinco pessoas mortas, sendo cento e quarenta e cinco pessoas assassinadas e outras dez pessoas que cometeram suicídio, provavelmente motivados pela invisibilidade social ou após sofrerem vários tipos de violências e preconceitos relacionados à Transfobia.

Pensando em questões históricas, é possível afirmar que no momento atual existe um discurso diferente, baseado no ativismo, conceito que oferta a visibilidade e luta pelos direitos a todas as pessoas, mas isso não apaga os atos de violência contra os indivíduos que se encaixem dentro de questões homossexuais, transsexuais, transgêneros, entre outras várias formas de se expressar.

Observando as identidades presentes nas personagens que constituem o romance, entre Greta, Lili e Einar, é possível afirmar que Lili carrega em sua identidade características não libertárias, pois é notório afirmar que ela gosta de seguir o conceito de ‘masculinidade superior’, ofertada pelo machismo, ações que se tornam perceptíveis quando ela decide estar ao lado do futuro marido. Einar desenvolve uma identidade oposta a essa, tendo em mente que transformaria sua vida, quebrando regras inseridas no enredo do romance ficcional. Greta e Einar são personagens libertárias, enquanto Lili não é.

Afirmar que a identidade sexual nasce pronta (homem/mulher) é um erro constante ao qual nos deparamos diariamente, em diferentes situações. Dentro do romance, é possível reconhecer algumas situações, em que mesmo passando por muitas e difíceis batalhas, Lili não desiste de sua luta para a realização de seu sonho, tornar-se mulher e mãe.

Lili não se deixava perturbar pelo que lembrava e não lembrava. Sabia que a maior parte de sua vida anterior era como um livro que ela lera quando criança: ao mesmo tempo familiar e esquecido. Lembrava-se de um campo de esfagno, lamacento na primavera e esburacado por uma família de raposas vermelhas; [...] Também se lembrava do vulto de um garoto alto e cabeçudo, caminhando ao longo da crista do campo de esfagno (Ebershoff, 2016, p. 298).

Retomando a autora Hollanda (2018), em uma introdução à um ensaio de Bia Pagliarini Bagagli, encontramos uma definição direcionada ao transfeminismo. Vejamos a frase que a autora coloca: “Essa atitude que busca encontrar uma ‘origem’ para as identidades

trans acaba por reproduzir uma noção cissexista sobre a existência de pessoas trans” (Bagagli, 2018, p. 343).

Relembrando a afirmação ‘não se nasce mulher’, de Simone de Beauvoir, uma autora qual já citamos durante essa análise, neste momento, retomamos alguns conceitos de Beauvoir (2016) ao relembrar algumas questões pelas quais Lili passa ao desenvolver da ficção dentro do romance.

Afirmar que não se nasce mulher ocorre quando damos visibilidade aos conceitos trazidos por Letícia Nascimento, em sua obra já comentada nesta dissertação, intitulada *Transfeminismo*. É importante relembrar que as análises feitas nesse momento têm relação com a obra, ou seja, está inclusa na ficção. Aqui, é interessante relembrar o momento da obra em que Greta discorda da última cirurgia de Lili, pois afirma que além de ser algo perigoso, isso ainda não será capaz de transformar sua identidade, mesmo sabendo que está errada.

Ainda em seu livro onde reúne ensaios, Hollanda (2018) nos traz Helena Vieira, que escreve um ensaio intitulado *O transfeminismo como resultado histórico das trajetórias feministas*. Neste momento, vejamos algumas questões colocadas por Vieira:

Parte da dificuldade do “senso comum” em reconhecer a legitimidade do gênero das pessoas trans está relacionada, entre outras coisas, à equiparação das noções de natural e verdadeiro e a hierarquia entre natural e artificial. É muito comum ouvir: “Não importa quantas cirurgias você faça ou quantos hormônios você tome, não vai ser mulher ainda”, seja porque os aportes da biologia escolar sobre os cromossomos se tornaram uma convenção definidora do que é um homem e do que é uma mulher” (Vieira, 2018, p. 361).

A autora ainda afirma que, de acordo com a biologia, tais mudanças jamais ocorreriam naturalmente, ou seja, as identidades biológicas de homem e de mulher precisam ser seguidas, de maneira rígida. No desenvolvimento da análise do romance, Greta passa de uma amiga do marido que busca brincadeiras com as quais o casal pode se divertir a uma pessoa preconceituosa com relação aos planos futuros de Lili. A partir do momento em que Lili passa a separar suas vidas, Greta age de forma negativa com relação ao seu ex-marido, demonstrando duvidar das atitudes que Lili poderia tomar para concretizar sua vontade, que a acompanhava desde a sua infância.

Relacionando as identidades de homem e mulher, Vieira (2018) ainda coloca que a produção desses corpos sempre tem relação direta com a tecnologia, considerando que as identidades são tecnologias sociais, que realizam operações sobre os corpos para manter o sistema de mundo no qual estão inseridos. Pensando no romance, é possível encontrar as justificativas que Greta usa para se afastar do marido no momento em que ocorre a dissolução

do casamento. Lili recebe autorização para modificar seus documentos assumindo sua nova identidade – de homem para mulher. Uma das principais características de Lili que o leitor pode notar é a sua mentalidade conservadora, a partir do momento em que ela assume seu relacionamento ao lado de Henrik, Lili demonstra prazer em assumir a identidade de uma mulher conservadora e machista, e isso acaba trazendo uma das piores consequências à sua vida – a morte.

3.2 CONHECENDO GRETA WAUD – UMA CALIFORNIANA DENTRO DA DINAMARCA

É importante lembrar que o romance ao mesmo tempo em que é histórico, também é ficcional, considerando que não sabemos quais eram os costumes impostos e respeitados pelas sociedades na época em que a ficção ocorre. Os comportamentos, tanto direcionados à Greta Waud quanto à Lili/Einar, surgem na produção do romance ficcional-histórico, escrito por David Ebershoff.

Neste trabalho, consideramos a crítica literária e o desenvolvimento da identidade da protagonista. A construção da identidade sempre dependerá dos costumes sociais que nos são impostos, relacionados ao lugar geográfico, no qual estamos inseridos. Na obra em análise, temos um exemplo claro quando comparamos Greta e Lili.

No romance em questão, é possível notar que a identidade de Greta sempre foi diferente do que a sociedade dinamarquesa estava acostumada a conviver, ela era ousada, tinha um toque sexy e despreocupado com o que iriam pensar ou falar a seu respeito. De um lado, Greta nasce e cresce na Califórnia, aprendendo sobre a liberdade feminina, se tornando uma mulher forte e independente, costumes que a sociedade Dinamarquesa ainda nem sequer conhecia. Outra questão é que enquanto Einar ainda não tinha certeza de quais seriam os próximos capítulos de sua vida dali para frente, Greta nunca teve dúvidas, ela já sabia quem teria a supremacia daquele corpo.

Quando chegou em casa no dia seguinte, Greta encontrou Lili com duas agulhas no colo, fazendo uma rede de crochê para cabelo. Nem ela nem Einar haviam descoberto a causa do sangramento do nariz de Lili no Baile dos Artistas. Cerca de um mês depois, porém, o nariz dela começara a sangrar novamente: duas explosões quentes e vermelhas em apenas três dias de julho. Einar dissera que não era nada, mas Greta ficou preocupada, tal qual uma mãe que vigia a tosse do filho. Recentemente ela dera para sair da cama de madrugada, ir até o cavalete e pintar uma Lili lívida, desfalecendo nos braços de Henrik. O quadro era grande, quase em tamanho natural; e mais real, com suas cores vívidas e suas formas planas, do que a lembrança que Greta tinha de Lili sangrando lá na praça. O fundo era inclinado: mostrava o chafariz com os dragões cuspidos água e os viquingues de bronze tocando as *lure*. Uma frágil Lili preenchia a

tela, envolta nos braços de um homem cujo cabelo caía sobre o rosto dela. Greta dizia a si mesma, enquanto pintava, que jamais esqueceria aquela visão; a mistura crescente de horror, confusão e revolta ainda era palpável nas vértebras de sua espinha. Ela sabia que algo mudara (Ebershoff, 2019, p. 76).

Aciência que Greta teve da chegada de Lili em sua vida demonstra como a personagem é perspicaz, sendo capaz de compreender qual caminho a vida de seu marido teria tomado, antes mesmo dele oficializar sua identidade feminina.

Desde o primeiro aparecimento de Lili na vida do casal, é possível notar que Greta passa a desenvolver um certo interesse por Lili, mesmo quando tornam-se melhores amigas. Então, surge o primeiro acontecimento em que Greta, em oposição de acordar ao lado de seu marido, acorda pela manhã ao lado de Lili. Desta forma, surge o questionamento, pois Greta passa a perceber que não porta mais a ciência de com quem está convivendo.

Greta adormeceu antes de Einar ir para a cama. Quando acordou descobriu Lili ainda de combinação sob o lençol. Seu cabelo estava desgrenhado, e sob a luz fraca, os pelos já começavam a brotar no rosto limpo. Ela estava deitada de costas; o diminuto peso do lençol realçava-lhe os seios em formato de pera, e, mais abaixo, o volume que crescia entre as pernas. Lili jamais dormira com Greta. Elas até já haviam tomado o café da manhã juntas, trajando quimonos de seda estampados com garças, e ido comprar meias que Greta sempre pagava, como uma mãe ou uma tia solteirona; mas Einar jamais fora para a cama vestido como Lili. O coração de Greta martelava-lhe o peito, duro feito o caroço de uma fruta. Aquilo também se tornaria parte da brincadeira? Ela deveria beijar Lili como se beijasse o marido? (Ebershoff, 2016, p. 95).

Greta sabia que o relacionamento entre ela e o marido não ia bem já há algum tempo, pois eles não tinham relações sexuais e quando ela tentava incentivar o marido, ele rapidamente levantava-se da cama e então ela ficava ali, sem saber qual seria o seu erro. No momento em que Greta buscava relações amorosas com seu marido que lhe eram negadas, ela não sabia esclarecer dúvidas de com quem ela estava dividindo momentos da sua vida ‘era como se alguém que ela não conhecesse estivesse ali na cama’ (Ebershoff, 2016, p. 96).

Greta e Einar carregavam o mesmo desejo, o de pintar, demonstrando o amor que sentiam pela arte, mesmo executando-a de maneiras diferentes. Enquanto, de um lado, Einar desenhava paisagens que remetiam à sua infância, Greta pintava quadros em tamanhos reais, registrando pessoas em situações importantes. As pinturas de Einar eram focadas em paisagens de Bluetooth, o pequeno vilarejo no qual ele passou a maior parte de sua infância, em Jutland, criando e desenvolvendo memórias. Antes do nascimento de Lili, Einar demonstra que, ao reproduzir esse modelo, ele parece carregar a melancolia profunda que segue presente durante quase toda a sua vida, enquanto ainda possui a identidade masculina. Einar foi um pintor muito

famoso e respeitado, tendo obras conhecidas e valorizadas, enquanto, do outro lado da moeda, Greta precisava implorar para que seus quadros conseguissem lugar em alguma exposição.

Essa situação passa a mudar apenas a partir do momento em que Greta dá início às produções dos quadros de uma mulher jovem e sexy, porém ainda desconhecida. Greta passa a obter sucesso e maior visibilidade apenas quando a artista começa a se dedicar e fazer seus registros de uma mulher, que para a sociedade, ainda era misteriosa, chamada Lili.

Greta Wegener, além de ter sido o grande amor a vida de Einar, também foi a força necessária para que Lili Elba fosse capaz de atingir seu maior objetivo de vida. Durante o desenvolvimento do romance, sem a mão de Greta para que ela pudesse segurar, é possível afirmar que Lili jamais teria lançado sua vida para fora da mente do pintor. Enquanto Einar estava submerso na solidão, Greta era uma mulher independente, e sua imagem era forte demais para a sociedade em que estavam inseridos, pois suas vontades não eram permitidas a uma mulher naquela época. Greta sentia-se presa, pois sentia vontade de viver seus dias pintando, mas também recebendo o reconhecimento, que muitas vezes era direcionado aos pintores homens, Greta também sentia vontade de frequentar bares e tomar drinks com seus amigos, mas tais vontades não eram permitidas para as mulheres.

Aquele setembro marcava o fim de sua juventude: a guerra já podia ser ouvida em meio as trovoadas nas nuvens, e Greta matriculara-se na Academia Real. No primeiro dia de aula, surpreendera-se quando Einar, de pé diante de um quadro-negro que exibia o fantasma poeirento de uma lição anterior, perguntara: ‘E o seu nome, senhorita?’ – Quando Greta respondeu à pergunta, Einar - ou o prof. Wegener, como ela pensava nele à época – marcara o livro de chamada passando adiante. Seus olhos, que eram castanhos e grandes como os de uma boneca, haviam voltado a ela e logo se desviado. Avaliando aquele nervosismo, Greta começara a pensar que ele jamais conhecera uma americana na vida. Então, jogara a cabeleira sobre o ombro, como que desfraldando uma bandeira (Ebershoff, 2016, p. 27).

A primeira atitude tomada pela moça que o surpreende, logo ao conhecer seu professor, ocorre quando ela o convida para participar do seu baile de debutante, Greta o convida para acompanhá-la, e simplesmente ignora qualquer resposta dele, que não seja aceitar seu convite. Ainda neste primeiro encontro entre a aluna e o professor, Greta acaba beijando-o e nota que Einar Wegener não era apenas o homem que ela gostaria que a acompanhasse em sua festa, mas seria o homem com quem ela se casaria mais tarde. Essa atitude demonstra ao professor que a sua aluna californiana tem muito mais ousadia do que ele possa imaginar. O primeiro beijo que ocorre entre o casal, surge de uma atitude tomada por ela.

Algum tempo mais tarde, a família Waud precisa ir embora da Califórnia, pois está prestes a ocorrer uma invasão na França pela Alemanha, e o pai de Greta não considera mais a

Europa um lugar seguro. Enquanto está longe de Einar, Greta sente-se exilada e quer voltar a encontrá-lo.

Anos mais tarde, Einar passa a se tornar o segundo marido de Greta, e mesmo depois de casados, o pintor ainda se sente surpreso com algumas atitudes, as quais fazem com que o pintor sintasse cada vez mais apaixonado.

É notável que as identidades femininas possuem tamanha importância dentro do romance, considerando que além de Lili Elba, a protagonista, ainda existem personagens femininas que demonstram suas lutas em busca de seus objetivos, e Anna Fonsmark, amiga e cantora de Ópera, passa a se tornar um exemplo para a primeira reaparição de Lili Elba na vida do casal dentro do romance. No decorrer da obra, Greta inicia seu percurso buscando ajuda em determinados lugares para que Lili concretize o sonho de tornar-se uma mulher, mas acaba por discordar de algumas atitudes e decisões as quais ela sabe que as consequências serão graves e negativas.

No decorrer do romance, o casal se separa, tornando-se apenas amigas, até certo ponto, e o motivo disso ocorre quando Lili decide casar-se com Henrik e ir embora para Paris. Nesse determinado momento, é possível notar que Greta não atinge seu objetivo, de permanecer ao lado da pessoa a qual ela sempre quis estar. Logo no início do romance, quando Greta pede que Einar vista a meia calça para que finalize um de seus quadros, ela demonstra um certo prazer no momento em que o marido aceita, dando ao leitor compreender que talvez ela tenha interesse em se relacionar com outra mulher, o que nitidamente não ocorre. Seria interessante pensar na possibilidade de Greta sentir vontade de vivenciar uma experiência romântica ao lado de Lili?

O prazer demonstrado pela artista ao pintar os quadros de Lili passa ao leitor a sensação de uma possível homossexualidade presente na personagem Greta, mas que logo em seguida é negada, pois o casal evita sobre o assunto por muito tempo. Com os breves aparecimentos de Lili na vida do casal, Greta passa a obter sucesso em suas obras, quando começa a produzir obras do marido enquanto ele está dormindo, vestindo a identidade de Lili.

– Então você não quer experimentar o vestido dela? – Quando Greta pronunciou a palavra ‘vestido’, Einar sentiu um calor no estômago, seguido por uma sensação de vergonha que lhe veio subindo pelo peito. – Não, acho que não. – Nem por uns instantes? – perguntou ela. – Preciso pintar a bainha por cima dos joelhos dela. – Greta estava sentada na cadeira de assento de corda ali do lado, alisando-lhe a panturrilha através da seda. Aquela mão parecia hipnótica, e o fôlego mandava-o fechar os olhos. Ele ouvia apenas aquela unha raspando suavemente a seda, mais nada (Ebershoff, 2016, p. 19).

Quando Greta insiste em pedir a ajuda do marido para finalizar seu trabalho, ela passa a sugerir que, a partir desse momento, eles comecem a tomar atitudes diferentes para se divertir.

A presença de Lili no Baile dos Artistas é um exemplo nítido disso, quando uma mulher misteriosa aparece na sociedade, despertando interesse de um homem.

Greta parece gostar das aparições de Lili, mas apenas enquanto ela tem controle da situação, em determinada parte do romance, as atitudes de Lili passam a ser muito mais frequentes, e Greta já não sabe mais o que fazer para recuperar seu marido, que ao final do romance recebe autorização para modificar seu nome, assumindo assim sua nova identidade.

Neste momento, Greta Waud passa a possuir duas certidões de óbitos, a primeira de seu ex-marido Teddy Cross, o qual faleceu por tuberculose, e a partir desse momento, de Einar Wegener, que apenas desapareceu.

Quando Lili aparecia no apartamento em que o casal morava, Greta não sabia muito bem como reagir, apenas espantava-se ao chegar em casa e encontrar com o marido vestido com roupas de mulher, mas gostava disso, e incentivava-o a continuar, pois apesar de ser uma mulher forte e capaz de questionar qualquer pessoa, Greta não questionava as atitudes do marido, tudo que ela fazia era para deixá-lo feliz.

Ao final do romance, Greta decide aceitar o pedido de casamento de um velho amigo, ao qual ela acabou se envolvendo quando se afasta de Lili, para deixar que ela viva sua vida ‘sozinha’, desenvolvendo sua identidade e suas decisões por conta própria. Ao final do romance, Lili acaba falecendo ao lado de Anna e Carlisle, indivíduos que faziam parte do seu círculo de interação, desde o desaparecimento de Einar.

A vontade de Lili em optar por se separar de Greta e seguir seu planejamento de viver ao lado de seu futuro marido, Henrik, dedicando-se a cuidar da sua futura família, demonstra ao leitor a romantização do casamento, pois agora tudo que importa para Lili depende da opinião de seu marido.

Neste momento, proponho uma análise a respeito das vontades de Greta, que, durante o desenvolvimento do romance não são aparentes, mas torna-se possível notar que existe uma vontade de permanecer ao lado de Lili, independentemente de qualquer situação, ou das vontades as quais Lili deseja investir na nova etapa de sua vida

A discordância que surge em Greta, ocorre a partir do momento em que ela pensa em não existir uma necessidade de Lili inserir o útero, pois não sabe quais consequências isso pode as levar. Outro ponto importante para salientar é que, em momento algum, Greta sente vontade de afastar-se de Lili ou de Einar, pois utiliza seu amor como uma forma de apoio em qualquer situação.

Infelizmente, seu amor por Lili não foi suficiente, pois Lili acaba afastando-se da amiga planejando seu futuro casamento. O surgimento de um homem e a possibilidade de um

relacionamento na vida de Lili faz com que ela perceba que Einar finalmente faz parte apenas de seu passado, tornando a identidade de Lili oficialmente real.

Outra diferença notória entre as personagens surge a partir do machismo presente na personalidade de Lili, quem encontra-se submissa às decisões de seu futuro marido, algo que, aos olhos de Greta, jamais tornaria se real. De um lado, Greta questiona a necessidade de Lili de concretizar a inserção uterina, enquanto Lili afirma que apenas esse procedimento pode tornar seu desejo, uma realidade. A partir do momento em que Greta se desliga oficialmente do marido, o leitor percebe que isso não demonstra uma vontade de Greta, mas sim algo imposto pela nova personalidade, agora, de Lili Elba.

3.3 LILI OU EINAR? A SUPREMACIA ESTÁ A CAMINHO

Para desenvolver esse tópico, relembremos que Einar desempenhou em sua vida um papel melancólico e depressivo. O pintor nasceu em um vilarejo simples e fora criado pelo pai e pela avó. Ao falecimento de seu último filho, a avó de Einar presenteia o neto com uma caderneta onde ele poderá anotar seus sentimentos, desejos e anseios.

Einar era uma criança doce, mas muito tímida. Não teve muitas aventuras até conhecer seu primeiro amigo, Hans Axgil, que lhe proporcionava muitas atividades como praticar esportes ou só para provocar a mãe de Hans. Concluímos que Hans Axgil é a primeira imagem masculina qual aparece na vida tanto de Einar quanto de Lili, que até certo ponto do romance são tratadas de maneiras diferentes. Hans demonstra uma coragem para fazer o que tem vontade, e ajuda Einar a realizar alguns desejos, como por exemplo quando ensina ao amigo a empinar pipa, sem que a derrube ao chão.

No período de sua adolescência, Einar aprende algumas coisas com a presença de Hans, na cidade em que eles cresceram juntos, mas acaba ficando muito triste quando o amigo vai embora. Na leitura do romance, é possível perceber que Hans teria sido a primeira paixão da vida de Lili/Einar, mesmo o menino ainda não tendo plena compreensão de quem ele seria ou se tornaria. Mas Lili passaria a fazer parte de sua vida, na fase adulta.

Alguns anos mais tarde, quando Lili retorna à vida do pintor, sua primeira aparição ocorre quando Einar veste uma roupa feminina, para ajudar sua esposa em um quadro:

De pé sobre o baú, Einar começou a sentir calor e tonteira. Baixou o olhar para as canelas e viu os poucos pelos que apareciam através da seda lisa, semelhantes à penugem diminuta de uma vagem. Os sapatos amarelos pareciam delicados demais para sustentá-lo, mas seus pés pareciam estar perfeitamente à vontade arqueados; era

como se ele estivesse esticando um músculo caído em desuso (Ebershoff, 2015, p. 16).

E diante da primeira experiência de Einar na fase adulta, dentro de si, ele sente algo estranho, e depois de muito tempo, Lili passa a acordar. Assim sendo, dentro do romance passa a existir uma relação entre duas pessoas dentro de um mesmo corpo, mas, de maneira que possuam mentes diferentes e separadas. Logo no início, o leitor percebe que Lili e Einar não são a mesma pessoa. O primeiro incentivo, ocorre de sua esposa, que não sabe da existência de Lili na infância do pintor, quando Greta sugere que além das meias, o marido coloque o vestido de Anna, algo que para ela se tornaria uma brincadeira sexy, ousada. Nenhum dos dois tinha plena ciência de que tal brincadeira transformaria a vida do pintor. “A raposa estava perseguindo o camundongo, e havia uma voz distante na sua cabeça; o gemido suave de uma menininha assustada” (Ebershoff, 2015, p. 21), neste momento, é possível afirmar que Lili acordou.

A brincadeira que a esposa oferta ao marido, para que tenham uma vida mais agitada, ocorre com o primeiro aparecimento público de Lili dentro do romance, no Baile dos Artistas, no evento, Einar decide que não quer acompanhar sua esposa, que sugere que Lili então vá em seu lugar. Primeiramente, Lili é apresentada como prima do pintor, vinda de Jutland. Greta permite que ela passeie pelo Baile dos Artistas, mas logo a encontra, conversando com um rapaz, e tendo um sangramento desconhecido no nariz. É importante salientar que, em seguida, o assunto é evitado entre o casal. Após o Baile dos Artistas, Lili passa a frequentar a Casa da Viúva sorrateiramente, sem aviso prévio, quando Greta chega após um árduo dia de trabalho e encontra Lili no lugar de seu marido.

Ainda no início do romance, a relação desenvolvida entre o pintor e sua prima é algo muito sutil, pois os dois são tratados de maneira separada até determinada parte da obra, o momento em que tanto o pintor quanto sua esposa perdem os controles da situação, ou seja, a brincadeira foge totalmente do controle de todos que estavam envolvidos naquela situação.

– Andei pensando sobre ela.– disse Einar. – Sobre quem? – Lili. – Então porque ela não aparece de novo? – disse Greta, quase sem erguer o olhar das palavras cruzadas e coçando com o dedo sujo de tinta de jornal a marca de catapora. Greta era capaz de dizer coisas sem pensar; seu espírito de contradição e radicalismo vivia borbulhando. Ao longo do casamento, ela já fizera outras sugestões absurdas: Por que não nos mudamos de volta para Pasadena, para cultivar as laranjas? Por que não abrimos uma clínica aqui em casa para as prostitutas de Istedgade? [...] (Ebershoff, 2015, p. 32).

Uma informação importante para o leitor é relembrar que, na cabeça do pintor, Lili é uma terceira pessoa que passa a se relacionar com o casal, afirmando que ele não possui nenhum problema de saúde, pensamento diferente do que muitas pessoas pelas quais ele vai passar, vão

diagnosticá-lo. Lili Elba constrói sua vida do zero, seguindo caminhos opostos aos do pintor. A partir de determinado momento, dentro da Casa da Viúva, passa a existir uma relação entre um homem de meia idade, deprimido, e de uma jovem moça que está prestes a mudar sua vida. Quando o assunto (Lili) era abordado na presença de Einar, o pintor não a conhecia, e permanecia alguns segundos confuso até se lembrar do que até então, era um segredo que habitava entre ele e sua esposa. Lili era apenas a prima de Einar.

É notório que existem algumas diferenças sólidas entre Lili Elba e Einar Wegener, enquanto o pintor se nega a sair de casa e participar de um evento público, Lili sente vontade de participar, e logo no primeiro evento em que ela aparece, já conhece quem, futuramente, será seu marido, seu ‘primeiro’ amor, Henrik Sandahl. A suposta prima de Einar não carrega a mesma timidez do pintor. Logo após o Baile ocorrer, Greta, com sua inteligência perspicaz, passa a ter ciência de quem terá a supremacia do corpo, ao mesmo tempo que não sabe como uma simples brincadeira passou a se tornar realidade.

Enquanto de um lado, Einar passa sua vida produzindo e vendendo quadros que relembram sua infância melancólica e depressiva, Lili passa a ascender uma luz jamais vista em sua vida. Ao longo do romance, antes de Greta conseguir alavancar sua carreira artística, ela percebe que a cidade que o casal está inserido vive sempre do mesmo, os quadros de Bluetooth do marido são altamente reconhecidos, enquanto sua arte moderna ainda não é bem-vista pela sociedade. Greta passa a obter sucesso quando o casal se muda para buscar ajuda em Paris/França.

A primeira diferença notória entre as duas personagens que ocupavam o mesmo corpo, ocorre quando Lili afirma sua idade, enquanto, de um lado Einar possui 35 anos, ela possui apenas 24, uma mulher ainda inocente, sem ciência da ‘maldade’ presente no mundo.

Quantos anos tinha Lili? Ela era mais jovem do que Einar, que já tinha quase trinta e cinco. Quando Lili emergia e Einar se retirava, anos desapareciam: anos que haviam enrugado a testa e curvado os ombros de Einar; anos que lhe haviam imposto um silêncio resignado. A primeira coisa que se notava era a postura de Lili, seu frescor e sua agilidade. A segunda era a voz suavemente curiosa. A terceira, como relatava Greta, era o cheiro, cheiro de uma menininha que ainda não azedara (Ebershoff, 2015. p. 104-105).

É possível perceber que a partir do momento em que Lili passa a frequentar a Casa da Viúva sem aviso prévio, ainda existem mais algumas diferenças na relação entre Lili e Einar, e a qual se destaca é perceber que enquanto Einar vive como um ser anônimo dentro da sociedade, Lili passa a frequentar lugares e algumas vezes sem a companhia de Greta, como quando ela mantém seus encontros secretos com Henrik, mesmo Greta discordando dessa relação. Einar,

quando se sente pressionado por si mesmo para decidir quem seguiria com aquele corpo físico, sofre algumas humilhações públicas, e passa a questionar ainda mais sua própria identidade.

A partir da segunda parte do romance, é notório perceber que Lili passa a solidificar sua identidade na França, executando atitudes que não eram aceitas na Dinamarca, fato justificado por questões culturais e históricas nas quais a protagonista estava inserida. A troca de identidades ocorria de forma súbita, de maneira que o pintor não sabia quem iria acordar, em seu corpo no dia seguinte.

É possível encontrar um exemplo, no desenvolvimento do romance, na cena em que Lili foi banhar-se na piscina ofertada para senhoras, e permanece durante meia hora dentro da piscina, mas quando decide ir embora e vai se trocar, Einar reaparece em sua mente, e acaba sentindo vergonha ao perceber que terá que se retirar dali usando um vestido feminino.

E assim Einar via-se ali – um dinamarquês franzino, dentro de uma das cabanas para troca de roupa da melhor piscina para senhoras de Paris. A princípio, ele ficava confuso, com o olhar perdido no espelho. Não sabia onde estava, e não reconhecia o avesso da lona listada dentro da cabana. Não reconhecia os suaves ruídos feitos pelas senhoras ao nadar. No cabide, a única roupa pendurada era um simples vestido marrom com um cinto. Sapatos pretos com saltos em cunha. Uma bolsa com batom e algumas moedas. Um lenço de *chiffon* com estampa de peras. Ele era um homem, pensava subitamente, mas apesar disso, só podia voltar para casa se vestisse aquelas roupas (Ebershoff, 2015, p. 145).

A transição de identidades diferentes unidas em um mesmo corpo ocorre durante aproximadamente quatro anos, e ao longo deste período o pintor toma ciência de que enquanto sua vida está sumindo aos poucos, em outro viés, Lili Elba está se solidificando, escrevendo uma nova vida. Assim, Greta, que busca ajuda para realizar as vontades de Lili, percebe o óbito de seu segundo esposo.

Aqui, conclui-se que as idas e vindas de Lili passam a ocorrer em locais diferentes, bem como quando sua identidade passa a se tornar definitiva, na França e na Alemanha, lugares físicos que permitem comportamentos que são aceitos de forma que na Dinamarca ainda eram julgados e pré-determinados, fazendo com que Lili opte por seguir caminhos quais ela nem conhecia anteriormente. Antes de tomar ciência de quem ele era, Einar acaba buscando informações na Bibliothèque Nationale da cidade, e, diferente de alguns diagnósticos patológicos que ele recebeu pelos médicos, ele descobre que não tem problemas psicológicos, mas sim em seu corpo físico. Os diagnósticos recebidos por Einar seguiam padrões, ou seja, a sociedade estava acostumada em conhecer e seguir o mesmo caminho sempre.

Dentro do romance, é possível notar exemplos que comprovam que Einar não desenvolveu uma identidade de um homem homossexual, e que dia após dia era Lili quem

tomava posse do corpo físico. Aqui, cabe um exemplo de quando Lili se encontra com Henrik, e sentindo vontade de confessar a ele quem ela realmente era, a protagonista se assusta ao receber a resposta de seu até então, amado. Lili não se sente muito contente com a surpresa que recebe, dando um fim aos encontros escondidos de Greta, vejamos a seguir:

– Tenho uma coisa para dizer a você. Henrik pegou-lhe a mão, beijou-a e segurou-a de encontro ao peito. – Ah Lili, não diga mais nada. – disse. – Não se preocupe com nada, pois eu já sei. – Tinha uma expressão franca e as sobrancelhas erguidas. Lili retirou a mão. O parque estava silencioso; [...] O que Henrik já sabe?, perguntou-se Lili, mas logo compreendeu. [...] As sobrancelhas de Henrik continuavam erguidas um terrível tremor passou por Lili; de repente, era como se Einar fosse uma terceira pessoa ali, como se ele estivesse apenas a um passo do círculo de confissão íntima formado por Lili e Henrik, testemunhando aquilo tudo. Ali estava ele, Einar, dentro de um vestido de moça, flertando com um rapaz. Era uma visão pavorosa (Ebershoff, 2016, p. 85).

Desta forma, nota-se que dentro do romance, existe um momento em que Einar percebe que ele não é um homem cisgênero e homossexual, mas sim uma mulher transgênero e heterossexual. Assim, ao desenvolver sua identidade, Lili passa a assumir a transexualidade e transgeneridade. O relacionamento construído ao lado de Henrik prova que sim, o casal protagonista do enredo do romance, agora composto por Lili Elba e Henrik é heterossexual, pois é composto por um homem e uma mulher.

A partir do determinado momento em que Greta passa a discordar de determinadas atitudes de Lili, ela acaba justificando sua opinião negativa com um discurso ofensivo e machista, no qual elas estavam inseridas há muito tempo, ‘Ninguém pode engravidar um homem.’ (Ebershoff, 2016, p. 322), diz a ex-esposa de Einar, e aqui é possível encontrar um discurso que faz referência ao patriarcado.

O nascimento de Lili Elba ocorre contrariando muitos costumes sociais e culturais, pois em épocas passadas, nenhum tipo de comportamento que fugisse à regra seria aceito, apenas diagnosticado como estranho, errado, e encaminhado aos tratamentos ofertados pela medicina, para obter a cura. O caminho percorrido por Lili durante o desenvolvimento da obra, traz ao leitor a conclusão de que Lili surge para revolucionar muitas questões que precisavam ser enaltecidas, mostrando ao leitor que não existe limite que não possamos vencer. Após o lançamento, a obra ainda é aclamada pela sutileza como um assunto tão importante é abordado, mesmo que nos tempos atuais.

No final do romance notamos que as identidades de Lili Elba e de Einar Wegener seguem caminhos totalmente opostos, pois enquanto Einar vivia seus dias na obscuridade, Lili surgiu em sua vida para ensinar o que é ser forte, como uma luz que estava presente dentro de

seu corpo desde a sua infância, realizando suas vontades e enfrentando seus medos, atitudes que Einar jamais tomaria, caso seguisse sua vida como um pintor, até seus últimos dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise proposta inicialmente neste trabalho baseada em aporte teórico de estudiosos que trazem pesquisas a respeito de diversos conceitos de identidades, é possível concluir que tornar-se mulher ao longo de sua vida trouxe à Lili consequências positivas e negativas. A transformação de sua identidade, tanto de gênero quanto sexual, de homem para mulher transexual e heterossexual, trouxe à protagonista a exteriorização de quem ela realmente era de acordo com as mudanças tanto geográficas quanto históricas e até mesmo biológicas, as quais pudemos notar no desdobramento do romance.

É possível perceber que algumas decisões trouxeram à vida de Lili muitas consequências, sendo uma delas considerada negativa, a sua morte precoce, consequência que surge a partir do momento em que Lili toma a decisão de tornar-se mulher, mas sendo submissa ao marido e realizando seu sonho de tornar-se mãe. Nesse caso, a maternidade trouxe a ela um final triste, pois sua vida se encerra antes mesmo de realizar seu casamento e de construir sua vida ao lado do seu futuro marido.

Considerando que tal escolha leva sua vida ao fim, Lili também assume que sentiu prazer em localizar-se abaixo da identidade de um homem, neste caso, seu futuro marido Henrik. Optar pela inserção uterina realizaria o maior sonho da vida de Lili, mas acabou proporcionando a ela uma vida curta, sem dignidade de realizar seus objetivos, comprovando que as vidas de pessoas trans realmente têm durabilidade curta.

Ao analisar a obra de Eberahoff (2016), temos como principal objetivo pensar em algo novo, remetente aos direitos de cada indivíduo em exercer suas identidades de maneira livre, sem julgamentos ou preconceitos. De acordo com os teóricos e filósofos utilizados nesta pesquisa, é necessário afirmar que a identidade masculina/feminina (de gênero) homem/mulher (de sexo) segue em constante mudança, pois ela é construída ao longo da vida de acordo com costumes históricos que nos são passados. A visibilidade de identidades que fogem às regras ainda não é aceita, pois até mesmo na sociedade atual existem muitos lugares com preconceito relacionado às pessoas que tenham identidades moldadas de maneira diferenciada de homem ou mulher ou que estejam localizadas fora da ‘heterossexualidade’ e ‘homossexualidade’, questões padronizadas pela sociedade.

Em casos de pessoas que se situam em identidades que se encaixam fora da cisheteronormatividade, seus destinos são levados a um único lugar, a morte, que muitas vezes ocorre por motivos banais, por preconceito da sociedade que não aceita e não respeita identidades divergentes dos padrões historicamente estabelecidos.

Sabemos que, ao entrar em contato com o romance, é possível encontrar realizações de mudanças que, na época de ambientação do romance, na década de 1930, eram consideradas doenças, como foi possível notar em determinadas situações enfrentadas por Lili em sua busca por diferentes médicos e recebendo o diagnóstico de transtornos psíquicos, algo que poderia ser considerado um fator totalmente fora da realidade que estaria em desenvolvimento no enredo do romance.

Não se sabe quais costumes eram aceitos ou ‘obrigatórios’ na sociedade da década de 1930 – considerando que neste trabalho, não abordamos questões históricas –, por conseguinte, não podemos afirmar se as mudanças de identidades ocorrem da mesma maneira em que ocorre na obra. Vale ressaltar e relembrar que a obra é uma ficção.

Quando Ebershoff (2016) justifica a inspiração em Lili Elbe para escrever o romance, o autor coloca que a história presente no romance é totalmente fictícia, mas traz consigo a inspiração da pioneira e primeira mulher trans registrada na Dinamarca que teve seu caso divulgado e até mesmo aplaudido em determinados lugares pela coragem de ser e assumir quem ela realmente gostaria de ser com determinação em busca de seus desejos pessoais.

Mesmo em ciência das consequências pelas quais ela estava disposta a passar, Lili segue firme com a certeza da realização da sua maior vontade, tornar-se mãe, a mulher ‘submissa’ que dedica seu tempo cuidando do marido, da casa e dos seus filhos. A vontade carregada em seu peito em várias fases de sua vida torna-se real em sua fase adulta, mesmo que de maneira incompleta.

O direito de assumir a identidade com a que nos identificamos deveria ser algo normal, mas a aceitação ainda não tem a visibilidade que merece. Mesmo em nossa cultura atual, e apesar de todas as evoluções pelas quais já passamos, aos poucos, existem comunidades que recebem maior valorização do que outras, aqui, encaixando os conceitos já trabalhados a respeito do conceito de patriarcado.

O desenvolvimento do gênero que fazemos parte é construído ao longo da vida, tendo como base momentos históricos que vivemos durante fases da nossa vida. Os costumes que são passados de geração para geração são impostos pelas sociedades em que estamos inclusos e o indivíduo pode optar por seguir à risca ou não.

O desenvolvimento do romance se transforma no exemplo de superação, relacionando algumas dificuldades pelas quais é possível passar diariamente quando tomamos decisões capazes de modificar uma identidade (de gênero ou sexual) ou qualquer outro ponto em que ela se encaixe, decisões opostas aos costumes que são impostos e relacionados diretamente à cultura em que o indivíduo está inserido.

Ao notar os questionamentos que surgem na mente de Lili ao tomar algumas decisões não permitidas no contexto histórico em que a protagonista estava inserida, o leitor comprova que sim, naquela época era necessário seguir regras que lhes eram impostas sem qualquer questionamento e que caso optasse por quebrar alguma regra, o sujeito seria diagnosticado com alguma doença ou transtorno mental. Durante o desenvolvimento do romance é possível notar que antes da decisão final de sua vida, Einar teve alguns pensamentos suicidas.

Desta forma, dentro do romance temos a comprovação de que as regras impostas pela sociedade ao longo da vida dependem dos locais geográficos em que estamos inseridos historicamente e sendo comprovada ao longo da obra, pois a personagem principal transforma completamente sua vida quando Lili Elba percebe que, para solidificar suas mudanças, é necessário sair de seu lugar de origem e procurar um novo lugar.

Lili nasce fora de Copenhague, em Paris, e ainda tem a certeza de que seu futuro lar, ao lado do futuro marido, será em Nova York. A ênfase na identidade de Lili ocorre quando Greta oferta alguns quadros de Einar para que o pintor ressurja em sua memória, mas Lili não tem apego algum com as obras e pede que Greta se desfaça delas, pois seu marido não iria querer esses quadros em sua futura casa.

Os desejos peculiares que Greta carrega durante o romance podem ser comprovados quando, ao desenvolver a identidade de Lili ao lado do marido, Greta demonstra o desejo de continuar seguindo sua vida ao lado, agora da melhor amiga, porém, ao mesmo tempo, Lili acaba demonstrando que seus desejos acabam se diferenciando, pois ela afirma que a sua maior vontade é casar-se e construir sua família apenas ao lado de Henrik, fato que foi percebido por Greta algum tempo mais tarde. Quando Greta passa a compreender que as atitudes de Lili excedem determinados limites, ela decide que sua vida fará mais sentido se ela se afastar da protagonista que, até algum tempo atrás, ainda era sua melhor companhia.

Ainda assim, Lili passa por determinadas dificuldades enfrentando julgamentos e preconceitos até seu último momento de vida. A realização de um dos últimos desejos de Lili Elba era tornar-se mãe ao lado de seu novo companheiro de vida e, para que isso fosse possível, ela receberia o implante de um útero saudável assim como a inserção dos ovários, proporcionando a ela a realização deste sonho. Infelizmente, Lili acaba falecendo em decorrência de uma infecção generalizada após a inserção do útero.

Os costumes seguidos na Califórnia e na Dinamarca eram totalmente diferentes e é possível notar em Greta, considerada uma mulher acima de seu tempo, que ela não se importava com o que a sociedade pensava a respeito dela. Esses costumes californianos ajudaram a artista a influenciar seu marido em busca de uma vida diferente. As diferentes maneiras de pensar e de

cultivar a cultura dentro de uma sociedade foram os primeiros motivos que a levaram a sair da Dinamarca e muda-se para Paris, recebendo assim toda a atenção necessária para que conseguisse caminhar ao encontro de um dos maiores objetivos de sua vida.

Ao lançar a obra, Ebershoff (2015) teve por objetivo reafirmar que a identidade transgênero e transexual seguem caminhando lentamente em busca de uma visibilidade que ainda não a recebe e que, apesar de estarmos situados historicamente em um momento diferente ao da obra, ainda existe muita luta e desafios a serem vencidos.

Inseridos na sociedade atual, aprendendo e seguindo os costumes históricos que nos são passados, a construção identitária atualmente já possui uma evolução em questões médicas, sociais, históricas, entre outras, mas ainda não é o suficiente para afirmar que o patriarcado já não está presente em determinados lugares. Desta forma, é necessário seguir regras e consequências, tais como as que a protagonista enfrentou ao longo do romance.

Assim, de acordo com os conceitos trazidos por teóricos aqui mencionados, afirmamos que, mesmo na sociedade atual, ainda existem costumes que inserem a identidade do homem acima da identidade da mulher, e isso nos leva a executar uma busca diária para que seja possível afirmar que todos desfrutem de direitos iguais, independente de qual identidade carregue, seja ela diferenciada no gênero, na sexualidade, na raça ou qualquer outro ramo, construída através da cultura em que estejamos inseridos. Sendo assim, seria possível viver e realizar sonhos ou vontades, por mais simples que sejam.

Infelizmente, questões sociais relacionadas ao patriarcado ainda existem e em alguns lugares elas precisam ser cumpridas, determinando comportamentos rígidos a serem seguidos, tanto para os homens quanto para as mulheres, deixando de fora qualquer outro tipo de identidade que esteja distante de padrões pré-estabelecidos. Um exemplo de luta diária para conseguir adquirir tais direitos são os indivíduos que integram as comunidades LGBT. A ousadia de tais mudanças torna o ser humano relacionado à coragem, comportamento que, em alguns lugares, ainda não é aceito de maneira natural.

O exemplo do nascimento de Lili Elba no romance mostra o acontecimento que transforma uma vida simples e pacata em uma montanha russa cheia de novidades e possuindo cargas positivas e negativas, desafios que as personagens teriam que passar. A aparição inicial de Lili com o objetivo de finalizar um quadro tomou proporções inimagináveis que, futuramente passam a ter como maior consequência a reviravolta que ocorre tanto no futuro de Einar como no futuro de Greta, pois, apesar de estar ao seu lado todo o tempo, suas vidas acabam seguindo caminhos diferentes a partir do momento em que Greta discorda de certas atitudes pensando

que Lili está ultrapassando alguns limites e então decide afastar-se abrindo mão de sua felicidade pelo bem de outra pessoa.

Essa pesquisa não supre tais necessidades sociais, mas leva ao leitor a vontade de procurar mais informações a respeito dos seus direitos em busca de uma comunidade que siga de forma igualitária para todos e todas independentemente de sexo, gênero, raça, costumes culturais ou qualquer outro quesito. Tendo como base os estudos da sociedade atual, é possível afirmar que a identidade feminina não nasce pronta, construída ou sólida, mas passa a ser construída ao longo da vida, como é possível ver nas definições presentes ao longo da caminhada do feminismo.

Os benefícios, tanto relacionados à educação quanto os do progresso científico, comprovam que as buscas da mulher pelo reconhecimento de sua identidade não carregam benefícios próprios, mas sim uma relação lado a lado com o significado do termo “indivíduo”, que vai afirmar e demonstrar a existência de pessoas únicas e de como desenvolvem suas identidades de acordo com suas necessidades ao longo da vida. A diversidade da cultura na qual estamos inseridos também vem a facilitar o desenvolvimento de identidades de gênero, pois elas podem se encaixar em uma ou até mesmo mais categorias.

Quando abordamos assuntos relacionados diretamente com a construção de identidades, sendo elas sexuais e/ou de gênero, logo pensamos em regras que são impostas pela sociedade na qual estamos inseridos e que são cumpridas à risca ao longo da vida de cada um. Se basearmos os nossos estudos no momento histórico atual, é possível afirmar que a identidade feminina não nasce previamente construída ou solidificada, mas passa a ser construída ao longo da vida, como vemos nas definições presentes no feminismo. Várias/os pesquisadoras/es ainda afirmam que a diferença mais sólida neste quesito se encaixa entre sexo e gênero, sexo sendo relacionado a questões físicas e biológicas, enquanto o gênero passa a ser construído de acordo com o desenvolvimento e escolhas feitas ao longo da vida, bem como costumes pelos quais o indivíduo vem a aprender e passar de geração para geração.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS. **Maternidade compulsória**: a realidade das mães arrependidas. Por Agência de Notícias - CEUB, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/saude/maternidade-compulsoria-a-realidade-das-maes-arrependidas/#:~:text=%E2%80%9CDe%20uma%20forma%20simples%2C%20a,da%20mulher%20%C3%A9%20ser%20m%C3%A3e>. Acesso em: 08 mai. 2024.

AGÊNCIA AIDS. **iG Queer: Afinal, o que é gênero-fluido? Entenda as nuances da identidade**. 2022. Disponível em: [https://agenciaaids.com.br/noticia/afinal-o-que-e-genero-fluido-entenda-as-nuances-da-identidade/#:~:text=O%20termo%20%E2%80%9Cgenderfluid%E2%80%9D%20\(%E2%80%9C,o%20neutro%2C%20entre%20outras%20varia%C3%A7%C3%B5es](https://agenciaaids.com.br/noticia/afinal-o-que-e-genero-fluido-entenda-as-nuances-da-identidade/#:~:text=O%20termo%20%E2%80%9Cgenderfluid%E2%80%9D%20(%E2%80%9C,o%20neutro%2C%20entre%20outras%20varia%C3%A7%C3%B5es). Acesso em: 08 mai. 2024.

ALVARES, Jurenice Picado. A garota dinamarquesa: Lili Elbe. **IDE**, 40 [64], São Paulo, dez. 2017, p. 185-197. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v40n64/v40n64a15.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

ANTRA. **Como acessar o SUS para questões de transição?** Direitos e Política, Saúde. 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/07/27/como-acessar-o-sus-para-questoes-de-transicao/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BAGAGLI, Bia Pagliarini. Breve levantamento de questões transfeministas e o caso brasileiro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 344-351.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Volume 2. Trad. Sérgio Milliet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BHABHA, Homi, K. **O local da cultura**. Trad. Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUTLER, Judith P. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: BUTLER, Judith P. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213-230.

BUTLER, Judith P. Desdiagnosticando o gênero. Trad. André Rios. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, 19 [1], Rio de Janeiro, 2009, p. 96-126.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CAMPOS, Amanda Rayra Dias. **A Garota Dinamarquesa**: uma análise a transgeneridade e suas implicações. Teoria e pesquisa em psicologia, 2023, p. 30-52. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-garota-dinamarquesa-uma-analise-a-transgeneridade-e-suas-implicacoes>. Acesso em: 13 mar. 2024.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco; Revisão técnica de Cezar Mortari. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EBERSHOFF, David. **A Garota Dinamarquesa**. Trad. Paulo Reis. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fábrica 321, 2016.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

FRASER, Nancy. **Destinos do feminismo**: do capitalismo administrado pelo estado à crise neoliberal. Trad. Diogo Fagundes. 1ª ed. São Paulo: Biotempo, 2024.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. In: **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 25-46.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

GUEDES, Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso? **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, 1995, p. 4-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/np6zGkghWLVbmLtdj3McywJ/>. Acesso em: 10 out. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; trad. Adelaine La Guardia Resende [et al.]. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HARAWAY, Donna. O Manifesto ciborgue: a ciência, a tecnologia e o feminismo socialistas nos finais do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Org. e Trad. Tomaz Tadeu. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em: <https://labds.eci.ufmg.br/bitstream/123456789/96/1/07.%20Orienta%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20identidade%20de%20g%C3%AAnero%20conceitos%20e%20termos%20Autor%20Jaqueline%20Gomes%20de%20Jesus.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

LOPES, Vasco David. **A ficcionalização do real**. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/lopes->

[vasco-ficcionalizacao-do-real.pdf](#). Acesso em: 08 maio 2024.

MODESTO, Edith. Transgeneridade: um complexo desafio. **Via Atlântica**, v. 14, n. 2, p. 49-65, São Paulo, dez. 2013. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/57215/0>. Acesso em: 08 maio 2024.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo / Feminismos Plurais**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Thomaz Tadeuda Silva. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2019, p. 157-190.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ROCHA, Eli Bruno do Prado. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos Pet- filosofia**, v. 18, n. 2, ago. 2020, p. 59-103. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/petfilo/issue/view/3005/694>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SCOTT, Joan W. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Trad. Élvio A. Funck. Apresentação Miriam P. Grossi. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. **Educação & Realidade**, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 13 mar. 2023.

VIEIRA, Helena. O transfeminismo como resultado histórico das trajetórias feministas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 351-367.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade**. Trad. Tadeu Thomas da Silva. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.